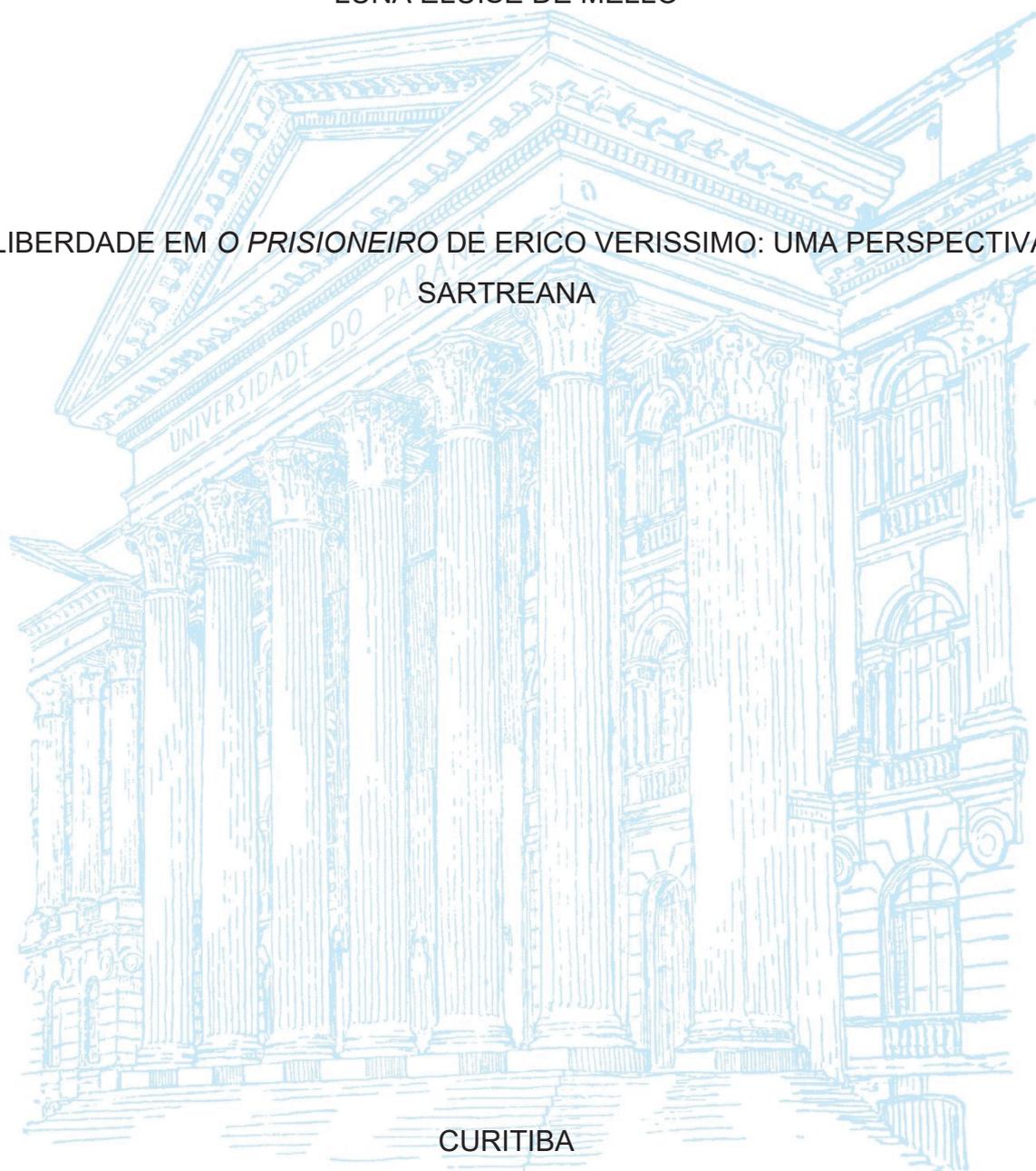


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUNA ELUISE DE MELLO

A LIBERDADE EM O *PRISIONEIRO* DE ERICO VERISSIMO: UMA PERSPECTIVA  
SARTREANA



CURITIBA

2022

LUNA ELUISE DE MELLO

A LIBERDADE EM O *PRISIONEIRO* DE ERICO VERISSIMO: UMA PERSPECTIVA  
SARTREANA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Mello, Luna Eluise de

A liberdade em *O Prisioneiro* de Erico Verissimo : uma perspectiva sartreana. / Luna Eluise de Mello. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão.

1. Verissimo, Erico, 1905-1975. 2. Sartre, Jean-Paul, 1905-1980. 3. Liberdade na literatura. 4. Racismo na literatura. 5. Literatura brasileira. I. Brandão, Bernardo Guadalupe dos Santos Lins, 1981-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -  
40001016016P7

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de LUNA ELUISE DE MELLO intitulada: **A LIBERDADE EM O PRISIONEIRO DE ERICO VERISSIMO: UMA PERSPECTIVA SARTREANA**, sob orientação do Prof. Dr. BERNARDO GUADALUPE DOS SANTOS LINS BRANDAO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Agosto de 2022.

Assinatura Eletrônica

24/08/2022 17:55:490

BERNARDO GUADALUPE DOS SANTOS LINS BRANDAO  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

23/08/2022 18:11:200

MARILENE WEINHARDT

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

23/08/2022 17:46:300

FERNANDA ALT

Avaliador Externo (56002521)

Para minha família.  
Com amor e gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

A Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão, meu orientador, que mesmo pesquisando temas diferentes dos meus aceitou de imediato me orientar por amar a união entre a filosofia e a literatura. E, ao encontrar uma pesquisa disposta a relacionar ambos os temas, aceitou embarcar nessa busca pelas aproximações de ambas as áreas e permitiu que este trabalho fosse possível.

A Fernanda Alt, membro da banca examinadora, por sua generosidade intelectual. Suas conversas e indicações foram fundamentais para o melhor entendimento da filosofia complexa de Sartre, bem como o conhecimento da obra de Frantz Fanon. Suas sugestões de leitura foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

A Marilene Weinhardt, professora e membro da banca examinadora, pelo cuidado, dicas e incentivos dentro e fora da sala de aula. Sua acolhida e apoio foram de extrema importância para a escrita do trabalho. A indicação de leituras para aprimorar a fortuna crítica da pesquisa me ajudou a aprofundá-la e reconhecer a importância de Erico Verissimo para a literatura brasileira.

À minha família. Primeiramente aos meus pais, Denise Aparecida Serena de Mello e José Eluir de Mello, pelo amor, apoio emocional e suporte financeiro durante o desenvolvimento da pesquisa, da mesma forma que ao longo da minha trajetória acadêmica; à minha irmã Estrella, que, como o nome já diz, ilumina o caminho e inspira outras mulheres a serem tão fortes e resilientes como ela: obrigada por ser minha inspiração, meu suporte e minha amiga por todos esses anos; ao meu irmão Eros, pela paciência em ler e apontar alguns deslizes no trabalho escrito, como também pelo apoio e compaixão em tempos de isolamento e pressão que enfrentamos.

A Thiago Oliari, meu terapeuta, por acompanhar de perto essa trajetória de pesquisa e fazer com que eu me sentisse pertencente ao mundo acadêmico do mestrado, mesmo em tempos de pandemia, com aulas remotas, sem a interação com os colegas.

Às minhas colegas da pós-graduação, em especial a Liliâne Mendonça Duarte e a Valéria Evencio de Carvalho, pelas dicas, incentivos e disponibilidade para dialogar sobre as aulas, os temas de nossas pesquisas e sobre a vida! Vocês fizeram a diferença!

Aos meus amigos, pelo carinho, companheirismo e entusiasmo. Por me incentivarem a seguir em frente e me ajudarem a não desistir do meio acadêmico. Em especial à Amanda Berce, ao Fernando de Oliveira Gonçalves, ao Igor Strogenski e à Millene Neuhaus Suzuki.

A Zama Caixeta Nascentes, professor que me incentivou a ler a obra *O prisioneiro* e investigar a liberdade presente no romance. Agradeço o apoio, o incentivo, as conversas e, sobretudo, a amizade.

À CAPES pelos auxílios concedidos, os quais ajudaram significativamente a realização desta pesquisa, principalmente em tempos conturbados de pandemia e isolamento.

*Mas deixa também um lugarzinho na tua Sociedade Nova para os humanistas. A Filosofia não é tão inútil como parece. E o homem necessita de música, de poesia — e que diabo! — precisa também aprender a usar bem o lazer que um dia a ciência, ajudada pela técnica, lhe há de proporcionar. Em suma, a técnica nos fornece os meios. O humanismo nos orienta quanto aos fins. E não concebo humanismo sem ciência. (Erico Verissimo, Incidente em Antares).*

## RESUMO

A presente pesquisa debruça-se sobre o romance *O prisioneiro* de Erico Verissimo para investigar a *liberdade* presente na obra. A análise literária aborda o romance de diversas maneiras, relacionando teorias existencialistas sartreanas utilizadas como referencial teórico, assim como se utiliza de outros filósofos contemporâneos de Sartre para enriquecer a análise. É importante observar na escrita de Verissimo que a escolha da ambientação, o não nomear os lugares, nem os eventos que aconteceram ou ainda as personagens na narrativa demonstram o engajamento do autor ao escrever esse romance. Sartre é utilizado como referencial teórico e sua filosofia é utilizada por diversas vezes para aprofundar a pesquisa acerca dos personagens e de suas motivações. Ao longo do desenvolvimento do estudo, foram analisadas todas as personagens do romance e como elas não se sentem livres ao longo da história. Analisou-se também o racismo descrito e criticado pelo autor, bem como o suicídio: temas de extrema importância para se debater atualmente e que possuem relação direta com a liberdade. Neste trabalho são apresentados os eventos históricos que podem ser relacionados aos descritos na narrativa e apontamos a liberdade sartreana que se encontra nas tomadas de decisões das personagens. Dessa maneira, em diferentes aspectos, a liberdade é considerada o cerne da obra de Verissimo, e Sartre é o pensador contemporâneo do romancista que melhor condiz com suas ideias e que pode proporcionar maior entendimento à obra. De certo modo, há uma relação de aproximação entre a obra de Verissimo e a filosofia de Sartre, pois ambos eram humanistas e engajados em suas sociedades.

**Palavras-chave:** O Prisioneiro; Liberdade; Racismo; Erico Verissimo; Jean-Paul Sartre.

## ABSTRACT

The present research focuses on the novel *The Prisoner* by Erico Verissimo to investigate the *freedom* inside this book. Literary analysis approaches the novel in different ways, relating Sartre's existentialist theories used as a theoretical framework, such as other philosophers contemporary to Sartre to enrich the analysis. It is important to register in Verissimo's writing that the choice of setting, the suppression of names, the places, the events that happened, or the characters in the narrative demonstrate the author's engagement in writing this novel. Sartre's work is used as a theoretical reference and his philosophy is analyzed several times to deepen the research about the characters and their motivations. Throughout the development of the study, it was analyzed all the characters in the novel and how they do not feel free throughout the story. It is also analyzed the racism described and criticized by the author, as well as suicide: topics of extreme importance to be debated nowadays, besides being topics that have a direct connection with freedom. In this dissertation it is presented the historical events that can be related to those described in the narrative and pointed out the Sartrean freedom that is found in the decision-making of the characters. In this way, in different aspects, freedom is considered the core of Verissimo's novel, and Sartre is the contemporary philosopher of the novelist who best matches his ideas and brings greater understanding to the work. In a way, there is a close relationship between Verissimo's work and Sartre's philosophy, as both were humanists and engaged in their societies.

**Keywords:** The Prisoner; Freedom; Racism; Erico Verissimo; Jean-Paul Sartre.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
2	AMBIENTE OPRESSOR.....	16
3	PRECONCEITOS .....	25
4	FOGO COMO LIBERTAÇÃO.....	33
5	A PROFESSORA .....	44
6	A LIBERDADE DE DECIDIR.....	62
7	A MULHER BRANCA E O HOMEM PRETO .....	71
8	O ENGAJAMENTO DO TENENTE .....	80
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	88
	REFERÊNCIAS.....	90

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho realizamos uma análise da obra *O prisioneiro* (1995) de Erico Verissimo, utilizando como referencial teórico os textos filosóficos de Jean-Paul Sartre. O que aproxima os autores, além de serem contemporâneos e nascidos no mesmo ano, é o interesse de ambos pela liberdade. Verissimo se considerava apenas um “contador de histórias” e nunca quis participar de política, para não perder sua liberdade enquanto escritor. Entretanto, seu posicionamento frente a regimes totalitários e discriminações aparece em suas obras. Seu engajamento na literatura permite que olhemos para o autor com a certeza de que a liberdade estava presente em suas obras, principalmente na obra analisada, cujo título significa o oposto à liberdade.

Para Sartre, um dos maiores filósofos que discorreram sobre a liberdade na história da filosofia contemporânea, o engajamento de um escritor de literatura é fundamental por conta da responsabilidade social e da dedicação aos leitores, pois, segundo o filósofo em sua obra *Que é a literatura?* (2015), todo texto escrito é direcionado a alguém e o escritor deve ter o cuidado de pensar no que diz, de que maneira o diz, além de para quem o diz.

Sartre foi um filósofo engajado, participou ativamente da Segunda Guerra Mundial, além de ser reconhecidamente um militante político, crítico literário e jornalista que fundou a revista filosófica *Les temps modernes* (1944), na qual reunia os maiores pensadores existencialistas da época. Suas problematizações nos levaram a paradoxos como o da necessidade da liberdade, pois o homem ao longo de sua existência não tem outra escolha a não ser escolher.

No romance *O prisioneiro* (1995), publicado em 1967, a liberdade é problematizada em cada uma das personagens e, segundo o próprio autor, nenhuma delas parece ser livre. Seja por sua cor, sua origem, seu gênero ou pelo fato de estarem inseridas em uma guerra. Para demonstrar esse pensamento, na entrevista do lançamento do livro, Verissimo afirma: “Procurei deixar que os personagens vivessem a sua vida, ao mesmo tempo em que os fixei como peças da grande Engrenagem (sim, até no sentido sartreano).” (VERISSIMO, 1999, p. 38). Desse modo, percebe-se que Verissimo conhecia Sartre, uma personalidade filosófica famosa de sua época. É importante notar que a palavra “Engrenagem” aparece no romance com a primeira letra maiúscula por três vezes: uma vez na

página 77 e duas vezes na página 178, assim como na página 38 de seu livro de entrevistas (citação acima). Isso evidencia a importância de mostrar que as personagens podem ter suas escolhas individuais, mas estão presas dentro da sociedade em que se encontram, e a liberdade experienciada por elas é limitada devido à guerra que enfrentam. (VERISSIMO, 1999).

Sartre escreveu a peça de teatro *A Engrenagem* (1948), que evidencia sua teoria existencialista e explica como o homem não se sente livre, apesar de o ser. Desse modo, pode-se inferir que Verissimo tinha o conhecimento desta peça, uma vez que em 1960 ela foi encenada no Brasil (NUNES, 2009) pelo grupo de teatro Oficina, dirigido por Augusto Boal, e, de acordo com o filósofo Gerd Bornheim, a visita de Sartre ao Brasil na década de 1960 foi para dar apoio à esquerda brasileira que naquele período se rebelava contra a ditadura<sup>1</sup>. Ao citar o termo “Engrenagem”, o romancista talvez fizesse uma referência à filosofia sartreana, para evidenciar que de algum modo seu romance também seria existencialista, com apontamentos políticos e sociais da época, mostrando o mecanismo complexo que aquela guerra poderia se tornar. Na peça de teatro mencionada temos a história de uma revolução que derruba ditadores de um país latino-americano, sendo que a personagem principal vai ser julgada e possivelmente condenada à morte por seus companheiros. Ela havia iniciado sua caminhada de ascensão ao poder com a ajuda de seus colegas, com promessas de mudar o sistema assim que conquistasse o cargo mais poderoso, e, quando consegue realmente fazer a diferença, acaba se aliando aos opressores dentro de um sistema que compactua com as desigualdades. É um texto que nos evidencia o quão preso o homem se sente dentro de um mecanismo, tal qual uma peça de uma grande engrenagem, e a única movimentação que tem é a de continuar exercendo a liberdade à qual está condenado, sem conseguir efetivamente quebrar esse mecanismo: o homem é corrompido. E, desse modo, suas escolhas serão sempre julgadas pelos outros, que não compreendem a impotência desse homem diante da complexidade do sistema, ou nem mesmo a máquina na qual estão inseridos.

Citando um dos maiores comentadores de Verissimo, Flávio Loureiro Chaves, vemos a importância da denúncia dessa engrenagem social presente em

---

<sup>1</sup> “Na época do existencialismo, a juventude meio rebelde da época era sartreana. Mas até que ponto se conhecia Sartre, é difícil dizer. Essa influência foi mais pela literatura, pelos romances”. (NUNES, 2009, p. 14).

outras obras de Verissimo, não apenas no romance analisado, algo que se torna importante para o autor evidenciar nos romances escritos na década de 60:

Não resta dúvida de que *Caminhos cruzados*, definindo o estilo de Erico Verissimo, aponta alguns rumos mantidos nos livros subsequentes. Por via da influência de Huxley e da literatura anglo-saxônica nos primeiros trinta anos deste século, o romance que ele passa a escrever não se ocupa apenas com a revelação da engrenagem social, mas, também, com a discussão e julgamento dos seus mecanismos. É a partir daí que ele analisa o indivíduo na projeção de sua humanidade. (CHAVES, 1976, p. 27).

Na peça de Sartre, assim como no romance de Verissimo, temos a saga de um homem que é modificado ao longo da narrativa pelo sistema no qual se encontra. As escolhas de ambas as personagens as levam para um fim trágico, não exatamente o fim que elas escolheram. Veremos mais adiante como a personagem do tenente, protagonista de *O prisioneiro*, evolui ao longo da narrativa. Entretanto, é importante afirmar que romances existencialistas tendem a ter um fim diferente dos finais idealizados ou românticos, e as escolhas das personagens nem sempre condizem com o que de fato elas queriam escolher.

Dessa maneira, podemos afirmar que a filosofia sartreana faz-se presente no romance, não por acaso, e o autor utiliza-se dela para construir a ambientação e as decisões que são tomadas na narrativa. É relevante dizer que Verissimo conhecia os textos sartreanos, muito provavelmente por seu interesse no tema da liberdade: “Não me interessa por ambientes e acho que nem os enredos me importam muito. O que me importa é o homem. Livre.” (VERISSIMO, 1999, p. 201). Além disso, vale ressaltar que ambos os autores eram humanistas, preocupados com os eventos de sua época: as duas Grandes Guerras (1914–1918, 1939–1945) e a Guerra Fria (1947–1991), assim como ponderavam de que maneira a humanidade se recuperaria de tantos horrores que ela mesma causou. Essas problematizações são importantes e o debate sobre esses temas faz-se atual. Falar sobre temas como a privação da liberdade, o racismo, o suicídio e a guerra é fundamental nos dias de hoje, uma vez que a história tende a se repetir caso não haja reflexão sobre ela, e não podemos permitir uma sociedade em que não se tolerem as diferenças e na qual a liberdade não encontre possibilidades de se tornar realidade.

O romance *O prisioneiro* (1995) discorre sobre os horrores da Guerra do Vietnã (1955–1975), que estava acontecendo quando o livro foi escrito. Verissimo escreve sobre temas relevantes para a sociedade, tais como liberdade, guerra, prisão, tortura, racismo, angústia, suicídio, dentre outros, ao longo da narrativa. A

presente pesquisa tomará o romance como linha temporal dos eventos narrados e relacionará, à medida que surgem no texto literário, a filosofia sartreana aos temas abordados pelo romancista.

A personagem principal do romance é descrita por Verissimo como um tenente norte-americano negro, que está a um dia de retornar para casa. Marcam-no traumas advindos de vivência nos Estados Unidos, devido ao preconceito racial que sofreu. As noções de liberdade, suicídio, racismo, angústia e má-fé serão analisadas aqui de acordo com os estudos de Sartre, e algumas vezes explicadas pelo comentador sartreano Paulo Perdigão.

A noção de liberdade para Sartre é algo que transcende o homem. É importante esclarecer aqui que a palavra “homem” será empregada no sentido mais amplo, pois quando Sartre diz “o homem”, entende-se uma referência a toda e qualquer realidade humana, sem nos atermos ao fato de o filósofo ter empregado esse termo tendo um ponto de vista do “homem burguês branco cis hétero” daquela época. Este trabalho não tem por objetivo aplicar o feminismo que surgiu com Simone de Beauvoir e nem utilizar outro referencial teórico, como Frantz Fanon, para problematizar a fala do filósofo francês. Procurarei me ater à contemporaneidade da época, e utilizarei o termo “homem” para descrever qualquer pessoa inserida na sociedade. Ao utilizarmos a ideia de “transcendência” em relação à liberdade, queremos dizer que esse termo para Sartre: “indica a intencionalidade da consciência, o movimento da consciência para sair fora de si e atingir seu objetivo, a faculdade do Para-Si de ultrapassar-se para o mundo”. (PERDIGÃO, 1995, p. 48). Desse modo, o que queremos dizer é que a liberdade no sentido sartreano é maior do que as escolhas individuais das pessoas. Assim, o filósofo afirma em sua conferência intitulada *O existencialismo é um humanismo*, publicada em 1946, que a liberdade está intimamente ligada ao homem: “o homem é livre, o homem é liberdade, [...] o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 2012, p. 33). Conseqüentemente, as escolhas do homem permitem que ele seja livre, e, ao escolher individualmente, o homem acaba escolhendo ao mesmo tempo para toda a humanidade. Quando o filósofo diz que estamos condenados a sermos livres, ele quer evidenciar que a liberdade é algo da qual a humanidade não consegue se desvencilhar. Se somos condenados a algo, não estamos livres para escolher. Entretanto, quando se diz que somos condenados à liberdade, tem-se um paradoxo filosófico. Esse paradoxo é base para compreender a ontologia sartreana acerca da

liberdade do ser.

De acordo ainda com Perdigão: “A liberdade desponta já na origem do Para-Si. Ao escapar ao Ser, recuando diante dele, o Para-Si expressa essa liberdade, porque, não fosse livre, permaneceria encarcerado no Ser” (PERDIGÃO, 1995, p. 86). De acordo com o comentador sartreano, o Para-Si é um projeto que fazemos de quem queremos ser, e o Em-Si é uma realidade objetiva. O pesquisador afirma ainda que “é o Para-Si que atribui sentido às coisas e delas faz um “motivo” para seu ato”. (PERDIGÃO, 1995, p. 94). Assim, temos a ideia de que o homem não está dado de antemão, é o projeto do que quer vir a ser que resulta naquilo que o homem irá se tornar. E, assim, é a liberdade que permite a nadificação<sup>2</sup> do Ser, temporalizando-o, sempre se lançando ao futuro e buscando desvencilhar-se do passado. O homem se faz ao longo de seu caminho, sempre tendo em vista os futuros possíveis, sem preocupar-se com o passado, uma vez que esse passado é o que Sartre chama de Em-Si, ou seja, aquilo que já foi e não se pode alterar. Retomaremos as explicações desses termos mais adiante, na medida em que forem surgindo aproximações da filosofia sartreana no romance de Verissimo.

---

<sup>2</sup> De acordo com Sartre, o nadificar seria o mesmo que deixar de escolher as infinitas possibilidades que, por sermos seres livres, temos de escolher.

## 2 AMBIENTE OPRESSOR

Primeiramente, analisaremos as descrições de ambientes da obra e como o autor ficcionaliza os acontecimentos da Guerra do Vietnã sem fazer referência direta àquele momento na história, nem ao lugar onde os eventos se passaram. Sabe-se que a obra é uma ficção política, não um romance histórico. No entanto, faz-se correlação entre os fatos históricos do momento da leitura e o que é descrito no romance, como veremos a seguir. Verissimo inicia a narrativa descrevendo a atmosfera do romance, evidenciando a sensação de aprisionamento:

Maio findava, haviam já começado a soprar as monções de sudoeste, mas naquele entardecer mormacento fizera-se uma súbita calma em toda a região. Era como se a abóbada celeste, emborcada como uma ventosa sobre a terra, tivesse sugado quase todo o ar dum largo trato de planície, montanha e mar. (VERISSIMO, 1995, p. 7).

No trecho acima, percebe-se que a cidade está localizada numa região de clima tropical. Temos aqui um lugar que propicia o sentimento de cansaço e de calor. Percebemos que há montanhas e mar na região, além de saber-se com essas informações que a monção de verão, com duração de maio até outubro, trazia um clima quente e úmido a todo o país.

Ainda no primeiro parágrafo, o texto segue com a descrição do ambiente: “E a velha cidade imperial, de tão ilustres palácios, templos e tumbas, ali plantada sobre ambas as margens do rio, parecia um organismo vivo, palpitante e intumescido, a sufocar à míngua de oxigênio” (VERISSIMO, 1995, p. 7). A cidade não é nomeada, apenas temos descrições que podem ser relacionadas ao Vietnã. Segundo Maria da Glória Bordini (2012), Verissimo se inspira para representar Hué<sup>3</sup> no romance, localizada no centro do Vietnã, próxima à antiga divisa entre o norte e o sul. Abordando a liberdade presente na obra, percebe-se que o autor evidencia um sufocamento que as personagens sentem devido à falta de ar e ao calor. Essas duas sensações em conjunto aparecem como uma forma de opressão no romance, e as descrições de calor sufocante como forma de aprisionamento são recorrentes na narrativa, o que nos mostra que além da situação de guerra que enfrentam, o clima da cidade não ajuda para que as pessoas se sintam livres.

---

<sup>3</sup> “Duas cidades se contrapõem em *O prisioneiro*: uma cidade imperial, cujo desenho é o da Hué vietnamita – em virtude da menção ao rio, à cidadela murada e proibida e ao Palácio da Harmonia Perfeita – e uma cidade fictícia do Extremo Oriente, colonizada e ocidentalizada.” (BORDINI, 2012, p. 255).

O “organismo vivo” é como a cidade fictícia é chamada, uma estrutura complexa e viva, repleta de micro-organismos convivendo naquela sociedade, mas que pode morrer em decorrência da guerra, a qual pode ser considerada como uma doença atacando esse organismo. O termo “intumescido” no trecho citado acima significa que a cidade está inchada, lotada de estrangeiros que a deixam palpitante, debilitada. O “sufocar à míngua de oxigênio” demonstra a fragilidade desse organismo, que não pode fugir do conflito que está acontecendo e fica sem oxigênio na medida em que a guerra se intensifica. Verissimo inicia o segundo parágrafo afirmando que “Fazia um calor ardente de febre” (VERISSIMO, 1995, p. 7), confirmando todo esse mal-estar descrito no primeiro parágrafo. Isso mostra que os cidadãos se sentem como se estivessem numa prisão: sem conseguir fugir, num lugar quente, onde há uma sensação de escassez de oxigênio, de privação de liberdade e de morte por conta da guerra.

O texto literário continua descrevendo os ambientes, mas o trecho que vem na sequência traz a informação do que sobrou no asfalto, após o suicídio de uma jovem budista, que ateou fogo em si mesma como forma de protesto:

À frente dum pagode, no ponto em que na manhã daquele mesmo dia uma estudante budista de dezessete anos se suicidara, ateando fogo às vestes ensopadas de gasolina, ficara sobre o pavimento uma nódoa escura e gordurosa”. (VERISSIMO, 1995, p. 7).

Aprofundaremos mais adiante as noções de suicídio como protesto religioso. No presente momento, apenas analisaremos o impacto desse evento nas personagens, que é lembrado por elas em diversos momentos da narrativa, dando ênfase para as sombras, que aparecem por diversas vezes ao longo do romance e que analisaremos neste primeiro momento: uma mancha escura e gordurosa no chão é somente o que resta da jovem estudante. Ela não teve uma tumba ou um sepultamento, as sombras são só o que sobrou de sua vida e seu protesto.

A recorrência do par sombra/luz na construção dos espaços evidencia o contraste e a dualidade entre a condenação e a liberdade. Ao longo da leitura, como vimos, o leitor tem a impressão de que o cenário que impera é o de uma prisão, e avançando a análise nesse sentido, chamo a atenção para o uso da palavra “sombra” ao longo do romance:

Todo aquele ir e vir de criaturas humanas e veículos sobre as pedras e o asfalto ainda quentes da soalheira do dia, os contrastes de luz e sombra, a névoa de azulado leite que a fumaça de gasolina e óleo queimados deixava no ar variolado pelas tachas escarlates e estáticas das flores dos *flamboyants* e pelas manchas móveis e vaporosas dos *ao dais* das mulheres, em tons de pastel — tudo isso produzia no observador esfumadas sensações de cor e volume, mais que percepções nítidas de desenho, de sorte que algumas daquelas ruas sugeriam pinturas impressionistas que tivessem ganho animação e voz. (VERISSIMO, 1995, p. 8).

O “ir e vir” dos indivíduos demonstra como a cidade continua sobrevivendo, apesar do impacto da morte da estudante, da guerra e dos ataques diários que sofrem. As pessoas não se chocam, nem com o ato de protesto, nem com as bombas e nem com os canhoneiros a ponto de pararem de agir, pelo contrário, elas precisam permanecer com as suas rotinas como se a guerra não existisse, pois, a fome, o instinto de sobrevivência e a vontade de viver exigem movimento. Algo parecido com o que vivenciamos no Brasil em 2020 e 2021. Apesar da pandemia que se instaurou e com o número de mortos aumentando exponencialmente, a vida precisava continuar e as pessoas retornaram ao trabalho, se expondo ao risco de contrair a doença. Em decorrência disso, o número de mortes causadas pelo vírus se manteve altíssimo (CNN BRASIL, 2021).

De acordo com a teoria sartreana, o homem escolhe o que quer ser. Mesmo que sua escolha seja ser um prisioneiro, o homem é livre para tal. Como vimos anteriormente, estamos condenados a ser livres, e desse modo não temos a escolha de deixarmos de ser livres, pois para o filósofo nossa liberdade está ligada à nossa existência. Ao longo dessa existência é que construímos quem desejamos ser, e desse modo a responsabilidade pelas nossas ações, assim como por suas consequências, cai sobre nós. Ao nos percebermos completamente livres, responsáveis e sozinhos no mundo, passamos a sentirmo-nos angustiados: “Agora, isso significa que devo abandonar-me ao quietismo? Não! Antes de tudo, devo engajar-me, e depois agir de acordo com a antiga fórmula ‘Não é preciso esperar para começar’” (SARTRE, 2012, p. 41). Desse modo, o quietismo não é uma opção na filosofia sartreana. Ao explicar o Em-Si e o Para-Si, Sartre afirma que o Em-Si é algo eterno e imutável, enquanto o Para-Si está relacionado a uma busca incessante por algo. Como afirma Silva, o Em-Si está relacionado ao Ser, enquanto o Para-Si

está relacionado ao Nada<sup>4</sup>. E o que alguns estudiosos sartreanos afirmam é que a nossa existência é um repleto Nada, pois só nos tornamos Ser-Em-Si no momento em que morremos e deixamos de nos mover em busca de algo. Continuaremos a explicar esses conceitos mais adiante.

Ainda no trecho do romance citado anteriormente, temos mais uma vez o narrador do romance descrevendo um ambiente repleto de informações: o ar variolado demonstra sentimentos diversos presentes na atmosfera daquele lugar. Ele compara a cena com uma pintura impressionista, com vários tons de cores e sombras, com diversos acontecimentos ocorrendo ao mesmo tempo. As pinturas impressionistas foram revolucionárias por evidenciarem o contraste entre luz e sombra de modo realista. Por haver estudos sobre luz natural e sombras coloridas, os impressionistas representavam a realidade de modo mais verossímil. Lobstein (2010) sustenta que:

A maioria dos pintores impressionistas se lançou diretamente à superfície da tela, sobre a qual os toques de cor serviam para a construção do motivo e para dotar a composição de uma sensibilidade particular de iluminação. (LOBSTEIN, 2010, p. 32).

Os impressionistas iniciavam a pintura diretamente na tela, e apaixonadamente pintavam as luzes e sombras que queriam representar, de maneira inovadora. A iluminação era importante para dar veracidade à cena retratada, e eram utilizadas várias cores para retratar os detalhes do cenário. O objetivo daqueles artistas era reproduzir o que determinado momento transmitia, pois não eram obras apenas para serem admiradas, mas também para serem sentidas.

Assim como a iluminação era importante, as sombras tinham um papel fundamental para a construção da cena:

Sensível à verdade das cores, o pintor, [...] não trata as sombras como sendo modulações do cinza ao negro. [...]. Essa substituição de sombras coloridas às anteriores sombras em escala de cinza, [...] irá se tornar dominante em todos os paisagistas que foram considerados impressionistas. (LOBSTEIN, 2010, p. 33).

Nesse sentido, as sombras representadas nas obras passam a ser coloridas, e não apenas em tons de cinza. Analisaremos a importância das sombras para a narrativa mais adiante.

---

<sup>4</sup> “Assim, através da ação, o ser ‘para-si’, porque é consciente, precisa estabelecer relações com o mundo do ‘em-si’, visto que o ‘nada’ só pode ser o ‘nada de alguma coisa’.” (SILVA, 2013, p. 97).

Ainda sobre o suicídio da estudante budista, pode-se ver o protesto da jovem como uma espécie de libertação, pela religião, do imperialismo dos Estados Unidos. Primeiramente, por que a menina escolheu como palco de sua autoimolação um templo religioso antigo?

Ao longo da história da Guerra do Vietnã, ocorreram vários protestos de monges budistas, incluindo suicídios como rituais. De acordo com o artigo *A poética da Guerra* (DUTRA; OLIVEIRA; ALÓS, 2019), a cena descrita no romance retrata o suicídio ritual da monja *Thich Nu Thanh Quang*, em 29 de maio de 1966 (TIME, 1966). Esse ocorrido difere apenas no que diz respeito à idade da personagem, que é descrita na obra com apenas dezessete anos, enquanto a monja autoimolou-se com cinquenta e cinco anos em 1966. Verissimo foi um intelectual preocupado com os problemas da década de 1960, e ao evidenciar o impacto desse ato de protesto, um atentado contra a vida, ele se engaja em mostrar a realidade daquela guerra para seus leitores.

Após algumas pesquisas e investigações, discordando do artigo citado acima, acredito que a cena descrita no romance tenha tido referência no evento que aconteceu no dia 26 de janeiro de 1965 (PHAT GIÁO, 2022). Nele, uma jovem líder popular budista chamada *Đào Thị Yến Phi* autoimolou-se com apenas dezessete anos de idade. O objetivo era ir contra a guerra e exigir um cessar-fogo no Vietnã. Nesse período mais de 200 monges cometeram suicídio como forma de protesto.

Esses protestos se tornaram caóticos e chocaram todo o mundo. De acordo com o livro *Viet cong* (PYKE, 1967), a década de 1960 foi muito conturbada naquele país:

Depois de 8 de maio de 1963, toda a nação pegou fogo; bonzos imolando-se, estudantes provocando distúrbios, soldados recusando-se a abrir fogo contra multidões e encorajando abertamente os manifestantes. A patologia social espalhou-se como fogo na campina. Saigon, nesses últimos dias de Diem, era um lugar inacreditável. Sentia-se estar testemunhando o desmoronamento de toda uma estrutura social. (PYKE, 1967, p. 39).

No dia 11 de junho de 1963 (TIMES, 1966), o monge *Thích Quảng Đức* morreu após atear fogo ao próprio corpo, em Saigon, no Vietnã do Sul. O sacerdote autoimolou-se em protesto contra a perseguição aos budistas pelo governo sul-vietnamita, liderado por *Ngô ninh Diệm*. Esse foi um evento que chocou e ainda choca muitas pessoas. O autor do romance quis situar o leitor acerca da época em que se passavam os eventos, da guerra na qual estavam inseridos, e do lugar em

que se encontravam. Desse modo, percebe-se que Verissimo destaca os grandes acontecimentos da Guerra do Vietnã, assumindo seu engajamento com a escrita, a fim de evidenciar e criticar os horrores daquela guerra:

Na Capital do país, no extremo sul, um sacerdote budista dos mais representativos, como sinal de protesto contra os desmandos do Governo, fazia a greve da fome. Os suicídios rituais continuavam: havia poucas horas, o ancião tivera nas mãos farrapos carbonizados do vestido da menina que se imolara aquela manhã, consumindo-se numa labareda (VERISSIMO, 1995, p. 10).

Os suicídios rituais comovem a todos, pois atear fogo às próprias vestes e ficar sentado na posição de lótus enquanto o corpo é consumido pelas chamas é uma maneira bem impactante de morrer. Poderíamos dizer, especulando a partir da filosofia sartreana, que esses monges budistas autoaniquilaram-se com o intuito de acabar com o projeto do Para-Si e que visavam que o Em-Si de sua existência causasse algum tipo de impacto no outro. Com efeito, eles abdicaram da sua existência em nome de algo maior: a sua causa. Esse impacto está presente ao longo de toda a narrativa de Verissimo. De acordo com a religião budista, a morte faz parte da vida e é vista como algo natural. Entretanto, apesar da crença em reencarnações, os budistas não incentivam ninguém ao suicídio:

A segunda nobre Verdade localiza a origem do sofrimento (*dukkha*) no desejo, o apetite ou a “sede” (*tanhá*) que determina as reencarnações. Essa “sede” busca continuamente novos gozos: faz-se distinção entre o desejo dos prazeres dos sentidos, o desejo de perpetuar-se e o desejo de extinção (ou auto-aniquilamento). (ELIADE, 1983, p. 109).

Segundo a religião budista, o homem é responsável pela própria vida, algo que podemos aproximar, de algum modo, à teoria da filosofia sartreana. Os budistas acreditam que as escolhas que fazemos ao longo da vida levam a consequências que temos que lidar, mas na perspectiva do *karma*: se agimos visando um bem, as consequências desses atos serão boas. O mesmo acontece quando não agimos, ou não pensamos em nossas ações, o que pode ocasionar consequências imprevisíveis:

Deixando de lado episódios edificantes e especulações aproximativas e atendo-se aos textos mais antigos tardiamente recolhidos depois de sua morte, o Buda se mostra essencialmente pragmático e baseia seu ensinamento na experiência mais corriqueira, a de uma vida humana. Ele tem, contudo, uma vantagem sobre seus semelhantes: por ter levado o raciocínio e a lógica da inteligência até as últimas consequências, sabe agora que o ser humano é o artesão, o responsável pela própria vida. Não há nenhum pessimismo, nenhum niilismo nessa constatação, simplesmente

uma lucidez que afasta tanto a intervenção divina quanto a pretensão à verdade única. (LEVENSON, 2013, p. 39).

Desse modo, Levenson afirma em seu livro sobre a religião budista: “assim, viver implica uma responsabilidade individual, diante de si mesmo e, em seguida, da sociedade no seio da qual se está situado.” (LEVENSON, 2013, p. 57). Algo que não está distante da filosofia existencialista sartreana, pois, para Sartre, as escolhas que fazemos refletem diretamente na sociedade na qual vivemos, já que, ao escolher individualmente, o homem influencia todos os cidadãos contemporâneos presentes daquela comunidade.

No romance de Verissimo, como vimos, os suicídios como ritual fazem parte da ambientação da obra. Não se trata de uma crítica aos budistas e nem tem uma exortação no sentido de que outros pratiquem o mesmo ato. A grande questão surge ao relacionar a escolha da jovem budista com a filosofia sartreana: se somos livres até para escolher não viver mais, por que não escolher o suicídio? Sartre afirma: “não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem sê-lo para todos” (SARTRE, 2012, p. 27). Em outro momento de sua conferência, ele diz: “você não é outra coisa senão sua vida” (SARTRE, 2012, p. 43). Associando as duas afirmações, o homem decide sempre visando um bem, seu próprio e, conseqüentemente, o de toda a humanidade. Ao agir, ele se define, pois o homem se perfaz ao longo de sua existência. Logo, ao escolher dar fim à vida, o homem perde a sua liberdade.

Em seu ensaio de ontologia fenomenológica, *O ser e o nada* (1943), Sartre afirma que “A morte jamais é aquilo que dá à vida seu sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação.” (SARTRE, 2009, p. 661). O projeto em direção à morte é visto pelo filósofo como algo natural, entretanto para ele: “seria inútil recorrer ao suicídio [...]. Sendo ato de minha vida, com efeito, requer uma significação que só o porvir pode lhe dar; mas, como é o último ato de minha vida, recusa a si mesmo este porvir.” (Ibid., p. 661-662). Com isso, segundo o pensamento filosófico, a liberdade se encontra no porvir, nas escolhas que fazemos no decorrer da vida. Ao decidir pelo suicídio, estamos acabando com as possibilidades e renunciando à liberdade à qual estamos condenados, ou seja, por mais que sejamos livres para escolhermos dar fim à vida, essa vida é a liberdade que estamos procurando ao cometer uma autoimolação. Explicando melhor o conceito do Em-Si e do Para-Si sartreano, segundo Perdigão, “a liberdade surge

graças ao Em-Si em bruto, sem o qual ela não existiria. Mas, paradoxalmente, a própria noção de ‘situação’ também só existe por causa da liberdade. Não há uma coisa sem a outra” (PERDIGÃO, 1995, p. 104). Sendo assim, o Em-Si dialoga com o Para-Si e ambos nos movem: o Para-Si visa o futuro que está por vir, enquanto o Em-Si está relacionado ao nosso passado e às ações que já se concretizaram. Ao atear fogo em si mesmos, os monges não visam apenas passar uma mensagem, mas a permanência de seus projetos futuros na eternidade do Em-Si. Continuaremos desenvolvendo esse raciocínio mais adiante.

Voltando para a ambientação do romance, temos uma descrição que nos permite relacionar a guerra descrita no livro com a Guerra do Vietnã:

Naquele mesmo instante, sob o toldo fechado duma sampana atracada à margem esquerda do rio, um guerrilheiro comunista, cuja cabeça tinha sido posta a prêmio pelo Governo do Sul, mas que entrava e saía incólume da cidade, onde contava com centenas de parentes, amigos e cúmplices, conversava em voz baixa com dois rapazes, dando-lhes instruções. (VERISSIMO, 1995, p. 10-11).

Nesse trecho, o narrador destaca a facilidade que os vietnamitas tinham em se locomover dentro do país, por conhecerem a região, a geografia, e por terem cúmplices em todo lugar. A luta pela liberdade fez parte da história daquela nação e, por isso, ao escolher o Vietnã como cenário do romance, Verissimo já nos sinaliza que a obra aborda a liberdade. De acordo com Bordini: “o escritor não desejava acentuar a cor local de uma cidade vietnamita, embora confesse em suas memórias que a impressão infantil de Hué, na revista *L’Illustration*, teria ficado profundamente marcada em sua memória.” (BORDINI, 2012, p. 252). Desse modo, a escolha para a ambientação do livro se passar numa cidade parecida com Hué diz respeito primeiramente ao encantamento infantil do autor ao ler sobre aquele lugar. Entretanto, como humanista, o autor escolhe falar sobre a guerra que estava privando de liberdade aquele povo, problematizando e questionando as intenções que levaram aquele conflito a se iniciar.

Assim, Verissimo destaca neste romance uma noção de liberdade que poderia ser entendida em um sentido sartreano, seja pela escolha do ambiente, do momento na história em que os acontecimentos se passam ou problematizando as ações de todos os envolvidos. A filosofia está inserida nesse romance político, como crítica social, como crítica à tal liberdade imposta pelos estadunidenses, como crítica à dor que todos os envolvidos naquele conflito estavam sentindo. Verissimo busca

iniciar o romance de modo extremamente sério, abordando questões que devem ser debatidas, estudadas e conhecidas por todos. De acordo com o pesquisador e comentador da obra de Verissimo, Flávio Loureiro Chaves, há um desafio proposto ao leitor nesse romance:

1967 - Acentuando uma atitude de protesto e resistência à violência, vem a luz *O prisioneiro*. É a mais contundente denúncia de Erico Verissimo contra a tortura e a privação da liberdade. A narrativa da guerra num hipotético país asiático coloca o leitor diante de um desafio: "mais tarde ou mais cedo você terá de tomar uma posição. Nestes nossos tempos a neutralidade não é possível. Não existem mais esconderijos físicos ou psicológicos no mundo. É a hora do compromisso". (CHAVES, 1996, p. 20).

Dessa forma, a principal motivação de Verissimo para escrever esse romance era evidenciar a falta de liberdade que o mundo enfrentava naquele momento. Além de denunciar a guerra, o escritor provocava o leitor a se posicionar diante de conflitos terríveis ou guerras descabidas. E esse compromisso que Verissimo quer ver em seus leitores pode ser entendido como um compromisso sartreano com a liberdade existencialista.

Insisto na questão porque o desprezo ou a despreocupação de Erico Verissimo quanto à veracidade do espaço físico indica que o foco da narrativa está noutro lugar que não a fotografia do regional; e é, ainda mais, uma característica inalterável do curso de sua obra. Pode-se levar adiante a investigação, estabelecendo o cotejo entre esta paisagem de 1935 e aquela do início de *O prisioneiro*, um romance de 1967 que se passa num país oriental: [...] Saigon. (CHAVES, 1976, p. 30).

Chaves afirma que o movimento de não se ater à veracidade dos espaços físicos, ou seja, não nomear cada local onde os eventos se passam na narrativa, foi uma medida que já havia sido adotada anteriormente pelo autor do romance em outras obras, dando ênfase para o que ocorreu naqueles espaços, e permitindo que o leitor pudesse pensar a respeito dos eventos narrados. Desse modo, a escolha de não se nomear a cidade e os lugares é parte do projeto de escrita de Verissimo para esse romance. Assim como não há referências aos ambientes da narrativa, também não é nomeada nenhuma personagem, provavelmente pelo mesmo motivo: o que importa é a crítica que esse romance traz, não as referências diretas.

### 3 PRECONCEITOS

No início da narrativa, Verissimo apresenta o preconceito de alguns soldados estadunidenses contra os vietnamitas, comparando-os ao longo da narrativa a insetos, baratas e macacos amarelos: “O inimigo era esquivo, ardiloso e dotado duma tenacidade de mosca e duma capacidade de pulga ou piolho para insinuar-se, despercebido, pelos menores interstícios” (VERISSIMO, 1995, p. 12). Esse é o primeiro contato que temos com o racismo presente na obra. No entanto, o autor discorre sobre vários tipos de preconceitos ao longo do livro, e a personagem principal é um homem com ascendência de africanos para justamente evidenciar como uma sociedade preconceituosa tolhe a liberdade de seus cidadãos. Esse racismo é criticado em *O prisioneiro* (1995), uma vez que a liberdade dos afrodescendentes estadunidenses que foram enviados para guerrear no Vietnã também é problematizada no romance.

Iniciamos aqui a relação entre suicídio e racismo, tema recorrente ao longo da narrativa, que aprofundaremos mais adiante no texto. Entretanto, vale identificar que no início da obra literária a personagem do coronel já afirma que os suicídios rituais eram atos de maníacos, e mais uma vez rebaixa aquele povo, sua religião e seus protestos, como se não fossem da mesma espécie:

Fanáticos! – exclamou o coronel. – Um dia assisti involuntariamente a um desses... aaa... suicídios rituais. Eu estava numa calçada, no centro da cidade, quando vi um Bonzo sentar-se no meio da rua, com as pernas cruzadas, derramar sobre a cabeça e o corpo o conteúdo duma lata de gasolina e acender um fósforo... Foi tudo tão rápido, que não pude sequer fazer um movimento para impedir a consumação da loucura. O sacerdote ardeu como tocha, sem soltar um ai. Depois ficou lá caído sobre o asfalto, como uma escultura de madeira carbonizada. (VERISSIMO, 1995, p. 31).

Nesse trecho, Verissimo descreve como ocorriam os suicídios rituais na década de 1960 no sudeste asiático. Eram uma forma de protestar contra o imperialismo norte-americano e a imposição da religião católica pelo Governo do Sul numa população amplamente budista. O coronel compara os budistas aos fanáticos e chama de loucura seus atos de protesto. Desse modo, invalida a sanidade desses cidadãos e se coloca acima deles por pensarem de maneira diferente.

A personagem principal, o tenente, assistiu à autoimolação da jovem budista e, ao longo da narrativa, sua memória retorna para o momento do suicídio da estudante por diversas vezes. Além de ter se impressionado com a cena que

presenciara, possuía um histórico de suicídio na família, o que o tornava sensível ao tema. Discorreremos mais profundamente sobre suicídio no próximo capítulo.

Analisando separadamente cada personagem, o major é um exemplo de pessoa que evita ser preconceituosa, ao contrário do coronel. Ambos são descritos como brancos, mas o major é descrito como um homem gordo; talvez por esse motivo mais empático. Em uma conversa com o coronel, o major afirma que já havia presenciado uma vez um ataque da *Ku klux klan*: “Na minha cidade natal, um dia uns dez ou doze brancos pegaram um negro, amarraram-lhe braços e pernas e o jogaram numa fogueira cuidadosamente preparada num terreno baldio” (VERISSIMO, 1995, p. 31). Ele aponta, dessa maneira, que os brancos também são capazes de realizar atrocidades contra outras pessoas. Afirma que pelo menos os monges estão autoimolando-se, não atacando outras pessoas por terem a cor da pele diferente.

O racismo que surge ao longo da narrativa só evidencia a crueldade dos preconceituosos e o sofrimento de quem está sendo discriminado. Ao longo da narrativa, surgem várias demonstrações de racismo contra os soldados vietnamitas. O coronel é um personagem loiro, branco, alto, competente e que não suporta a ideia de perder a guerra para os comunistas pelo fato de suas características físicas serem opostas. Em outro momento da conversa com o major ele compara:

— Um dia destes vi um de nossos fuzileiros, um rapagão louro de quase dois metros de altura, com uma cara de guerreiro nórdico, ao lado dum bandoleiro comunista, um rato amarelo e raquítico, um sub-homem. O contraste era ridículo. E dizer-se que esses macacos ousam enfrentar a maior potência militar e econômica que o mundo já conheceu! (VERISSIMO, 1995, p. 36-37).

Nesse trecho, percebemos o quanto alguns militares subestimam e odeiam os asiáticos que estão combatendo. Ao afirmar que eles não passam de “sub-homens”, o coronel compara com animais ou insetos os inimigos que estão atacando. Pensando assim, ficaria mais fácil exterminar o oponente, uma vez que não os consideram pertencentes à mesma espécie. O episódio da série *Black Mirror* (2016) intitulado “*Men against fire*”<sup>5</sup>, traduzido como “Engenharia reversa”, retrata exatamente esse tipo de sentimento: nele os soldados acreditam que estavam lutando contra “baratas”, uma espécie mutante dos seres humanos, e por isso não

---

<sup>5</sup> Episódio dirigido por Jakob Verbruggen, escrito por Charlie Brooker. Data de lançamento: 21 de outubro de 2016. Disponível na plataforma de *streaming* Netflix.

questionavam suas ações para exterminar os inimigos, uma vez que os viam como uma ameaça, e alguns sentiam até prazer em aniquilar essas chamadas “baratas”. Ao desqualificarem os vietnamitas, esses militares preconceituosos se aproximam desse comportamento.

Sartre analisa em suas *Reflexões sobre o racismo* (1965) como o preconceito surge nas pessoas para compreender melhor essa manifestação de ódio. O autor tenta provar o absurdo das ideias racistas contra o povo judeu, argumentando que essas pessoas preconceituosas simplesmente não querem ressignificar opiniões preexistentes:

Não desejam opiniões adquiridas, querem-nas inatas; como têm medo do raciocínio, querem adotar um modo de vida em que o raciocínio e a busca exerçam tão somente um papel subordinado, em que jamais se procure exceto aquilo que já se encontrou, em que a gente só se torne aquilo que já era. (SARTRE, 1965, p. 11).

Desse modo, podemos incluir no pensamento sartreano a crítica a qualquer tipo de preconceito racial. Quando as pessoas decidem não mudar o seu modo de pensar, de agir e de evoluir perante as diferenças que aparecem, ou decidem não refletir sobre um determinado racismo estrutural que repetem sem nem saber ao certo o porquê, elas podem ser consideradas rasas, ou que não aprofundam o raciocínio em questões controversas. Elas escolhem, assim, se manter ao lado de uma maioria que ou é tendenciosa ou é preconceituosa. Para o filósofo, qualquer discriminação, como a diminuição do outro, cerceando sua liberdade, é um ato irracional de pretensa superioridade: “cumpra que um deles triunfe e que o outro seja aniquilado” (SARTRE, 1965, p. 23). Desse modo, é um ato de desespero, de medo diante da condição humana, uma maneira de fugir de suas responsabilidades. Sartre afirma que o homem preconceituoso nada mais é do que “um covarde que não quer confessar sua covardia”. (Ibid., p. 30).

De acordo com Frantz Fanon, médico psiquiatra antilhano e filósofo militante político contemporâneo de Sartre, a teoria sartreana precisa ser ampliada para um nível mais profundo. Em seu livro “Pele negra, máscaras brancas” (1952), ele afirma que o homem afrodescendente daquele período é um homem invisível para a sociedade e é preciso libertar esse homem de si mesmo: “Por mais que me exponha ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem” (FANON, 2020, p. 22). De acordo com o psiquiatra, o homem negro é excluído até pelos seus irmãos de cor, pois, visando fugir do racismo que sofre, há uma busca

incessante pela branquitude desse ser. É uma maneira de compactuar com o racismo imposto, não por acordo, mas por impotência diante de um sistema que impõe uma suposta “superioridade” branca. Para Fanon, ser “homem negro” é lutar diariamente contra essas imposições, compactuando com elas para inserir-se no mundo “branco”. Ou seja, ser negro para Fanon era resistir e sobreviver às violências que as sociedades racistas cometiam diariamente. Infelizmente essa realidade ainda não mudou efetivamente no Brasil: basta ver o alto índice de pessoas afrodescendentes encarceradas indevidamente no país, ou, ainda, que as pessoas que são atingidas pelas supostas “balas perdidas” de policiais são em sua maioria de uma mesma cor. O título do livro já mostra que as “peles negras” naquela época precisavam de “máscaras brancas” para obter respeito da sociedade que desprezava todas as características do homem afrodescendente. Nesse livro temos a evidência de como é sofrido viver em negação de si mesmo, abdicando de tudo que constitui o seu ser para tentar alcançar uma branquitude inalcançável. Desse modo, Fanon se faz extremamente atual e sua leitura é fundamental para entender questões acerca do racismo.

Esse pensamento racista de que o “homem negro” está sempre à margem da sociedade também surge em uma outra peça de teatro sartreana intitulada: “A prostituta respeitosa” (1961). Na peça de teatro temos uma prostituta que presencia uma injustiça contra um homem de cor nos Estados Unidos segregacionista, e é coagida a mentir num tribunal para salvar a imagem de um homem branco em detrimento do homem preto. A personagem da prostituta sabe que ao permitir que aquele homem inocente seja incriminado, está o condenando a morte, mas pensa em todas as promessas que os homens brancos influentes fizeram e decide, com muita relutância, compactuar com a versão dos homens brancos, sem alterar a injustiça que tinha sido feita contra a personagem “negra”. No romance de Verissimo, veremos como o tenente é quem de certo modo se abstém de se posicionar contra injustiças e acaba provocando a morte de uma pessoa. O sentimento de culpa persegue o tenente ao longo da narrativa. Explicitaremos melhor esse dado do romance mais adiante.

Retomando a sequência da narrativa literária, voltemos a analisar brevemente a ambientação do romance, que usa da geografia para situar o leitor quanto à localização dos eventos do livro. Tem-se a descrição do hotel onde estão hospedados os soldados norte-americanos, um lugar que está intimamente ligado à

história da cidade ficcional. O narrador discorre sobre parte da história daquele país e cita a Guerra da Independência (1954):

Entre 1910 e 1930 ali costumava reunir-se à tardinha e à noite a escassa colônia europeia da cidade, numa busca de convívio e divertimento, isolada que vivia da sociedade local, exclusivista, impenetrável e olímpica, em que havia descendentes de antigos imperadores e mandarins. Naqueles salões jogava-se, dançava-se, nasciam e espalhavam-se *potins*. Sob aqueles tetos começara muito namoro que mais tarde, nos próprios quartos do hotel, se fazia adultério. Uma dessas salas era famosa por conter a reprodução em tamanho natural do quadro *A Coroação*, de David, que ainda estava lá, já a pedir restauração, pois durante a Guerra da Independência, em 1954, uma bala perdida furara a testa da imagem do Imperador. (VERISSIMO, 1995, p. 43).

Percebe-se que Verissimo cuidadosamente altera ou suprime os nomes de objetos que remetem à realidade, para não os referir diretamente. A reprodução da obra de arte descrita no trecho acima pode ser associada ao quadro famoso que foi pintado em 1805: *A coroação de Napoleão*, de Jacques-Louis David<sup>6</sup>, uma obra grandiosa que se encontra localizada no Louvre desde 1925. No romance, percebemos que o nome do imperador é suprimido do título do quadro e tem-se apenas o sobrenome do pintor. Apenas com essas informações é possível descobrir sobre a obra real, que além de famosa é bastante importante para os franceses. Ao escolher retratar a Guerra do Vietnã sem se referir diretamente a ela, o autor teve maior trabalho para escrever o romance, mas, desse modo, não houve censura dos militares da época. Verissimo deixa claro que sua intenção não era a de escrever mais um romance histórico, o que já havia realizado ao escrever pelo menos um dos romances presentes na trilogia *O tempo e o vento* (1949–1962).

Voltando a atenção ainda sobre o suicídio da estudante e o impacto que o tenente sente ao se dar conta da perplexidade daquela cena que acabava de presenciar, vale refletir sobre a força que aquele protesto exerce na mente da personagem principal:

Claro... também passara o dia pensando na cena de horror que presenciara aquela manhã. Cerrou os olhos e viu contra a escura púrpura das pálpebras a estudante budista envolta numa labareda. Aquela imagem lhe voltava com frequência à mente. Era como se a cada minuto a rapariga repetisse dentro dele o brutal sacrifício. (VERISSIMO, 1995, p. 48).

Percebe-se o horror que o tenente sentiu. Entretanto, a cena não saía de sua mente por alguma razão que não compreendia ainda. Lembra que na infância

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010066648>. Acesso em: 03 jul. 2022.

viu uma mariposa voar em direção a uma vela acesa. Ele poderia evitar, mas não o fez: “quando isso aconteceu e o inseto se incendiou e caiu ao pé do castiçal, ele sentiu um estranho gozo, que era a um tempo dor, pena e remorso” (VERISSIMO, 1995, p. 50). Desse modo, ele relaciona o que sentiu na infância com o impressionismo da cena que presenciou naquele dia. Acredita que, assim como poderia evitar que a mariposa se queimasse, se tivesse prestado mais atenção, poderia também evitar que a jovem se autoimolasse. Esse sentimento de que estava hipnotizado pela cena a qual assistia e de impotência por não ter feito algo para impedi-la gera culpa no tenente e está intrinsecamente ligado com o sentimento de remorso em relação ao suicídio do pai.

Conforme segue a narrativa, o tenente não consegue dormir, lembrava e esquecia detalhes do momento dito como brutal. Questiona-se se haveria tempo de pensar e agir para salvá-la e se culpa pelo ocorrido, sem haver motivos para isso. Esse sentimento de responsabilidade aparece na teoria existencialista de Sartre. Entretanto, tomar para si uma responsabilidade por algo pelo qual não necessariamente se é responsável é uma escolha que podemos fazer, mas não devemos. O homem existencialista já tem o peso da humanidade nas costas ao escolher por si. Ao pegar a responsabilidade por algo que o outro fez, ele assume uma carga maior, e conseqüentemente sua angústia aumenta.

A cena da estudante budista ardendo em chamas retorna mais uma vez ao romance:

Uma fumaça escura subia do corpo meio carbonizado. O pagode tranquilo entre as árvores. O sol no horizonte, como um enorme fruto vermelho. Os hibiscos floridos. Como era possível beleza e horror, vida e morte, harmonizarem-se assim no mesmo quadro?” (VERISSIMO, 1995, p. 50).

A cena é aterrorizante e hipnotizante ao mesmo tempo. A dualidade entre o belo e o assombroso, as sombras em contraste com as luzes e o impacto que a imagem causa nos personagens é o que faz com que esse momento na narrativa pareça um quadro impressionista e seja tão repetido ao longo da narrativa. Essa cena é rememorável ao mesmo tempo em que é desconcertante.

A personagem principal é introduzida no romance a partir da página quarenta e cinco; até então, as descrições da cidade, dos militares, dos preconceitos, da guerra, são a prioridade do autor. A partir do momento em que o tenente aparece, surge também a angústia sartreana. Sartre (2012) se refere a esse

sentimento como sendo emergente da total e profunda responsabilidade que devemos assumir ao tomar decisões importantes.

Ao longo da narrativa, o narrador do romance deixa sinais que permitem verificar a angústia que o tenente sente ao pensar em retornar para casa. Ele acredita que algo maior o impediria de voltar para sua família e sua pátria:

Havia passado a tarde inteira tentando, mas sem conseguir, arrumar as malas. Desde a véspera oprimia-o a premonição de que seriam inúteis aqueles preparativos, porque nas próximas horas ia acontecer-lhe alguma coisa que o impediria de embarcar... (VERISSIMO, 1995, p. 51).

Aqui temos um dado da ideia sartreana de má-fé, que explicaremos de maneira aprofundada mais adiante. O tenente escolhe acreditar que não retornará para sua casa e que arrumar suas malas seria inútil. Que de alguma maneira algo lhe aconteceria e ele seria privado de voltar para seu lar. Na verdade, esse era o seu desejo íntimo. Ao escolher acreditar em premonições ou nos maus agouros, o tenente está apenas justificando para si a escolha que de fato quer fazer, ou seja, ele se deixa enganar por si próprio. Trataremos desse sentimento mais para o fim do romance.

Ter presenciado o suicídio da estudante, lembrar do suicídio do pai, dos ataques da *Ku klux klan*, o calor da cidade, a guerra racial e a Guerra do Vietnã, todos esses momentos aterrorizantes ficam retornando à memória do tenente na medida em que se vê em outras situações que fogem de seu controle, fazendo-o torturar-se por traumas que não eram de sua responsabilidade. No trecho a seguir temos uma descrição desses eventos perturbadores e de como a mente do tenente se transportava para o passado facilmente:

E agora tinha em mente essas tochas vivas, o pagode vermelho, as árvores, o sol como uma queimadura no céu, a estudante budista, a mariposa... e de súbito era menino e espiava, por uma fresta de janela, o jardim de sua casa, onde ardia sobre a relva uma grande cruz de fogo. Vultos brancos com altos capuzes cônicos moviam-se como espectros por entre as árvores. (VERISSIMO, 1995, p. 52).

O suicídio da estudante budista é algo que perturba profundamente o tenente, pelo fato de ter um caso de suicídio na família e pela estudante ser parecida com K, uma prostituta vietnamita com quem se relaciona naquele país. Ele não aceita que alguém tão jovem fosse capaz de ter realizado tal ato e reflete sobre os motivos que levaram a garota a cometer a autoimolação, questionando a sanidade mental da menina. Pensa em sua própria sanidade, inserido naquela guerra após os

horrores que presenciou:

Por que foi que a criatura se imolou? Um ato de protesto contra o Governo? Mas que pode uma menina de dezessete anos entender de política? Um ser humano que faz uma coisa daquelas estará no seu juízo perfeito? Mas quem é que está no seu juízo perfeito? Estarei eu? (VERISSIMO, 1995, p. 55).

É possível perceber a perturbação interna em que se encontra o tenente, pois numa guerra é difícil encontrar pessoas que estejam em seu juízo perfeito. O ambiente hostil e o perigo iminente fazem com que os soldados sofram algum tipo de alteração na maneira como experienciam a vida, de acordo com a pressão à qual estão submetidos. Ou seja, de certa maneira, a guerra modifica todos que estão inseridos nela, seja para o bem ou para o mal. É raro encontrar alguém que seja indiferente aos eventos experienciados numa guerra.

E esse é o contexto em que se encontra a personagem do tenente. É importante ressaltar que a liberdade à qual está condenado é uma liberdade originária, descrita como a liberdade em seu âmbito maior. Ou seja, é algo que se encontra num dos momentos mais conturbados da história, mesmo que os personagens se sintam aprisionados. Aquele período de guerra, somado aos preconceitos sofridos, além do suicídio do pai, lembrado pelo suicídio da jovem estudante budista; toda essa pressão de se encontrar existindo naquele período e sendo quem é faz com que o tenente se sinta sufocado o tempo todo. O peso de todos esses sentimentos o aprisiona e faz com que suas escolhas não sejam de todo modo racionais. Veremos como ele escolhe sob pressão e quais escolhas resolve fazer mais adiante ao longo da análise da obra.

## 4 FOGO COMO LIBERTAÇÃO

Seguindo os eventos descritos na narrativa, há mais um diálogo que evidencia que a vida dos vietnamitas não é relevante para aqueles comandantes de guerra:

O sargento branco que comandava a operação de limpeza, dissera que havia ainda alguns 'macacos amarelos' escondidos numa caverna próxima, e que a solução mais prática e segura para fazê-los vir para fora era 'chamuscá-los' com um lança-chamas. (VERISSIMO, 1995, p. 52).

E assim, os soldados estadunidenses queimavam cavernas para ver essas pessoas se debatendo, por ódio àquele povo, àquela nação e àquela cultura. Nesse trecho, vale ressaltar o uso do fogo contra o inimigo.

Em diversos momentos na narrativa temos o fogo como um instrumento para cercear a liberdade do próximo. O fogo foi usado contra os negros, em formato de cruz; é utilizado pela jovem budista como libertação e protesto; e aparece como modo de opressão dos soldados, contra os vietnamitas. O fogo recorrente no romance será analisado mais profundamente adiante.

Verissimo nos apresenta um personagem principal complexo, com traumas adquiridos ao longo de sua história, em decorrência do racismo e de ataques sofridos. O tenente relembra de um episódio de sua infância em que acordou com uma cruz de fogo pregada em seu jardim:

Mais tarde ele compreendera o sentido da cruz de fogo. Era uma advertência, um sinal de protesto, porque naquela casa vivia uma mulher branca casada com um homem de cor. Sim, essa era a dura realidade. Sua mãe era branca pura e seu pai um negro. O casal provocava escândalo aonde quer que fosse. Os brancos não suportavam aquela situação. E os pretos nunca chegaram a aceitar completamente em seu meio aquela mulher de pele clara e olhos azuis. Era por isso que viviam duplamente segregados a mudar-se duma cidade para outra, como ciganos... (VERISSIMO, 1995, p. 53).

A dura realidade mencionada pelo autor é aquilo de que o tenente busca fugir a todo custo. Por sentir que aquela sociedade não o aceita, o tenente passa a culpar o pai por ter-lhe transmitido sua cor, e a pensar negativamente sobre sua mãe por ter escolhido deliberadamente se casar com um afrodescendente. Compara o pai a um urso negro e a mãe a uma prostituta. A negação de suas origens fica evidente nesse trecho, pois seus pais escolheram uma vida de "ciganos" a se separarem e seguirem caminhos opostos. O tenente não aceita as escolhas de seus

pais, sente vergonha deles e despreza a decisão de resistirem àquela sociedade segregacionista:

Reagia contra essa ideia perturbadora, mas nem por isso conseguia acomodar-se à situação, que sempre fora para ele uma ferida crônica aberta, um foco infeccioso... porque queria desesperadamente ser branco. (VERISSIMO, 1995, p. 54).

O tenente quer ser aceito na sociedade branca daquela época, quer andar livremente pelas ruas sem medo de ser atacado pelo ódio à cor de sua pele, quer que seu filho não sofra os mesmos traumas que sofreu quando era adolescente. O preconceito sofrido pela personagem a torna uma pessoa sem identidade cultural, que tenta se desvincular de tudo que remete à sua ascendência.

Tornou a remexer-se na cama. Nos seus pensamentos a estudante de novo ergueu a lata acima da cabeça, como a derramar óleo perfumado sobre os cabelos. Sim, tinha sido uma dança ritual. Talvez ele não tivesse mesmo *querido saber* o que ela ia fazer... Podia ter salvo a rapariga? Correr para ela, arrebatar-lhe das mãos a lata de gasolina... Pensando melhor, lembrava-se agora de que ela trazia duas latas. Primeiro esvaziou uma, depois a outra... Sim, eram duas! (VERISSIMO, 1995, p. 54-55).

Aqui pode-se verificar como os pensamentos do tenente estavam trabalhando contra a sua saúde mental, pois pensa que poderia ter corrido para salvar a jovem estudante, sem levar em conta o choque da cena ou a intenção da menina em se atear fogo. No fundo sabe que não conseguiria impedir esse protesto, mas se culpa por não ter tentado fazer algo. A angústia, o desespero e o desamparo surgem na medida em que os eventos do livro vão desencadeando-se. Sente-se pressionado e, como já vimos, carrega consigo os traumas que sofreu em decorrência do racismo. Ele se encontra devastado por tantos sentimentos complexos, e estar no meio daquela guerra não o ajuda.

O racismo sofrido pelo tenente gera nele um conflito interno que o persegue desde sua infância. Por se sentir aprisionado dentro de um corpo que não reconhece como seu, esses sentimentos o sufocam: "*Mas ele não queria ser negro, ele não era negro.*" (VERISSIMO, 1995, p. 55, grifo do autor). De acordo com a perspectiva sartreana, ele escolhe se aprisionar ao preconceito que lhe traz tanto sofrimento e decide que não quer ser afrodescendente. Nesse sentido, é prisioneiro dentro de si mesmo e não consegue se desvencilhar da opressão interna causada pelo preconceito, o qual perpetua ao invés de combater.

No presente momento da narrativa, o tenente relembra o primeiro trauma

que sofreu ainda adolescente. Esse trauma o persegue, e, ao rememorá-lo, julga ter sido um covarde, devido ao medo que sentiu, e não se orgulha de suas ações, que tiveram como consequência a morte de seu pai. O jovem futuro tenente, com seus dezessete anos, abandona o pai e foge, deixando-o ser agredido por integrantes da *Ku klux klan*. Ao lembrar essa escolha, fica angustiado: “Pulou da cama, como galvanizado, e pôs-se a caminhar dum lado para o outro, procurando fugir do seu próprio passado. Inútil! Inútil! Jamais poderia esquecer que tinha traído e negado o pai muitas vezes” (VERISSIMO, 1995, p. 56). Percebe-se assim que ele não se perdoa pelas suas escolhas e fica lembrando ainda com mais detalhes o episódio traumatizante: “Ouviram-se a voz: ‘Agarra o negro!’ Ele fez meia volta e deitou a correr em pânico deixando o pai para trás”. (Ibid., p. 56). Após esse incidente, o pai percebe a vergonha que o filho sentia de sua cor, pois o negava e o rejeitava. Além do racismo que sofria da sociedade, descobre no próprio filho uma vergonha que não sabia existir, além de ter sofrido um abandono.

Após esses eventos traumáticos descritos no romance, o pai do tenente comete suicídio por não aguentar saber da rejeição do filho. O racismo que o tenente reproduz contra o pai gera esse sentimento depreciativo: “Quando eu morrer vocês dois poderão viver normalmente como seres humanos...” (Ibid., p. 58). O pai do tenente, um marceneiro, sabia que a esposa e o filho poderiam ser bem aceitos naquela sociedade racista; entretanto, a escolha da mãe do tenente é de permanecer ao lado do marido, por amor, por saber que os atos racistas eram desumanos e por convicções. Esse comprometimento que a mãe teve não surge no filho ainda adolescente. Dessa forma, após esses anos todos, o tenente se culpa e se revolta consigo mesmo.

Em decorrência de todos os sentimentos de negação, rejeição e depressão, o marceneiro, pai do tenente, comete suicídio, terminando assim com seu sofrimento. O tenente é quem encontra o corpo:

Ele se encaminhara para o quarto de banho, abrira a porta e encontrara lá dentro o pai, enforcado pelo suspensório amarrado a uma trave do teto, balouçando-se de leve como um enorme boneco de pano, a língua de fora, os beijos arroxeados, a cara cinzenta, os olhos exorbitados... Tudo escureceu em torno, suas pernas afrouxaram-se e ele tombou sem sentidos. (VERISSIMO, 1995, p. 58).

A cena traumatizante ainda perseguia o tenente, embora já tivessem se passado muitos anos. E por mais que ele não quisesse admitir, perder o pai daquela

maneira o impactou. A personagem principal desse romance é uma pessoa que tende a fugir de seus sentimentos, das tomadas de decisões e das suas responsabilidades. De acordo com o filósofo francês, esse é um exemplo do conceito de má-fé: “Ao definirmos a situação humana como sendo uma escolha livre, sem escusas e sem auxílios, todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé”. (SARTRE, 2012, p. 54). Não que seja uma atitude condenável moralmente, pois se o homem é livre para escolher, ele pode escolher agir de má-fé. Sartre nos traz a problemática de tal ato, pois o homem precisa se responsabilizar por suas escolhas, assim como pelas consequências decorrentes dessas escolhas. Perdigão (1995) afirma que, segundo Sartre, o homem tende a agir de má-fé. O determinismo é algo que acompanha o homem: seja por acreditar em um destino prefixado, seja pela crença em um Deus que planejou o futuro, a fé é algo que o comentador considera como irracional e idealizada. Afirma que para agir de má-fé temos que nos enganar primeiramente: “Como enganador, devo saber que estou me enganando. Como enganado, devo crer naquilo que inventei, ocultando a verdade de mim mesmo” (PERDIGÃO, 1995, p. 119). Assim o homem escolhe se enganar e colocar a responsabilidade do que aconteceu com ele nas mãos do destino, e ainda culpabiliza aquilo que ele fez de si mesmo na existência de uma força superior. O comentador afirma que não devemos confundir a má-fé com a mentira, pois uma está relacionada apenas a mim e às decisões que tomo no decorrer da minha vida, enquanto a outra está relacionada aos outros; quando decido mentir para o outro, reconheço saber que existe uma verdade que difere daquilo que afirmo.

Voltando ao romance, o tenente, ainda enquanto jovem, acredita que com a morte do pai, ele e a mãe poderiam viver como brancos e ser aceitos naquela sociedade segregacionista em que viviam: “*Agora que ‘ele’ está morto, nós dois poderemos viver como brancos. Nós somos brancos!*” (VERISSIMO, 1995, p. 60, grifo do autor). Uma sociedade racista é uma sociedade desigual por natureza. O tenente, ao sofrer todos esses traumas de uma só vez e não saber como reagir, se torna um negacionista da própria cor. Não se aceita afrodescendente, não admira o pai, não respeita a mãe por ter amado um homem negro, não assume todo esse sofrimento e renega tudo o que se origina de sua cor, ou seja: odeia a si mesmo, e desse modo, está preso dentro de uma pele que não o representa. Assim, mente para si mesmo que é branco. Após a morte do pai, não tem mais vínculos com a cor

“preta”. Pode se tornar um homem branco. O que acontece aqui é uma tentativa de ser aceito naquela sociedade segregacionista. Na realidade, o tenente não odiava o pai, odiava a situação que era imposta a ele. Desse modo, não sabendo lidar com seus sentimentos de revolta, passa a atribuir ao pai a culpa de tudo o que acontecia de errado e absurdo com ele.

A liberdade existencialista pode ser relacionada ao cerne da obra de Verissimo, uma vez que são as decisões de cada personagem que fazem com que a trama se desenvolva. Dessa forma, o que se apresenta na ficção com o tenente, de acordo com a perspectiva sartreana, é aquilo que ele decidiu fazer de si mesmo. Ou seja, as escolhas que tomou naquelas últimas vinte e quatro horas em que permanecia na guerra resultaram no que aconteceu efetivamente com ele. Assim, o que afirmamos é que o tenente decidiu ouvir as premonições e maus agouros que enxergava em seu caminho e escolheu, sem nem perceber, diante dos eventos que surgem na narrativa, fugir de algumas responsabilidades e ser um covarde. De acordo com Perdigão (1995), o “‘ser covarde’, por exemplo, não é uma coisa do tipo Em-Si, mas é projeto, totalização-em-curso, logo, algo que sempre se pode questionar, evanescente, suscetível de mudanças — algo próximo de ‘não ser covarde’. Nunca posso ser total e verdadeiramente ‘covarde’” (PERDIGÃO, 1995, p. 120). Desse modo, o tenente não é um covarde por definição. Ele pode deixar de ser covarde a qualquer momento, basta se comprometer com a verdade, parar de recorrer à má-fé e assumir as responsabilidades de sua existência. Algo que parece fácil, mas que para um homem complexo, inserido em um período complexo da história, é algo muito difícil de fazer.

O maior medo da personagem principal era ser um covarde e sua maior angústia era retornar para casa. Ele condiciona, agindo de má-fé, que algo maior o impediria de retornar à sua pátria, e de fato é isso que acontece: não por uma superstição ou um mau pressentimento, como é descrito no romance: “O tenente caminhou para a porta do hotel, sentindo no peito as palavras do nativo como uma tatuagem de mau agouro” (VERISSIMO, 1995, p. 62); mas, sim, pelas decorrências de suas escolhas que o encaminharam para esse fim.

A negação da responsabilidade pelas consequências que surgem a partir de seus atos consiste na má-fé descrita na teoria sartreana, como já vimos. Ao fugir da angústia de se posicionar, de assumir o controle e a responsabilidade pelas consequências de suas ações, o tenente age de má-fé. De acordo com Sartre, a

tomada de decisão é fundamental para o homem se constituir como desejar vir a ser. Se não somos seres prontos de antemão, é a partir das nossas decisões que nos construímos como heróis ou covardes. A lei moral que nos guia, ainda na perspectiva existencialista ateia de Sartre, é uma lei moral que se perfaz ao longo da vida, a partir das escolhas do homem. Não há algo predeterminado que o homem possa vir a culpar. Ou seja, não há uma vontade divina que o conduza a tomar alguma decisão. Muito menos um destino traçado que o induza a cometer alguma ação que não queira. Segundo o filósofo, ao agirmos, estamos visando um bem. Logo, agimos de acordo com a nossa moral: “O homem se faz; ele não está feito de antemão, mas se faz escolhendo sua moral, e a pressão das circunstâncias é tal que ele só não pode não escolher uma”. (SARTRE, 2012, p. 53).

A responsabilidade pelo suicídio do pai é algo que o tenente pega para si, e, a partir disso, sente culpa de ter sido a causa da morte do homem que o criou. Assim, ele está preso pela cor de sua pele, pelo sentimento de remorso e pela angústia de suas tomadas de decisões, por cujas consequências é responsável. Entretanto, é importante ressaltar que essas decisões foram realizadas de modo inconsciente. Ele escolhe se responsabilizar, se culpar e se envergonhar de seus atos da juventude, mas não escolhe fazer isso consigo conscientemente. Suas escolhas e modos de ver o mundo o encaminham para tomar decisões de acordo com o que faz mais sentido para si, e o que faz sentido para o tenente é se colocar na posição de culpado ou de covarde, uma vez que está inserido em um ambiente hostil para com ele, apenas por ter a cor de pele diferente da que querem impor como padrão.

Neste momento da narrativa temos a introdução de uma outra personagem importante. A primeira descrição que se tem da personagem é que:

A professora andava geralmente vestida dum modo tão pouco feminino, era tão destituída de coquetismo, que nas ocasiões anteriores em que a encontrara, ele sempre lhe dirigia a palavra como uma pessoa de seu sexo ou, mais precisamente, a um sem sexo determinado. (VERISSIMO, 1995, p. 62).

O narrador continua descrevendo uma lembrança do tenente em que este afirma: “Descera dum jipe metida num uniforme militar verde-oliva, coberta da poeira da estrada, os cabelos atochados dentro dum chapéu masculino de pano, o blusão com escuras manchas de suor à altura das axilas, um cigarro aceso enfiado num canto da boca. (Parece um sargento — pensara ele.). (Ibid., p. 63). Essa imagem da

personagem será utilizada para análise mais adiante, mas é relevante saber dessa perspectiva inicial que o tenente tem da professora.

Ainda nos debruçando sobre a análise literária, retornando sobre os pares de luzes e sombras, vemos uma descrição de ambientação que nos mostra uma lembrança do tenente, de um ambiente com pouca iluminação:

As luzes e reflexos avermelhados daquele interior em penumbra levaram o tenente de volta ao menino que visitara um dia com sua mãe o museu de Ciência e Indústria, em uma das grandes cidades de seu país. Tinham descido ao simulacro duma mina de carvão em tamanho natural, sombria e fechada como aquele recinto. (VERISSIMO, 1995, p. 63-64).

Nesse trecho o tenente acabava de entrar em um restaurante para se encontrar com a professora. O ambiente por si já oprimiu o personagem, fazendo-o lembrar de uma visita que fez num museu a uma mina sombria e fechada. Isso pode ser relacionado ao sentimento de prisão que aquele lugar remetia ao tenente, não só o restaurante, mas a cidade, a guerra e a situação que vivia. Na progressão da narrativa, esse sentimento aumenta, suas tomadas de decisões vão sendo cada vez mais difíceis e suas ações carregam cada vez mais responsabilidades.

Voltando aos colonizadores, no trecho a seguir do romance pode-se verificar que há uma crítica aos franceses e seus abusos para com o povo asiático. A personagem da professora é descendente de franceses, e em um diálogo com o tenente ela expõe mais uma vez sua opinião sobre a invasão daquela terra:

Fomos péssimos colonizadores. Egoístas, orgulhosos, gananciosos e sem escrúpulos. Trouxemos para cá, entre outras coisas más, um dos símbolos da nossa decantada civilização: a guilhotina... Nos últimos anos de ocupação, havia neste território mais cadeias que escolas. Nossa derrota definitiva em 1954 não só era de se esperar como também desejar, em nome da decência humana. (VERISSIMO, 1995, p. 70-71).

Mesmo sem nomear a nacionalidade da professora, sabe-se que a guilhotina foi uma invenção francesa: esse é mais um dado do romance que pode ser relacionado com a história. Com os dados e o ano citados no trecho analisado, pode-se relacionar a verossimilhança da narrativa com a veracidade dos eventos históricos e, desse modo, saber que o livro aborda conflitos que existiram de fato, apesar de ser uma obra de ficção. No livro *Que é a literatura?* do filósofo (2015), logo no prefácio, Arlette Elkaïm-Sartre, filha adotiva do pensador francês, comenta sobre as preocupações do autor por causa da Primeira Guerra da Indochina (1946–1954): “Lembremos também que na bagagem do seu engajamento pesava ainda

outro tema preocupante, ao qual ele faz aqui algumas alusões e sua revista já o testemunhara: *A Guerra da Indochina*” (SARTRE, 2015, p. 10). Desse modo, o filósofo tinha conhecimento sobre aqueles eventos e, assim como Verissimo, considerava o tema preocupante. Ele já havia também se manifestado contrário às colonizações francesas na revista que ajudou a fundar: *Les temps modernes*<sup>7</sup>.

De acordo com o livro *A história da guerra do Vietnã* (2016), uma guerra teve impacto na outra guerra que viria posteriormente:

A Primeira Guerra da Indochina durou de 1946 a 1954. Em nove anos de conflito, o número de soldados mortos ultrapassou os duzentos mil, à medida que a França opunha sua tradicional organização e poder de fogo contra divisões totalmente não convencionais da guerrilha *Vietminh*. A importância da guerra francesa para a posterior Guerra do Vietnã é absoluta. (WUEST-MCNAB, 2016, p. 9).

Após a conquista da Independência, surgiu um novo conflito pela disputa de poder daquele país, que após a Conferência de Genebra em 1954 ficou dividido por dois extremos. O Governo do Norte era controlado por comunistas e o Governo do Sul apoiado pelos Estados Unidos da América (EUA). Devido a interesses políticos, financeiros e geográficos, o envolvimento dos estadunidenses foi crescendo na mesma medida em que acreditavam que o avanço comunista estava se tornando uma realidade a nível global. Foi a partir de 1965 que a Guerra do Vietnã começou a contar com a ajuda efetiva dos EUA, com a chegada dos soldados norte-americanos para integrar o Sul, e do outro lado o grupo *Vietcong*<sup>8</sup> se tornava cada vez maior e mais violento.

Retomando a análise do romance, no trecho a seguir, o tenente lembra mais uma vez do suicídio que presenciara naquela manhã. Mesmo sem pensar na estudante budista, o cheiro de carne queimada o fez lembrar do evento terrível. E a imagem dessa memória olfativa o fez se sentir mal novamente: “E quando o garçom pôs à frente da professora o prato de vitela que ela pedira, o cheiro de carne assada entrou pelas narinas do tenente e pintou-lhe na mente a imagem da estudante em chamas”. (VERISSIMO, 1995, p. 73).

Verissimo afirma, na entrevista de lançamento do romance, que a solução para aquela guerra seria: “a retirada incondicional das tropas norte-americanas.

---

<sup>7</sup> A revista foi fundada em 1944 e ficou conhecida posteriormente como a revista de Sartre, mas contou com vários autores e filósofos contemporâneos e amigos de Sartre, como Simone de Beauvoir, Maurice Merleau-Ponty e Raymond Aron (GALLIMARD, 2022).

<sup>8</sup> Nome que significa “vietnamitas comunistas” (WUEST-MCNAB, 2016, p. 25).

Essa guerra nem sequer foi declarada pelo Congresso dos Estados Unidos” (VERISSIMO, 1999, p. 41). E desse modo, o intuito do romance é evidenciar que, assim como os vietnamitas sulistas não queriam essa ajuda dos EUA, os soldados estadunidenses também não queriam estar naquele lugar. Há evidências de que a real motivação por trás desse conflito era o interesse político, financeiro e material<sup>9</sup>.

Os sentimentos de estarem naquela guerra por obrigação, junto com o racismo presente na narrativa, é o que resulta no conflito interno que move a personagem principal. E os sentimentos que estão descritos nessa ficção estarão relacionados com a teoria sartreana sobre o existencialismo. O que fica evidente ao longo da leitura do romance é que aquele conflito armado se transformou numa guerra total: uma guerra que ataca não apenas os soldados dos inimigos, mas toda a população e o país inimigo por completo. Verissimo explica o que é uma guerra total, e nesse trecho surge o único nome de pessoa citado no livro:

– Ouviu falar alguma vez em Karl von Clausewitz? – perguntou a professora [...] ela continuou:

– Foi um general prussiano que escreveu sobre estratégia militar em meados do século passado. Era partidário da guerra total: achava que o inimigo devia ser atacado de todas as maneiras possíveis... não só o seu exército como também a sua população civil, o seu território, propriedades etc. ... Foi ele quem afirmou que a guerra é a continuação da política. (VERISSIMO, 1995, p. 79-80).

Essa é uma referência ao nome de Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz<sup>10</sup> (1780–1831), um militar da Prússia que escreveu a obra *Da guerra* (1832). No livro sobre a Guerra do Vietnã (WIEST-MCNAB, 2016) temos uma referência a uma guerra total, quando os EUA desembarcaram no Vietnã e iniciaram ataques aéreos de uma operação que só traria mais horror àquela guerra:

Em 24 de fevereiro de 1965, a campanha aérea foi transformada quando Johnson autorizou a abominável Operação *Rolling Thunder*. Essa guerra aérea maciça e prolongada contra o Vietnã do Norte foi efetivamente um movimento em direção à guerra total, e em 08 de março um grande contingente de fuzileiros navais americanos desembarcou nas praias de Danang. (WIEST-MCNAB, 2016, p. 39).

Esse movimento de ataque iniciou um conflito que durou mais ou menos oito anos. A Segunda Guerra da Indochina (1955–1975) ainda não havia terminado quando Verissimo decidiu retratá-la. E a Guerra Fria (MARTINS JUNIOR, 2022)

---

<sup>9</sup> “A Indochina era uma região vital de comércio de bens, como arroz, a borracha e o minério de ferro.” (WIEST-MCNAB, 2016, p. 25.)

<sup>10</sup> A obra está disponível em: <https://clausewitz.com/readings/OnWar1873/TOC.htm>. Acesso em: 04 jul. 2022.

ainda era uma realidade para os governos dos EUA e da antiga URSS. A América Latina estava repleta de ditaduras financiadas pelos governos dos EUA, inclusive no Brasil. Com a promulgação da Constituição Brasileira de 1967, o Ato Institucional nº 5 entraria em vigor um ano depois. Desse modo, a liberdade era um tema extremamente relevante nesse período. Acredito que ainda é relevante, por mais que estejamos vivemos em uma democracia, ao atacar deliberadamente as urnas eletrônicas, o presidente Jair Bolsonaro afirma que, se não for reeleito, não aceitará a derrota nas eleições de 2022 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021), e conseqüentemente, a nossa democracia está em perigo em pleno século XXI, assim como a nossa liberdade de escolher melhores representantes.

Assim, estudar eventos como a Guerra do Vietnã, por exemplo, é importante para evitar que aquele passado terrível se torne realidade novamente. Verissimo procurou escrever sobre aquela guerra distante visando refletir sobre a liberdade, uma vez que se escolhesse escrever sobre a ditadura que imperava naquele período no Brasil seria censurado. Não poderia publicar sua obra em território brasileiro sem ser preso ou exilado, e seria muito difícil conseguir efetuar publicações em outros países. O romance foi traduzido para o coreano em 1985, e segundo o livro *Erico Verissimo: O escritor no tempo (1905–1990)*, no capítulo *O romance em zona de transição*, Regina Zilberman afirma que: “Erico Verissimo narrou como poucos a decadência e a morte das sociedades” (VERISSIMO, 1990, p. 46). Ela afirma que nesse romance temos a descrição da decadência:

[...] dos grandes impérios, como em *O prisioneiro*, que retoma o mito de David e Golias para mostrar como a força e o poder militar não bastam para reprimir ou evitar as reações de suas vítimas que, mesmo inferiorizadas, lutam para conquistar e afirmar seus direitos. (Ibid., p. 46).

Essa escolha de narrar declínios das sociedades não foi com o intuito de lamentá-las ou se compadecer delas. Segundo Zilberman, Verissimo adota uma postura neutra em seus romances políticos e evidencia que os personagens secundários podem ganhar notoriedade ao longo de suas narrativas. Para ela:

Erico situa seus romances nesta zona de transição, quando os lugares sociais estão sendo trocados. A escolha lhe permite examinar os dois lados da mesa da questão, tomando partido daqueles que representam a mudança, sem, todavia, mostrar-se moralista em relação ao ultrapassado. (Ibid., p. 46).

Desse modo, Verissimo consegue fazer uma literatura crítica sem ser censurado. Ele mostra a mudança que acredita necessária, sem ser perseguido e

oprimido por falar sobre tabus da época. Aborda o tema da liberdade de modo que os ditadores aceitam e não veem problema em se publicar um romance que fale sobre a Guerra do Vietnã. É a partir desse movimento que podemos afirmar que Verissimo era um autor engajado. Segundo o comentador de Verissimo, Flávio Loureiro Chaves: “a defesa da célula familiar significa que aí no centro mesmo da estrutura argüida, Erico Verissimo encontra o elemento capaz de assegurar a continuidade do humano;” (CHAVES, 1976, p. 67), e continua sua perspectiva afirmando que:

o ato da escritura se faz ‘engajado’ por fundamentar-se nesta concepção ética. A crítica à burguesia não exclui uma filosofia de vida que é, no fundo, burguesa, como burguês foi e é todo o realismo literário criado no romance moderno”. (CHAVES, 1976, p. 67).

Mesmo afirmando não gostar de política, sua literatura era engajada em demonstrar o que regimes ditatoriais poderiam fazer com uma nação. Mostrava como a liberdade é fundamental para se construir uma comunidade mais justa e como o preconceito aprisiona indivíduos inseridos em qualquer sociedade. Discutir sobre ambientes opressores é uma maneira de alertar a todos que existe essa realidade. De certo modo, acredito que esse tenha sido o movimento de Verissimo ao escolher retratar os horrores dessa guerra. E, ao escolher não nomear os eventos narrados, ou as personagens presentes na narrativa, o autor se abdicava de dar toda essa importância para as palavras, valorizando o que existe de fato. Como veremos adiante, as palavras não devem ser mais admiradas ou temidas do que as coisas que elas designam. Assim, ele poupa-se de ser censurado e demonstra que as palavras são apenas palavras. Um nome é apenas uma palavra. Veremos mais sobre esse movimento nos próximos capítulos.

## 5 A PROFESSORA

O único momento histórico que tem seu nome citado no romance é a Segunda Guerra Mundial, a guerra que aprisionou pessoas em massa e que fez a humanidade questionar diversos aspectos da liberdade, conforme diz a personagem:

Eu tinha treze anos quando começou a Segunda Guerra Mundial e dezoito quando a península foi invadida por aqueles homenzinhos industriais e eficientes que adoram seu imperador. Bom, tenente, para resumir a história, fomos postos os três num campo de concentração. Minha mãe morreu de disenteria e os invasores encontraram um pretexto para liquidar meu pai. (VERISSIMO, 1995, p. 83).

A professora é uma mulher com origem francesa que foi morar no Vietnã na infância, até o momento em que foi capturada e levada para um campo de concentração. Desse modo, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais aconteceram nesse universo fictício e os eventos narrados são posteriores a ambas. Ao analisar os fatos históricos, podemos verificar que essas grandes guerras e conflitos formam uma linha temporal que tem um curto espaço de tempo entre elas. Logo, Verissimo e Sartre, homens contemporâneos entre si, presenciaram e acompanharam esses momentos históricos universais, e, por serem ambos cosmopolitas humanistas, se importavam com o que estava acontecendo no mundo naquele período de guerras. Para realizar esta pesquisa, buscamos compreender o que pensavam os dois autores acerca da Guerra do Vietnã. Para Sartre, conforme relatou em uma entrevista gravada em 1967<sup>11</sup>, havia nesse conflito um perigo iminente de um confronto nuclear, devido às proporções que a guerra estava tomando. Além disso, o filósofo afirmou que não havia nada de glorioso em um ataque superpoderoso contra uma pequena nação que buscava resistir, mas que não tinha recursos para combater de modo equivalente o inimigo. Já Verissimo demonstrou-se preocupado com esse conflito a ponto de escrever o romance para expor as desigualdades e absurdos que aquelas pessoas estavam vivenciando.

Sendo assim, ambos os escritores podem ser considerados engajados, ou seja, comprometidos com a escrita e com a sociedade à sua volta. Ao utilizar os conceitos sartreanos na literatura, a noção de engajamento é algo que deve ser compreendido de imediato, pois Sartre (2015) escreveu um livro reunindo o

---

<sup>11</sup> O referido vídeo está disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=xxEKiMTrHRc&ab\\_channel=AjnaSpirituality](https://www.youtube.com/watch?v=xxEKiMTrHRc&ab_channel=AjnaSpirituality). Acesso: 07 jul. 2022.

engajamento e a literatura, que retrata o movimento de atuação do escritor na sociedade a partir de uma escrita comprometida, levando em conta não apenas o que se deve escrever, mas como e para quem se escreve.

Aprofundando esse pensamento, para Sartre (2015), o objeto literário implica em uma relação autor/leitor que exige uma troca, tanto do que o autor quer exprimir, quanto do que é recebido pelo leitor. Fernanda Alt nos ajuda a entender melhor essa relação: “É à liberdade do leitor que o autor se dirige quando escreve, ou seja, *sua capacidade de transcender o texto e ir além do que é dado ao produzir sentido*”. (ALT, 2009, p. 55, grifo da autora). Apesar de ser um romance ficcional, essa obra tem relação com o mundo em que vivemos e com a história, e o intuito do autor pode ser interpretado como uma preocupação com o conflito que acontecia naquele período. Sem precisar citar e referenciar nada, a verossimilhança na narrativa está relacionada com a veracidade dos eventos históricos que foram presenciados pela humanidade.

Verissimo decide falar sobre esse tema para debater assuntos pertinentes como racismo, liberdade, suicídio, desigualdade, além da guerra. Para o autor, falar sobre o Vietnã era falar sobre a falta de liberdade presente em todo o mundo. O *prisioneiro* (1995) é um romance que tem como objetivo evidenciar o quanto a liberdade deve ser refletida e questionada, por exemplo: no Brasil de 1960, tínhamos a ditadura que oprimiu e censurou artistas e a imprensa; no mundo, a Guerra Fria foi um conflito que possibilitou que a Guerra do Vietnã acontecesse.

Dando seguimento ao texto literário, nesse momento da narrativa, retomamos a análise das sombras, que surgem relacionadas às palavras. “As palavras” podem ser relacionadas com a sombra das coisas em si, algo que alude à prisão no romance, pois vimos que as palavras aprisionam o tenente. Ao passo que as coisas que existem no mundo estão associadas à luz (clareza) que pode indicar a liberdade, de acordo com o romance, como também já vimos que o fogo (iluminação) é utilizado como uma espécie de libertação. Para entender melhor, analisaremos uma citação que ilustra essa dualidade. Veremos como a palavra “sombra” é empregada no livro:

Acho que no fundo temos mais medo às palavras do que às coisas que elas representam, e isso nos tem levado a equívocos tremendos. Pense bem, a sombra da rosa não é mais bela que a rosa. A sombra do bandido não é mais perigosa ou cruel que o próprio bandido. [...] as palavras são as sombras das coisas, das pessoas, dos fatos e das ideias que representam.

A fidelidade da sombra com relação ao seu objeto... quero dizer: o tamanho, a forma, a intensidade, depende da posição do foco de luz, isto é, o temperamento da pessoa e sua maior ou menor habilidade no uso da linguagem. Falei claro? (VERISSIMO, 1995, p. 84).

A explicação da personagem da professora sobre a projeção de algo, ou seja, sua sombra, que não pode ser mais temida e/ou admirada do que a coisa em si, é uma tentativa de mostrar para o tenente que as palavras não devem ter poder sobre nós. As palavras existem para designar determinadas coisas, nós é que significamos essas palavras de acordo com as ideias e entendimentos de mundo. Logo, o tenente tem medo de palavras que considera despudoradas: “negro”, “prostituta”, “suicídio” etc. são exemplos de termos que ele evita usar por possuírem um significado pesado para si. Essas palavras o fazem lembrar-se do preconceito sofrido, da traição à esposa e da morte do pai, e desse modo podemos afirmar que essas palavras o aprisionam. Sua amiga explica-lhe que ele não deve temer as palavras, mas as coisas em si. No entanto, o tenente não tem medo de trair a esposa, por exemplo, ele só tem medo de ser julgado por ter traído. A citação analisada é uma maneira de demonstrar que quem detém a chave do seu próprio cárcere é o tenente: ele se aprisiona, não se aceita, se julga culpado sempre. A professora ainda conclui sua fala com um “Falei claro?”, que ironiza o poder das sombras, ou indica que sua intenção é libertar o tenente dessas ideias (preconceitos, tabus). De acordo com Bordini:

A Professora é a porta-voz do autor e de suas convicções, como ele confessa no ensaio *Anatomia dum romance*, o que fica claro quando ela afirma que não aceita “nenhum sistema social, econômico e político que não tenha como centro a pessoa humana, seu bem-estar, sua liberdade e sua dignidade” (PRI, 1967 p. 64), credo muitas vezes repetido por Verissimo em suas entrevistas e depoimentos. (BORDINI, 2012, p. 263).

A importância da personagem da professora está não apenas em ela representar a filosofia na obra, mas também em dar voz, muitas vezes, à opinião do autor, além de representar uma mulher inteligente, o que nos leva a verificar que Verissimo escreveu diversas personagens fortes do sexo feminino para justamente dar voz às mulheres de seu tempo<sup>12</sup>.

Retomando a análise das sombras: a representação das coisas que existem no mundo como apenas sombras distorcidas e longes da realidade é algo que se pode aproximar à obra *A alegoria da caverna*, de Platão (2000), que demonstra

---

<sup>12</sup> Temos Clarissa, Ana Terra, Bibiana Terra como alguns exemplos de personagens mulheres fortes descritas em outros romances de Verissimo.

como as sombras do mundo real projetadas na parede da caverna alteram a percepção das pessoas que se encontram presas na caverna. Tais sombras não dizem nada a respeito dos objetos que são refletidos, no entanto, as pessoas dentro da caverna ficam amedrontadas com o que é refletido, acreditando que aquelas sombras representavam o mundo factual. Ao sair da caverna, uma dessas pessoas passa a ver com clareza como os objetos são de fato. Na alegoria, as sombras são uma analogia ao mundo corpóreo, enquanto o ato de sair da caverna significaria utilizar a razão para compreender o mundo.

Voltando para a análise da personagem principal, há um movimento de fuga do tenente que é recorrente ao longo de toda a narrativa. Ele fugiu quando foi atacado na adolescência: ao invés de ajudar o pai caído, o abandona para se salvar; foge das suas origens: tenta se passar por uma pessoa branca, não aceita sua cor; fugiu da esposa e do filho: que também são afrodescendentes e sofrem ataques nos EUA; foge das responsabilidades afetivas: se apaixona por uma prostituta vietnamita no meio daquela guerra, traindo sua esposa com uma inimiga; e foge de se posicionar: não consegue tomar uma atitude de resistência, prefere se enfiar em outra guerra, se eximindo de suas responsabilidades, evitando os problemas ao invés de enfrentá-los. Ao ser questionado pela professora sobre o porquê de deliberadamente se voluntariar para ir para a guerra, o tenente responde:

- Porque sou um covarde.
- Vamos, tenente, um covarde não vai para guerra: foge dela.
- Mas eu fugi da outra guerra.
- Que outra guerra?
- Não percebeu ainda que sou negro?
- A ideia nunca me passou pela cabeça.
- E isso lhe faz alguma diferença?
- E por que havia de fazer?
- Na minha cidade natal uma mulher branca que fosse vista com um homem de cor num lugar público, teria complicações sociais...
- Ah! Compreendo, você se refere à guerra racial. (VERISSIMO, 1995, p. 87).

No trecho analisado, vemos que a cor do tenente não é algo que chama a atenção da professora, porém, para ele, qualquer pessoa o vê primeiro como um “homem negro”. Sua escolha de fugir de uma guerra em seu país para se enfiar em outra é vista por ele mesmo como uma decisão covarde. A teoria existencialista “quando descreve um covarde declara que este covarde é responsável por sua covardia. [...] porque ele se modelou um covarde por meio de seus atos” (SARTRE, 2012, p. 44). Mesmo que de modo inconsciente, o tenente se mantém um covarde.

As suas escolhas o fazem ser um covarde e seu maior medo é permanecer assim até o fim de sua vida. Ao escolher não se comprometer e nem agir de maneira heroica, acaba sendo muito difícil para esse homem com tantos traumas. Ele usa de má-fé para justificar seus atos e não se engajar na luta que realmente gostaria de se engajar. Veremos adiante mais sobre as escolhas do tenente. O trecho que considero fundamental para compreender a complexidade de sentimentos do personagem principal do romance é que o tenente não se aceita enquanto negro:

— O ponto crucial de meu problema é que *eu não quero ser negro*. Não me sinto negro a não ser quando uma palavra ou um ato discriminatório dum branco me lembra disso. Sei que poderia passar por branco em qualquer país latino-americano... Mais ainda: não estimo a minha gente, não gosto do... do seu cheiro, dos seus traços fisionômicos, do seu jeito de falar... Envergonho-me do sangue que me corre nas veias. É duro ter que admitir tudo isso, mas é o que sinto, o que *sou*. (VERISSIMO, 1995, p. 87-88, grifo do autor).

O racismo presente no tenente é um racismo estrutural, uma manifestação dos traumas que sofreu inserido em uma sociedade doente que não aceitava diferenças e excluía pessoas afrodescendentes. Por conta disso, há um sentimento de culpa evidente na personagem principal: é possível ver que ele não se perdoa por desejar a morte do pai e por não aceitar a cor de seu progenitor. Ele se frustra por não conseguir o que tanto queria, isto é, viver como um branco. O maior desgosto de sua vida não foi encontrar o pai morto, mas, sim, se dar conta de que o suicídio foi proveniente de sua negação ao pai. Relata para a amiga: “— Depois daquela noite terrível que passou em casa gemendo as suas feridas, meu pai se matou. Fui eu quem o encontrou enforcado no quarto de banho”. (VERISSIMO, 1995, p. 89). Ele desmaia ao ver o corpo do pai, mas os sentimentos que seguem disso são ditos como cruéis pelo próprio tenente. Desse modo, esses sentimentos podem ser considerados aprisionadores:

— Pois lá estava eu, junto do cadáver do marido da minha mãe, pensando aquelas coisas todas, incapaz dum sentimento de simpatia humana, de amor... ou, pelo menos, de compaixão. Já imaginou a crueldade de que é capaz um adolescente? Pior ainda: lembro-me de que estava ansioso por ver o velho dentro dum caixão, a caminho do cemitério. Pensava já em mandar fumigar a casa, vender as roupas dele, fazer desaparecer por completo o cheiro de seu suor, todos os vestígios de sua negridão... Não é cruel? Não é terrível? Era como se o pobre homem tivesse morrido de peste... (VERISSIMO, 1995, p. 90).

No trecho acima, o tenente está conversando com a professora, uma amiga que conheceu no período em que esteve nessa terra estrangeira. Por ser

descendente dos colonizadores europeus, a professora o ajuda a questionar vários conflitos internos e externos apenas fazendo-o enxergar por outro ponto de vista. Na citação vemos que o tenente sabe que foi cruel quando adolescente, julga que suas atitudes foram terríveis, mas não muda de postura. Sente que foi cruel com o pai que havia acabado de falecer, mas ainda nos dias de hoje confessa que não queria ser um homem afrodescendente. Quer deixar de ser um covarde, mas não age para que isso aconteça.

A angústia manifesta-se no tenente desde o início da narrativa. Sartre (2012) refere-se ao sentimento de angústia como sendo emergente da total e profunda responsabilidade que devemos assumir ao tomar decisões importantes. Assim, o tenente está preso pela cor de sua pele, pelo sentimento de remorso e pela angústia de suas tomadas de decisões, por cujas consequências é responsável.

Sabe-se que o tenente está aprisionado num corpo que não deseja, com traços negros: “Ora, eu acho que no caso dos pretos, o corpo é a *penitenciária* de seu espírito.” (VERISSIMO, 1995, p. 92, grifo do autor). Desse modo, mesmo que lhe doa internamente, decide não se identificar com outros negros, tentando sempre se passar por um homem branco. Seu retorno para casa exigiria dele diversas tomadas de decisão. Como vimos, de acordo com a teoria sartreana, as tomadas de decisões do homem sempre visam um bem. Nesse sentido, as escolhas do momento final do romance objetivam acabar com uma opressão enorme.

No romance, o tenente teme mais as sombras do que o objeto. Devido aos traumas sofridos ao longo de sua existência, ele tem medo até das palavras que emprega. As palavras são as sombras das coisas. Um exemplo que torna evidente essa relação entre a palavra e as coisas está na aversão à letra k, que o tenente tem no início de sua vida, justamente por remeter à *Ku klux klan*.

A única personagem que pode ser considerada nomeada no romance é a prostituta K., pois a sonoridade da metade de seu nome em seu idioma natal faz o tenente lembrar do som da letra k. “— Não consegui aprender seus dois nomes. O primeiro me soa como uma letra do alfabeto: K. É esse o ‘nome’ que lhe dou” (VERISSIMO, 1995, p. 95). Ao se relacionar por meses com a prostituta, o tenente ressignifica esse sentimento de repulsa à letra k, para um sentimento de afeto e carinho. Essa mudança de significação indica a importância que dá às palavras e que, de certo modo, elas podem aprisionar. Indica também que é possível se desvencilhar de uma má significação. Ele consegue, apesar de ser um processo

lento e difícil, ressignificar o sentimento que tinha por uma letra específica do alfabeto.

Após o diálogo com a professora, personagem que conversa sobre todos os assuntos profundos do romance: a guerra, o racismo, o suicídio e violências sofridas, o tenente relembra do trecho em que a professora o alerta sobre as palavras serem apenas as sombras de algo: “As palavras podem ser sombras, mas que força possuem essas sombras! Que magia!” (Ibid., p. 96). Nesse momento vemos que ele teme ainda o poder das palavras. Ele teme assumir para todos que trai a esposa com uma prostituta vietnamita, teme ser julgado por estar se relacionando com uma inimiga, teme assumir que é um afrodescendente, teme retornar ao seu país e tomar um partido na guerra racial que estava acontecendo.

Partindo da afirmação de que as palavras são as sombras das coisas, sabe-se que para o tenente os nomes amedrontam mais do que as coisas em si. Nesse sentido, de acordo com a teoria sartreana, podemos sustentar que as palavras aprisionam o tenente. Ele está preso ao significado das palavras mais do que às coisas em si. Ao proferir a palavra “prostituta” quando se refere à K., ele sente o peso de tudo o que ela significa em sua vida: da traição à sua esposa, do fato de amar uma nativa, do julgamento por se relacionar com alguém que recebe dinheiro para isso, do julgamento de seus companheiros por se deitar com o “inimigo” etc. Ao demonstrar para a professora essa aversão à palavra “prostituta”, sua amiga o confronta: “— Diga logo sem medo: prostituta. Não se trata dum adjetivo, mas dum substantivo que designa uma profissão” (VERISSIMO, 1995, p. 97). Ao longo de toda a narrativa, a personagem da professora ajuda o tenente a problematizar preconceitos enraizados que possui, mas alguns desses preconceitos são muito profundos e o tenente não consegue se libertar dessas prisões internas que algumas palavras significam.

Por temer tanto as palavras: traição, amante, inimigo, negro, posicionamento, pai, mãe, prostituta etc. é que o tenente reflete por várias vezes sobre isso: “As *palavras são as sombras das coisas*. Talvez. Mas as palavras podiam ferir. As palavras às vezes matavam” (ibid., p. 101, grifo do autor). Aqui vemos a dificuldade que o tenente tem em ressignificar algumas dessas palavras. Alguns gatilhos são muito fortes e seu medo era constante. Dessa forma, ele sempre estaria preso àquelas palavras, por mais que quisesse se libertar.

No romance, temos a afirmação que evidencia essa intenção do autor:

“aqueles homens de cor não podiam viver muito tempo longe da pátria que os repudiava” (Ibid., 1995, p. 101). O que chama a atenção de Verissimo é que, mesmo sendo obrigados a ir para a guerra defender um povo que não os queria por perto, os estadunidenses afrodescendentes desejavam retornar como heróis de guerra a qualquer custo para seu país, acreditavam assim que seriam aceitos pela sociedade racista dos EUA da década de 1960. Em resumo, os soldados afrodescendentes eram julgados pela sociedade ao servirem numa guerra que não era deles, e eram julgados se retornassem sem a vitória que os EUA desejavam. Não importando as escolhas que fizessem, eles seriam criticados de qualquer maneira pelo simples fato de terem uma cor de pele diferente.

Desse modo, o racismo presente no romance também pode ser considerado como um aspecto relacionado à liberdade, uma vez que ele é uma maneira de cercear a liberdade de quem o sofre. Esses são conceitos filosoficamente complexos até os dias de hoje, mas sobre os quais não era possível debater abertamente naquela época, pois no Brasil de 1967 a ditadura perseguia, censurava e exilava autores e artistas que quisessem exprimir livremente uma opinião política contrária ao regime totalitário. No Vietnã, sabemos que a liberdade era algo que aquela nação estava lutando para conquistar há décadas. E nos EUA, como vimos até aqui, por mais livre que a sociedade quisesse parecer perante o mundo, os afrodescendentes que viviam lá não eram livres, pois eram segregados e ainda foram enviados para uma guerra do outro lado do mundo para defender uma nação que não os aceitava, num conflito problemático e conturbado, motivado por causa da Guerra Fria, por interesses geopolíticos e por medo do comunismo que estava em ascensão.

Ao pensar em seu retorno para casa, esses sentimentos de traição e arrependimento de escolhas que fez vão tomando conta da personagem:

Pensou na própria esposa com remorso. Imaginou que o filho caminhava agora a seu lado, com a cabeça enfaixada em ataduras sangrentas. Aonde vais, papai? Vou dormir com uma vagabunda. Escuta o que te digo, eu, teu pai, sou um traidor. Traí meu próprio pai. Traí minha mãe. Traí minha raça. Agora vou trair mais uma vez minha mulher, tua mãe. Vai-te daqui! Talvez hoje eu faça um filho na rameira. Aí terei traído a ti também. (VERISSIMO, 1995, p. 102).

O tenente é sempre duro consigo, o racismo que sentiu ao longo de sua vida inteira advém agora de seus próprios pensamentos. Por vários momentos ao longo da narrativa ele não só compactua com o racismo estrutural, como questiona se por ser um homem preto teria direito a qualquer espécie de liberdade.

Esses questionamentos são uma maneira de se eximir da responsabilidade de lutar contra uma sociedade racista, ao mesmo tempo em que há um sentimento apático presente na personagem, por não conseguir quebrar o mecanismo racista que impera nos EUA, por ver tanto sofrimento de seu povo e nenhuma mudança efetiva. O personagem leu numa carta que o filho tinha sido agredido na escola e estava com a cabeça enfaixada depois de ter sido acertado por pedradas. O tenente não quer voltar para os EUA e resolver conflitos dessa natureza, ele continua sem querer se posicionar na guerra racial que acontece em sua terra natal por justamente acreditar que não tem mais forças para lutar contra esses preconceitos. O sentimento de esgotamento total toma conta do tenente, pois sabe que seu pai sofreu com o racismo, que ele sofre até os dias de hoje e que seu filho começou a sofrer, ainda que seja apenas uma criança.

Ao retornar para os EUA, teria que proteger sua família dos ataques que estavam sofrendo. Por exemplo, após receber a carta da esposa relatando a agressão de seu filho na escola, a imagem da criança sangrando e sofrendo faz com que o tenente se sinta culpado por estar longe de casa lutando naquela guerra que não era sua, deixando sua família sozinha. Entretanto, ele não quer retornar para casa e se responsabilizar por cuidar do bem-estar da família, numa sociedade que o quer longe, ou jogado à margem. É isso que o tenente pretende evitar de todo modo: o compromisso e o peso da responsabilidade.

O tenente tenta memorizar que as palavras são apenas sombras, e ao pensar em seu próprio nome sente: “sombras... pronunciou baixinho o próprio nome, muitas, muitas vezes, até que aquela combinação de fonemas perdeu todo o sentido” (VERISSIMO, 1995, p. 103). Esse é seu retrato ao longo do romance, perdido naquele lugar opressor, sentindo a angústia de retornar para sua pátria, pressionado a se posicionar, tanto na guerra quanto na luta que enfrentaria ao chegar aos EUA contra o segregacionismo. De acordo com Sartre (2012), a angústia e a responsabilidade são sentimentos que surgem no homem na medida em que ele se vê e se entende livre: “trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que já tiveram responsabilidades conhecem” (SARTRE, 2012, p. 30).

A angústia sartreana é um termo que designa a inquietação do homem ao se dar conta da solidão em que se encontra e da responsabilidade que tem pela sua própria existência. O homem existencialista é tomado por um sentimento de vazio, pois o existencialismo sartreano é ateu e, desse modo, coloca o homem no centro

de suas escolhas e capacidades. Porém, isso não significa que somos responsáveis por tudo o que acontece a nós. De acordo com o comentador de Sartre: “Se a liberdade é o fundamento do Para-Si, isso quer dizer que nenhuma razão motivadora pode determinar o seu Ser” (PERDIGÃO, 1995, p. 90). Mesmo não havendo absolutamente nada que determine o homem, as escolhas que serão feitas ao longo do porvir de sua vida estão situadas no mundo. Em outro momento de seu livro, Perdigão afirma que:

Por causa desse Em-Si maciço do qual sou Nada, não posso fazer-me outro que não eu mesmo: não escolhi nascer com este corpo, portador de determinada estrutura fisiológica, nessa época, pertencente a determinada classe social e determinada nacionalidade, etc. (PERDIGÃO, 1995, p. 49).

Sendo assim, existem coisas que ultrapassam nossas escolhas, que nos são impostas e cabe ao homem apenas decidir o que fazer delas. Desse modo, Sartre afirma que “A existência precede a essência, ou se preferirem, que é preciso partir da subjetividade.” (SARTRE, 2012, p. 23). Esse fundamento é a chave para entender a filosofia sartreana. Significa que o homem não é feito de antemão, não há um Deus que lhe projete. Ele primeiramente existe e então descobre sua essência ao longo do percurso de sua vida. Partir da subjetividade significa que somos apenas uma “possibilidade de ser”, vamos nos inventando na medida em que existimos no mundo.

Pode-se perceber que o tenente, toda vez que se sente pressionado por qualquer ocasião ao longo daquelas vinte e quatro horas antecedentes ao seu retorno para casa, revê a imagem que o aterrorizou: “Ele tornou a ver a estudante da manhã envolta em chamas”. (VERISSIMO, 1995, p. 108). Nesse trecho, na metade do livro, ele está com a prostituta K. no *Café Caravelle*. Após a conversa que teve com a professora, não consegue fazer nada com a jovem vietnamita, a não ser ficar admirando-a e pensando na vida daquela moça. Não sentiu nenhum desejo por ela, somente compaixão. Pressionado a se despedir de K., lembrou da jovem estudante em chamas pela semelhança entre as duas vietnamitas. Pensou em ambas como prisioneiras. Uma é explorada pelo proxeneta e provavelmente jamais conseguiria conquistar sua liberdade. A outra se posiciona contra a imposição de uma religião sendo consumida pelas chamas que ateou em si mesma, fazendo de seu último ato de vida um protesto forte e violento. Outro ponto de convergência entre as duas personagens se dá pela maneira como elas morreram no livro: uma morreu

queimada numa explosão, enquanto a outra ateou fogo em si própria.

Como vimos, o fogo aparece na obra como algo libertador. Isso é recorrente ao longo da narrativa, e um dos exemplos são os opostos entre luz e sombra, como já foi analisado. A luz poderia também estar relacionada à chama acesa, ao fogo e à claridade. A importância do fogo pode ser notada nos exemplos a seguir: o tenente sofreu um trauma ainda na infância com uma cruz de fogo pregada na frente de sua casa; se impacta com a jovem budista autoimolando-se; e se choca ainda mais ao ver pacientes no hospital depois de sofrerem queimaduras de *napalm*. Ao passo que as sombras analisadas até aqui podem ser relacionadas às cinzas que sobram após as queimadas. De certo modo, o que sobra após a utilização do fogo são apenas as distorções do que já existiu, os resíduos escuros e disformes que são abandonados.

Em outro trecho é possível ver que o tenente está perdendo a lucidez naquelas 24 horas, antes de retornar para o seu país. Ele diz amar a amante, mas em seu último encontro com a jovem vietnamita ele reflete: “Seria melhor que ela se consumisse agora numa labareda purificadora como a estudante budista”. (VERISSIMO, 1995, p. 110). Ele não odeia os vietnamitas, mas seu pensamento sobre o assunto é mais uma reprodução do que os estadunidenses dizem sobre aquele povo. Nesse trecho, o tenente reflete sobre o futuro de K. quando envelhecer e não conseguir mais clientes, e, ao pensar na miséria que ela vivenciaria naquele país, por não ser livre nem para deixar de se prostituir, acredita que seria melhor que sua vida se acabasse ali, naquele instante, da mesma maneira que a estudante, purificada pelo fogo. Aqui temos a aproximação que o personagem faz relacionando as duas vietnamitas. Ambas eram jovens e não eram livres naquele país. E as duas acabam morrendo naquela guerra desigual, consumidas pelo fogo. Há uma explosão no *Café Caravelle* minutos após o encontro do tenente com a prostituta. Ela morre no atentado com bomba que destrói o café e o tenente chega a ser arremessado na grama com o impacto. Retomaremos esses eventos mais adiante.

Dando continuidade aos eventos descritos no romance, ainda sobre o sacrifício dos monges budistas, temos outra personagem pensando acerca desse tema. Como podemos verificar, o suicídio é um assunto que está presente ao longo de toda a narrativa, e impacta cada personagem de maneira diferente. Neste trecho o major reflete:

Não é impossível também que, seguindo o exemplo desses sacerdotes de túnica cor de abóbora, eu derrame sobre o meu corpo uma lata de gasolina

(podes ficar certa de que usarei patrioticamente a boa, pura gasolina saída do solo sacrossanto de nosso Estado natal, das jazidas das quais teu pai tem tantas ações preferenciais), acenda um isqueiro, também de fabricação nacional, e vum! lá estarei eu transformado naquilo que os poetas chamam de sarça-ardente. Estou certo de que tenho em mim os elementos duma bela tocha, pois unto não me falta. E agora fico a pensar no meu pobre corpo carbonizado no meio de uma dessas ruas, sob o olhar indiferente dos nativos. (VERISSIMO, 1995, p. 119).

No trecho acima, percebemos o tom de ironia da personagem do major, que ao escrever uma carta para a esposa, descreve que poderia ele também atear fogo em si mesmo, mas que ao fazê-lo se certificaria de que todos os materiais usados no ritual de suicídio seriam de fabricação estadunidense e, por isso, de excelente qualidade. Podemos verificar aqui a crítica intrínseca que aparece. Verissimo é um escritor que consegue exprimir com sutileza os maiores absurdos e sua crítica se encontra nas entrelinhas: um exemplo é que quando inicia a escrita dessa carta, o major afirma: “Mas a verdade é que nosso país está metido até o pescoço na mais surrealista das guerras” (Ibid., p. 118). Isso posto, fica claro que a guerra é vista como, no mínimo, surrealista pelo autor. E o mais interessante nesse trecho é a maneira como o major termina a carta: “Mas, falando sério, algo de terrível me pode acontecer nesta guerra, inclusive sair dela vivo” (Ibid., p. 119). A possibilidade de sair vivo daquele conflito era, para as personagens, algo pior do que morrer naquele país. Esta ideia se encontra no major, no trecho analisado, e no pensamento do tenente, como veremos adiante.

No livro *O mito de Sísifo* (1942) de Albert Camus, filósofo contemporâneo de Sartre, o primeiro capítulo disserta acerca de um raciocínio absurdo e o suicídio. O capítulo inicia afirmando que: “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”. (CAMUS, 2019, p. 19). No caso dos suicídios como rituais, esse pensamento está refutado, uma vez que para os budistas a vida vale a pena ser vivida e a morte não é o fim eterno. Há uma crença religiosa de que o fim da vida não significa o fim da alma. Sendo assim, essa pergunta filosófica só se aplicaria em casos de suicídios que não fossem rituais, como o autor explica em uma nota de rodapé: “na verdade, o suicídio pode estar ligado a considerações muito mais honrosas. Por exemplo: os suicídios políticos, chamados de protesto, na revolução chinesa” (CAMUS, 2019, p. 21). Ou seja, há uma certa honra por trás dos suicídios políticos, rituais ou de protestos. Nesses casos se trata de chamar a atenção para uma causa, podendo ser considerado um ato de valorização da vida: morreu em prol

de uma ideologia. Mas o romance não disserta apenas sobre suicídios honrosos, como vimos nos capítulos anteriores. O suicídio que surge no livro pode ser apenas acabar com uma dor que é maior do que a vontade de viver, como no caso do pai do tenente que, para acabar com a dor do racismo, decide acabar com sua vida. Lembrando que, para Sartre, o suicídio é visto como um problema. A vida é a nossa liberdade e renunciar a ela significa perder a liberdade à qual estamos condenados. De qualquer modo, o suicídio não faz com que as coisas melhorem. Não modifica sociedades, não acaba com ditaduras, apenas o engajamento em vida é que faz com que essas mudanças sejam alcançadas.

Voltando à análise do romance, ainda sobre descrições de ambientes como evidência de um sentimento de prisão, voltamos para um trecho que mostra o calor oprimindo as personagens novamente:

E o pior é que bem posso ser despertado no meio da noite porque outra bomba estourou em algum lugar ou porque algum suspeito foi preso... Tivemos hoje um calor de tal modo intenso que a cidade parecia mergulhada num caldeirão cheio de chumbo derretido. (VERISSIMO, 1995, p. 120).

Nessa citação aparece novamente um sentimento de calor excessivo que o personagem do major descreve, ao não conseguir dormir naquele lugar. A cidade inteira sofre com a guerra, com o calor, com os ataques de ambos os lados. Não podemos esquecer que são tempos de conflito, ninguém se sente livre naquele ambiente hostil, mas o calor é um agravante na condição de prisioneiro de cada personagem.

No artigo: *Quando a ideologia é instrumento de dominação: o aprisionamento do sujeito em O Prisioneiro, de Erico Verissimo (2020)*, Diego Bonatti afirma que Verissimo denuncia o uso de ideologias como instrumento de dominação. Para ele, um filósofo contemporâneo de Sartre explica melhor a questão acerca de cárcere:

A prisão constitui uma forma de supressão de liberdade, em que o prisioneiro, sob influência de um poder superior, encontra-se em uma posição de dominado. Michel Foucault (1999), em *Vigiar e punir*, realiza um resgate histórico de como as prisões e as formas de punição têm se configurado ao longo da humanidade. Após escrever sobre como a punição, inicialmente, se caracterizava como um espetáculo de exibição do poder soberano do rei, o filósofo francês adentra nas mudanças ocorridas na sociedade, e de como os cidadãos passaram a se compadecer dos apenados, que eram torturados em espetáculos de horror, e a clamar por mudanças. (BONATTI, 2020, p. 8).

Foucault disserta em seu livro célebre sobre como as instituições e espaços físicos onde trancamos pessoas para estudar, refletir ou cuidar são sempre lugares onde existe opressão e privação. Ele explica como a mudança desse modelo de punição foi sendo debatida e problematizada ao longo dos tempos. Dessa maneira, o artigo caminha para afirmar que a prisão presente na obra é uma prisão por meio de ideologias.

Por conseguinte, a prisão existente em *O Prisioneiro* não se configura como uma prisão física, ou uma forma de punição do sujeito que comete crimes, mas sim uma espécie de enclausuramento, ao qual o Tenente é submetido sem que perceba ou consiga se libertar. A prisão nesse caso, vem à tona por meio das ideologias, que visam exercer poder sobre o sujeito ao mesmo tempo que dissimulam o efeito de suas ações sobre ele, e que se apresentam como amarras sociais das quais o protagonista não consegue fugir. Tanto seu corpo quanto a sua mente, estão aprisionados ideologicamente, em uma prisão construída e controlada por diversos atores sociais. (BONATTI, 2020, p. 8–9).

Como pudemos verificar na citação do romance mais acima, não se encontram apenas prisões físicas ao longo da narrativa, mas também é possível verificar prisões psíquicas das personagens. Eu concordo com essa leitura, mas acredito que até o ambiente e clima da cidade descrita sejam aprisionantes, não apenas as situações de guerra, mas todo o contexto da época faz com que as personagens se sintam aprisionadas. O calor excessivo da época é descrito como um dos fatores que fazem com que o mal-estar de aprisionamento na cidade surja em todas as personagens. A ambientação da cidade fictícia se passar dentro de um grande conflito histórico é uma das condições para que ninguém se sinta tranquilo e livre. Os bombardeios de ambos os lados, a guerra como um todo torna evidente aquela situação de cárcere. A liberdade parecia algo distante da realidade descrita no romance.

No trecho a seguir, o romance volta para o tenente caído na calçada após a explosão do café. É interessante verificar a quantidade de vezes que ele pensa no nome de K.: “E de repente, cerrando os olhos, teve contra as pálpebras a figura da estudante que morrera queimada àquela manhã... no seu vestido cor-de-rosa-chá, de pé no quarto... Sim, K.! K.! K.!” (VERISSIMO, 1995, p. 128). Ele havia momentaneamente esquecido que a jovem se encontrava dentro do café que acabara de ser explodido. Ao pensar na jovem estudante queimada, lembra da amada prostituta. Ele fala por três vezes seu “nome”, fazendo uma menção meio macabra ao grupo *Ku klux klan*. Após a morte da prostituta na explosão, o tenente a

encontrou quando os policiais e bombeiros a retiraram dos escombros. Ela estava usando o presente que ele lhe dera. Mesmo assim, quando questionado se conhecia a moça, escolhe mentir e não a reconhece para um policial militar. Demonstrou, mais uma vez que, sob pressão, age em desacordo com o que acredita que deveria fazer. Seu primeiro instinto é o de esconder qualquer envolvimento com a jovem asiática por atribuir julgamentos a esse relacionamento, afinal ela era uma prostituta da nação inimiga e ele era um soldado estrangeiro casado.

Naquela madrugada, seguida à explosão, o tenente reflete que não havia motivo para mentir, sente que mais uma vez traiu alguém que ama: “Atraiçoara a pobre menina como havia atraído o pai, a mãe, a mulher, o filho e a si mesmo. (Não era o que se podia esperar dum negro?)” (VERISSIMO, 1995, p. 129-130). Aparentemente, ele age por impulsos e não raciocina sobre seus atos antes de agir. Depois, se culpa pelas ações e o que resulta delas. Os sentimentos de racismo e culpabilidade do próprio tenente surgem nele e se manifestam de maneira velada. O tenente não quer agir de tal maneira, mas quando se coloca em uma posição de escolha, escolhe agir como um covarde, mesmo sem se dar conta disso. Depois se culpabiliza por suas ações e compactua com pensamentos racistas que deveria combater: como quando afirma que não se pode esperar nada diferente disso por ele ser um homem afrodescendente.

Perto do fim da narrativa, o tenente é acionado para uma última missão, e o major o encontra a caminho do hotel, no início da madrugada. Durante a conversa, o major interroga o tenente sobre a explosão que aconteceu há pouco. Pergunta se ele esteve dentro do café, e por resposta o tenente pensa preocupado: “Será que desconfiam de mim? Claro. Um negro é por definição culpado até ao momento em que possa provar o contrário, o que nunca é fácil” (VERISSIMO, 1995, p. 132). Nesse trecho percebemos o quão acuado o tenente se sente, em todas as ocasiões do livro ele sente-se oprimido. Não somente nos momentos de tomada de decisões, mas também em um diálogo informal com um oficial, ele se coloca em uma posição inferior, achando que está sendo interrogado, que é culpado por algo que nem fez. Esses sentimentos de culpa e remorso, como dito anteriormente, são parte dos motivos que demonstram que o tenente não sente ser livre. Seja nos EUA, seja naquela guerra. Ao não se posicionar e lutar, ao se sentir perseguido o tempo todo, ele não está livre.

Para Sartre, as escolhas nunca estão erradas e somos livres para escolher

até não escolher: “existe sempre uma possibilidade para o covarde deixar de ser covarde e para o herói deixar de ser herói. O que determina é o engajamento total e não é um caso particular, uma ação isolada, que engajará você totalmente” (SARTRE, 2012, p. 45). De acordo com Sartre, por sermos livres, somos angústia. Mentimos para nós mesmos e dissimulamos nossa angústia, mentimos também para não escolher nossa liberdade e colocamos a responsabilidade de nossos atos em algo ou alguém alheio a nós. Perdigão (1995) afirma em seu livro sobre *Existência e Liberdade* que:

Algumas vezes, certas doutrinas nos levam a considerar o Ser que somos como um Em-Si pleno e acabado. Julgamo-nos portadores de um arquétipo preexistente, um Eu profundo já perfeitamente constituído, que seria o verdadeiro autor dos nossos atos. Tal “essência imutável” nos dá a ilusão de solidez e permanência, a ideia de possuímos uma “alma”, um “caráter” estabelecido, um “destino” prefixado, contra os quais nada podemos fazer. Somos apenas vítimas de uma sorte já lançada e irremediável, de um determinismo orgânico ou psicológico, e já nascemos da maneira como temos de ser. Se nascemos covardes, façamos o que fizermos, não fugiremos desse estigma. (PERDIGÃO, 1995, p. 116).

A noção de engajamento sartreano está relacionada ao pensamento de que somos a liberdade e, assim, devemos nos comprometer com a construção da nossa essência, assim como na construção da sociedade na qual vivemos, ou seja, para transformar a sociedade naquilo que queremos, devemos nos engajar nela para realizar tal transformação: “O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar.” (SARTRE, 2015, p. 29). Nesse trecho, podemos incluir o escritor Verissimo como uma pessoa engajada com sua escrita, pois temos um homem que questiona e problematiza a guerra no decorrer de seu romance, os problemas e questões da época são debatidos e refletidos na obra fictícia. Por mais que Verissimo não quisesse ser filiado a nenhum partido político<sup>13</sup> e não pretendesse agradar ninguém com suas opiniões, ele estava engajado com a sociedade em que vivia e preocupado com a humanidade como um todo. Ele busca denunciar a engrenagem que move sem parar e usa soldados como peões numa guerra desmedida, mesmo que não seja parte integrante daquele conflito.

Voltando à ordem de acontecimentos descritos no romance, o tenente é incumbido de interrogar um rapaz que foi aprisionado após a explosão do café

---

<sup>13</sup> Não participo da política por falta de talento e de gosto. O partido é uma imposição, uma prisão, e eu prefiro pensar, não em termos de expansão econômica e territorial, mas em termos de vidas humanas. (VERISSIMO, 1999, p. 38).

*Caravelle*. O coronel dá ordens específicas para o tenente, exigindo que ele extraísse do *vietcong* a localização de mais uma bomba que explodiria dentro de quatro horas. Afirmou que não se importava com os métodos que seriam empregados nesse interrogatório, desde que conseguisse a informação. Colocou um sargento, um médico e um tradutor para auxiliá-lo e ressaltou que essa seria a sua última missão. Após algumas horas, iria para casa como um homem livre, um herói de guerra, e não teria maiores preocupações acerca do que ocorresse naquela cela onde o prisioneiro se encontrava. Antes de entrar na sala onde aconteceria o interrogatório, o médico alerta o tenente de que o coração do prisioneiro está debilitado. O tenente vê o prisioneiro e não sente ódio, mesmo sabendo que a primeira bomba que o menino plantou foi a mesma que matou K. e várias outras pessoas. Já o sargento quer empregar o uso da força para arrancar do prisioneiro a verdade, mas não apenas isso, é descrito como uma pessoa que odeia os vietnamitas. Pensa que os vietnamitas são como ratos, baratas ou insetos a serem exterminados.

O tenente se dá conta de que alguns compatriotas que estavam na guerra agiam da mesma maneira que os homens da sociedade secreta *Ku klux klan* em seu país. Ele passa a ver que o preconceito era o mesmo, o ódio e o desprezo que agora estavam direcionados aos asiáticos eram iguais aos que estavam voltados para pessoas negras sem seu país. Os argumentos de que eram uma subespécie de humanos e os xingamentos os comparando a animais eram os mesmos também. A dor de sofrer tal preconceito o tenente podia reconhecer como igual à que sofreu ao longo de sua existência:

Houve, porém, um momento de reconhecimento mútuo em que os olhares de ambos se encontraram e então o tenente, perturbado, viu a própria imagem refletida nas pupilas de K, agora metidas no fundo das órbitas do minúsculo guerrilheiro. (VERISSIMO, 1995, p. 145).

Nesse trecho ele reconhece a si mesmo dentro dos olhos da vietnamita que passou a amar no decorrer do tempo em que permaneceu naquele país. E tomado por uma paixão, se apieda do prisioneiro, compatriota da garota que foi sua amante. Vale ressaltar aqui que apenas nesse momento o tenente enxerga que a mulher com quem se relacionava e que passou a amar ao longo daqueles últimos seis meses era parecida com o inimigo que combatia. Ele conviveu com as atrocidades cometidas durante a guerra e nunca havia percebido que esses “irmãos”

sofriam tanto quanto os homens negros em sua terra natal. O preconceito que cerceava sua liberdade era o mesmo que estava assistindo naquele ambiente. O sargento nesse momento é um homem branco impondo sobre o tenente, um homem afrodescendente, a sua vontade de torturar até a morte aquele jovem soldado magro e descrito como “amarelo”. Ao se dar conta disso, o tenente paralisa-se momentaneamente, como veremos no próximo capítulo.

## 6 A LIBERDADE DE DECIDIR

Dando continuidade à análise da liberdade presente no romance, nos encaminhamos para a parte final da narrativa. Nesse momento temos diversos questionamentos vindos do tenente. Por influência da professora, ele passa a problematizar as suas questões e atitudes. Reflete sobre suas escolhas e como chegou até aquele momento. Ele passa a compreender o inimigo ao invés de subjugar-lo. Temos assim uma evolução do tenente, que levou em consideração os conselhos que ouviu da professora e suas ponderações. Ele analisa de maneira racional onde se encontrava e porque as coisas estavam acontecendo daquela forma em sua vida, sentindo o peso da sua responsabilidade e entendendo que suas escolhas o levaram àquele momento.

No trecho a seguir, o tenente relaciona a liberdade ao que une cada indivíduo diferente que se encontra com ele. Pensa a respeito de como cada personagem ali descrito também não é livre. O que é verdade, eles se encontram numa guerra, e nesse caso não há liberdade: mas o que o tenente reflete é que nenhum personagem que se encontra ali naquele momento é livre no sentido mais amplo:

*A sintaxe da espécie...* Ali estavam ao redor da mesa algumas frases do contexto humano. A combinação não parecia fazer o menor sentido para o tenente. Que tinham aqueles quatro homens em comum, como membros da mesma espécie animal? O desejo de sobreviver e de obter prazer da vida? O medo da morte? A capacidade de amar, de odiar... sim, e de aborrecer-se? O desejo de poderio e de auto-afirmação? Talvez também o amor à liberdade. Mas que era liberdade? Qual dos quatro era realmente livre? Talvez aquele sujeitinho amarelo, raquítico e seminu que, se não tinha podido escolher a sua vida, pelo menos fora suficientemente livre e corajoso para escolher a sua morte. E, acima de tudo, não era estúpido, absurdo o conjunto de circunstâncias que havia reunido ali aqueles quatro "idiomas"? Talvez a combinação daquelas "frases" formasse o incongruente discurso dum parafrásico que, no fundo, podia bem ser uma espécie de tentativa de descrição do caos... (VERISSIMO, 1995, p. 148).

Esse trecho é brilhantemente construído por Verissimo, por relacionar o homem e as palavras construindo a complexidade da cena, fazendo uma análise linguística dos indivíduos que se encontram ali. Ao longo da narrativa têm-se a aproximação das palavras às sombras: temos as palavras como aprisionadoras, e nesse momento de reflexão da personagem o autor aproxima a espécie humana ao entendimento de uma língua. A resposta à pergunta retórica do tenente se inclina para a liberdade, que, como já percebemos ao longo desta análise, é o cerne da

obra literária. Apenas o amor à liberdade une aqueles indivíduos tão distintos entre si, ainda que a liberdade fosse algo completamente diferente intimamente para cada um deles. Verissimo coloca nesse momento a liberdade como algo transcendente ao ser humano. E afinal, fica o questionamento: qual deles seria o mais livre? A resposta de Verissimo para essa pergunta é: nenhum. Nenhum deles era realmente livre, pois não queriam realmente estar ali. Mas a liberdade ontológica é algo do qual não conseguimos nos desfazer e, de acordo com Sartre, se os momentos de maiores opressões são aqueles em que experienciamos maior liberdade<sup>14</sup>, a resposta à pergunta de Verissimo pode ser também: todos eles eram livres. Esse paradoxo é o que tem de mais fascinante na filosofia sartreana. O homem sempre será livre, independentemente de onde esteja, de quais sejam as nuances para determinada situação. A liberdade absoluta está no campo ontológico. Existem outros pensadores mais contundentes que preferem afirmar que a liberdade apenas não existe, e que desse modo o homem apenas acredita ser livre, mas na verdade não o é.

De acordo com Sartre (2012), como já vimos, o homem é a liberdade. Sartre, em *O ser e o nada* (2009), publicado em 1943, desenvolveu diversos raciocínios para chegar a estas formulações, algo que não pretendo explorar aqui. Mas vale dizer, mesmo que de forma resumida, que a ontologia sartreana possui embasamento na fenomenologia de Husserl, que busca relações do homem e do mundo, e para o existencialista francês: o homem almeja a liberdade, ao longo de sua vida, no mundo; liberdade esta que se encontra dentro do homem. Nesse sentido, a existência do homem o torna livre: “se, com efeito, a existência precede a essência, nunca se poderá recorrer a uma natureza humana dada e definida para explicar alguma coisa; dizendo de outro modo, não existe determinismo, o homem é livre” (SARTRE, 2012, p. 33). Perdigão (1995) nos explica o conceito de liberdade sartreana em sua obra:

A liberdade constitui, pois, a razão mesmo da existência do Para-Si, algo que se confunde com vontade, decisão consciente, deliberação racional. O problema consiste em definir precisamente as características dessa liberdade ontológica e nos desvencilharmos das interpretações equívocas a que se viu sujeita essa noção essencial do sistema filosófico de Sartre, todo colocado “em defesa da insuperável singularidade da aventura humana”.

---

<sup>14</sup> Sem a situação, minha liberdade desvanecer-se-ia. E, como a liberdade depende da resistência que se lhe opõe, podemos até dizer que essa liberdade se afirma mais claramente quando sujeita a maiores pressões. (PERDIGÃO, 1995, p. 89).

Pois, para ele, se toda a natureza é regida pelo determinismo, ao homem, e só a este, cabe o reino da liberdade. (PERDIGÃO, 1995, p. 86).

Sendo assim, ainda que estejam numa guerra, ainda que um deles seja um prisioneiro, que todos ali decidam pressionados por ordens superiores, de acordo com Sartre, todos são livres no sentido ontológico da liberdade. De acordo com a filósofa Thana Mara de Souza (2019), Sartre disse, certa vez após o término da guerra, que os franceses nunca foram tão livres como durante a ocupação de seu país pelos alemães na Segunda Guerra Mundial, o que revoltou a comunidade intelectual da época. Entretanto, o que ele estava tentando exprimir, segundo a filósofa, era no sentido de uma liberdade absoluta, que ultrapassa as escolhas do homem e faz parte de sua existência. Uma liberdade que vai além da perspectiva opressora e que se revela apenas em momentos de maior opressão.

Mesmo sentindo piedade do prisioneiro, o tenente ainda se encontrava em um ambiente hostil, na presença de um homem branco que o oprimia e o pressionava: “o sargento avançou gritando — Rato imundo! — Estas palavras soaram na mente do tenente como *negro imundo!* E o homem tatuado segurou o prisioneiro pelos ombros e pôs-se a sacudi-lo” (VERISSIMO, 1995, p. 157).

Como vimos, o tenente começou a sentir uma empatia para com os vietnamitas no decorrer da narrativa: primeiramente, se apaixona pela prostituta K., com quem se encontrava regularmente desde que havia chegado naquela terra; posteriormente, se compadece do prisioneiro que surge ao fim do romance, um menino que tinha apenas dezenove anos. Contudo, é forçado pelo sargento a autorizar a utilização de tortura no interrogatório do prisioneiro, o que resulta na morte do garoto, em decorrência dos problemas cardíacos que o garoto tinha, e sobre os quais o médico já havia alertado.

O tenente ser descrito como um homem de cor foi uma escolha do autor para evidenciar ainda mais a falta da liberdade presente na obra: os traumas que sofreu, a culpa e o remorso que sente, e o arrependimento por seus atos na juventude fazem com que o personagem expresse um misto de emoções ao longo da obra. Naquela guerra, ele foge das questões raciais que estão no auge do debate em sua terra natal, mas ao se dar conta de que o povo que estava naquele lugar sofre o mesmo preconceito racial, como vimos, passa a sentir empatia pelos inimigos. Quando o sargento o deixa sem escolhas, pois seus métodos de interrogatório haviam falhado, e o tempo estava se esgotando, pensa mais uma vez

nos momentos traumáticos de sua vida e daquele dia:

Os cadáveres carbonizados no asfalto. K., de olhos vidrados, metade do corpo queimada. A estudante budista em chamas. Seu pai surrado na rua por três homens parecidos com o sargento... O prisioneiro olhava para ele – sentia o tenente – e parecia esperar dele uma palavra, um gesto, qualquer coisa... (VERISSIMO, 1995, p. 163).

Mesmo sem querer dar a ordem, sente-se obrigado pelo sargento a autorizar a tortura do prisioneiro. Dá a ordem, enfim, e repete a pedidos do sargento, que grava a autorização, uma prova de que a responsabilidade do que aconteceria naquela cela seria do tenente. Após proferir as palavras, ele percebe que cometeu o pior ato de sua vida:

Tremia da cabeça aos pés. Não era ele que tinha falado. Mas outro, um desconhecido, um impostor, um sócia infernal. Por que havia feito aquilo? Detestava a violência. Amava o prisioneiro. Amava K. Odiava o sargento e sua raça. Mas era um *kamikaze*. Acabara de assinar sua própria sentença de morte. Era tarde demais para voltar atrás. (VERISSIMO, 1995, p. 165, grifo do autor).

Como pudemos verificar, o suicídio é algo frequente no romance. No trecho acima, o tenente sabe que assinou sua sentença de morte. Ele não pensa que seria julgado, condenado, responsabilizado por ter autorizado a tortura do prisioneiro: pensa que aquele foi seu último decreto enquanto autoridade na guerra e que não sairia ileso a esse ato. Tem uma certeza interna de que iria morrer. Temos, portanto, nos primeiros parágrafos, a jovem estudante que comete suicídio; o tenente relembra do suicídio de seu pai, e ambos os eventos o assombram ao longo da narrativa, até o momento em que autoriza o uso de força no interrogatório do prisioneiro.

Fazendo uma análise de acordo com a teoria sartreana, o tenente age de má-fé ao tentar fugir das responsabilidades que surgem de suas decisões. Tudo o que mais deseja é não ser um covarde, ou pelo menos deixar de ser um. Mas suas escolhas o tornam o que é. De acordo com Sartre (2012), resumidamente, como já vimos, não se nasce herói, nem covarde: nos tornamos o que desejamos ser a partir das escolhas que fazemos ao longo de nossas vidas. A professora é a personagem que o faz questionar suas escolhas e ações ao longo da narrativa. Todavia, para mudar efetivamente leva-se tempo, coisa que o tenente não teve dentro daquelas vinte e quatro horas.

Pressionado pelo sargento, permite que seja empregada tortura para

interrogar o jovem vietnamita e sente logo de imediato que cometeu um crime de guerra. Vemos que a personagem age pressionada por todos esses sentimentos. Em conflito interno, tudo o que acredita e sente vai contra a ordem que acabava de dar. Apenas se deixa levar e aceita que seu destino era estar ali e cair numa armadilha preparada para que não retornasse para sua casa e família. Apesar de não ter matado efetivamente o vietnamita, o tenente deu a ordem que causou, naquele indivíduo, lesões tão severas que o levaram à morte. Desse modo, a responsabilidade da morte do rapaz cai inteiramente sobre o tenente: “Estou confuso... Há momentos em que me sinto um criminoso, culpado pela tortura e pela morte dum ser humano.” (VERISSIMO, 1995, p. 178). Aqui ele aceita que sua ordem foi criminosa e fica confusa devido à pressão que sente pela responsabilidade cair inteiramente sobre si. Em outro momento da narrativa ele tenta se esquivar desse sentimento de culpa, um exemplo da má-fé descrita por Sartre, no seguinte trecho: “— Mas foi uma ordem superior! Não me restava outra alternativa. Seria preso, se não obedecesse...” (Ibid., p. 190). Assim, percebemos que o tenente é um personagem complexo. Nesse momento da narrativa ele foge de sua lei moral, tentando se eximir de qualquer responsabilidade pela decorrência da tortura do prisioneiro, ao mesmo tempo em que intimamente se culpa, e se sente muito mal com tudo que aconteceu após autorizar a tortura no jovem prisioneiro.

Segundo Sartre, toda escolha carrega uma certa angústia, e, por conta disso, são as mais imprescindíveis de se escolher, mas no caso da decisão de um militar, que delibera por toda uma nação, há o surgimento de um peso ainda maior:

todo chefe militar conhece essa angústia. Isso não os impede de agir, pelo contrário, é a condição mesma de sua ação, pois supõe que eles vislumbrem diversas possibilidades e, quando optam por uma delas, percebem que ela só tem valor por ter sido escolhida (SARTRE, 2012, p. 31).

A angústia que Sartre menciona é a de saber que sua escolha poderá resultar em algo que é maior do que a decisão em si. Sendo assim, mesmo angustiado, uma sentença precisa ser proferida e cabe apenas a esse chefe militar proferi-la.

Sabe-se então que, ao autorizar o sargento a utilizar o método mais violento no interrogatório, o tenente contribui para a morte do jovem, ainda que indiretamente. O percurso que faz após a morte do prisioneiro está relacionado com o que ele pretende fazer para aceitar aquela responsabilidade. Primeiro, o tenente busca refúgio em uma igreja católica. Conversa com um padre e busca se confessar

para receber uma absolvição pelos seus pecados. O que dá errado nesse contexto é que o tenente é da religião batista e não compreende como funciona essa busca por absolvição, pois o padre afirma que não está ali para julgá-lo. O que intimamente quer é ser julgado e condenado, pois acredita que ultrapassou qualquer limite imposto por qualquer religião ao ser responsável pela morte de outra pessoa. Por isso quer ser punido e, quando isso não ocorre, se revolta e comete blasfêmia contra Deus. Sai da igreja praguejando o padre.

O segundo lugar que o tenente visita é a casa da professora. Ele busca a amiga de madrugada para uma conversa franca e honesta como a que tiveram no jantar naquela mesma noite. Ele se abre e conta para ela sobre os últimos acontecimentos e do crime de guerra que acabara de cometer. O que ele buscava era um choque de realidade, que a amiga já havia trazido antes. Esperava que ela o colocasse na posição de carrasco que foi e o julgasse como culpado, mas o que recebe ao invés desse pré-julgamento é uma outra perspectiva sobre a situação. Ela o encoraja a não ficar remoendo o que aconteceu, ou se culpando, e diz que esse é o momento de sua vida em que não pode fugir. Deve enfrentar as consequências de seus atos. Caso seja julgado quando retornar para os EUA, ele deve se defender, afirmar que foram ordens superiores e assumir a responsabilidade de seus atos, além de apontar também que se sentiu pressionado e tentar se justificar. Essa postura engajada de defesa, de assumir as responsabilidades, e de lidar com as consequências é algo com que o tenente não está acostumado. Ele rejeita essa alternativa, e vai embora da casa da amiga, sabendo que jamais voltaria a vê-la. Analisaremos, no próximo capítulo, o que acontece entre eles, mas, por hora, é necessário saber que ele não se importa, realmente, com o que ela o aconselha e segue sentindo-se angustiado com todos os conselhos que recebeu até o momento.

O terceiro e último lugar que o tenente visita antes de ter um surto definitivo é o quarto do médico-capitão. Esse era visto como um homem íntegro e com certeza o culpava pelo que aconteceu com o prisioneiro. Ele o havia avisado três vezes que o prisioneiro tinha problemas cardíacos. Assim, nesse encontro, o médico não o aconselha, e nem o absolve, mas deposita sobre o tenente a culpa por tudo o que havia acontecido ao prisioneiro, e não aceita suas justificativas. Afirma que, por mais que se apresentasse como uma pessoa que sofria preconceito racial, isso não o eximia da responsabilidade de suas ações. Durante a conversa com o tenente, o médico conta sua história: era de origem alemã, um judeu que sobreviveu ao

Holocausto e à Segunda Guerra Mundial. Ao ser confrontado, o tenente ainda assim não assume a sua culpa e tenta fugir da responsabilidade de suas ações.

De acordo com a ontologia sartreana, como vimos, todo chefe militar sabe a importância de sua decisão e se angustia diante dela, porém precisa fazê-la. Sabe que uma escolha errada pode custar a vida de muita gente, mas não se furta de escolher o que é melhor para aquela determinada situação. O tenente não era militar por profissão, foi para a guerra fugindo dos conflitos em sua cidade natal. Angustiado e com medo, faz suas escolhas sem pensar a respeito e quase que por impulso. Geralmente sob pressão, apenas age visando acabar com um problema imediato, sem pensar nas consequências de seus atos.

À luz da filosofia sartreana, vemos que, a angústia de tomar decisões não é suficiente para levá-lo ao quietismo ou à inação. Ao contrário, o homem age mesmo angustiado, sabendo que suas escolhas têm um peso maior. No romance, há um trecho que pode ser relacionado a esse aspecto do pensamento de Sartre:

Um chefe de Estado, reunido ao redor duma mesa com o seu Gabinete e os generais do Estado-Maior de seu Exército, bebendo café, vodka ou *bourbon* pode decidir tranquilamente que seus técnicos devem apertar nesse terrível botão e desencadear a hecatombe. (VERISSIMO, 1995, p. 181).

Em outro momento da narrativa, a personagem da professora afirma que deve haver uma bomba destinada a cada cidade e que com apenas o apertar de um botão toda a humanidade pode ir para os ares. Viver sob esse tipo de tensão é muito ruim. No romance aparece o medo de extermínio que Verissimo tem, pois a vontade de ganhar a guerra ultrapassou os limites de crueldade por diversas vezes antes daquele tempo. Essa é a realidade que eles enfrentam no romance:

O que estou sugerindo é que vivemos sob o terrorismo generalizado e permanente, e que nossa vida e a nossa morte dependem dum punhado de “terroristas” que operam sob os mais variados “disfarces”... Defensores da Civilização Ocidental... da Cultura... do Proletariado... da Fé Cristã... da Liberdade... do Comunismo Internacional, etc. ... Se essas bombas explodirem, eles não serão considerados criminosos simplesmente porque não sobrarão juízes nem tribunais para os julgar e responsabilizar... Porque tudo terá sido destruído, inclusive a teologia, a filosofia, as ideologias... e os apetites econômicos e políticos que inspiraram o gesto fatal... (VERISSIMO, 1995, p. 182).

Desse modo, o que temos descrito no romance é um ambiente hostil, com a política abalada, no meio de um conflito tenebroso. A Guerra Fria e a Guerra do Vietnã estavam acontecendo e o perigo de uma guerra atômica instaura-se era grande. Esse estado de terrorismo que a professora descreve nos mostra o engajamento na

escrita de Verissimo, ao evidenciar problemas que a maioria das populações nem se dava conta. Como já vimos, Sartre também tinha suas preocupações naquela época com ataques de armas nucleares e com as proporções que aquela guerra estava tomando.

Na seguinte citação, compreendemos os sentimentos adversos do personagem principal:

— Juro que amei aquele rapaz desde o momento em que o vi – murmurou o tenente – como se ele fosse do meu sangue, meu irmão menor. Senti pelo prisioneiro uma empatia tão grande, que quando ele estava sendo... torturado, no corredor, sem vê-lo, cheguei a sentir as suas dores no meu próprio corpo... Eu sabia a espécie de tortura que o sargento lhe estava infligindo... esmagava o símbolo da masculinidade do rapaz. Creio que cheguei a gritar. (VERISSIMO, 1995, p. 182).

A culpa por ter abandonado e renegado o pai, a sensação de responsabilidade por ter autorizado o uso de tortura em um prisioneiro que acabou sendo morto, a frustração por ter que retornar para sua terra natal ainda segregada, o remorso por ter julgado sua mãe como prostituta, a traição por ter se relacionado com outra mulher e o pesar do luto: todos esses sentimentos juntos fazem com que o personagem principal do romance analisado seja tão complexo. Ele não age livremente, ele sente-se pressionado desde que chegou naquela guerra, e desde que o avisaram que retornaria à sua pátria. Não queria estar ali, mas tampouco queria retornar.

O preconceito aparece novamente no tenente, mas dessa vez contra os judeus. Assim como pensa que o médico-capitão o discrimina por sua cor de pele, ele próprio tem pensamentos antissemitas ao ver as características físicas do médico:

O tenente sentiu um elemento de hostilidade na maneira como o outro pronunciara aquelas palavras. Estudou o perfil do Capitão, que ainda não havia olhado para ele. O homem tinha uma cabeça volumosa, testa olímpica, cabelos ruivos e crespos, óculos no nariz adunco. Um intelectual judeu típico – pensou. Não podia deixar de admitir para si mesmo que alimentava uma certa má vontade para com os judeus. Tentava reagir contra esse preceito absurdo, mas os motivos mitológicos e folclóricos de seu anti-semitismo estavam entranhados nele, vinham da infância e da adolescência. Ecoavam-lhe na memória vozes dos guetos negros de seu passado: “Aquele judeu safado da casa de móveis me logrou”. – “Já está aí de novo o judeu da prestação”. – “Raça maldita! Assassinos de Cristo!”. (VERISSIMO, 1995, p. 188).

Ao conversar com o médico, é confrontado por ele com duras críticas, não aceitando desculpas ou justificativas do tenente. O médico revela que não mentirá

em seu relatório e afirmará que o prisioneiro foi torturado. O tenente diz que não é nenhum assassino e pede para que o médico reflita um pouco ao saber das circunstâncias que o fizeram tomar aquela decisão. O médico mostra a sua tatuagem no pulso com um número, e conta sua história. Refutando o judeu, o tenente afirma: “– Acho desnecessário dizer-lhe que sou negro. Nós também conhecemos as humilhações dos guetos”. (Ibid., p. 191), e, desse modo acredita que esteja em igualdade com o médico em termos de preconceito sofrido e perseguição contra raça. Em resposta o capitão se revolta: “– Ah, tenente! Não queira comparar... Nosso caso foi mil vezes pior, talvez o mais horrendo e insensato pesadelo da História. Temos sido, durante milênios, os bodes expiatórios da Humanidade.” (Ibid., p. 191). E continua contando sua história dentro do holocausto, mostrando para o tenente um pouco de que as circunstâncias não devem ser justificativas para seus atos.

Após essa conversa com o médico, o tenente volta a sentir-se culpado, pressionado, angustiado, covarde etc. O médico-capitão é chamado para um atendimento urgente no hospital e o tenente começa a se sentir atordoado. O nativo que trabalha na recepção do hotel havia lhe dito que o dia de seu retorno aos EUA era um dia não auspicioso e o aconselha a dormir com os pés em direção ao sul. Ao invés de seguir as recomendações do nativo, passa a madrugada inteira acordado e no raiar daquele dia, segue o médico até o hospital, alucinando que estava sendo convocado para ser responsabilizado pelas decisões que tomou contra o prisioneiro. E esse é o começo de seu surto que analisaremos mais profundamente no capítulo final da pesquisa.

## 7 A MULHER BRANCA E O HOMEM PRETO

Neste capítulo apresentaremos mais algumas das complexidades psicológicas que estão presentes no personagem do tenente. Retomando a procura por absolvição da personagem após a morte do prisioneiro, ele busca primeiramente perdão em uma igreja qualquer, diferente da qual frequenta em sua terra natal. E, como vimos, esse movimento não gera a paz de que precisa, nem consegue diluir a culpa que carrega. Depois ele procura a única amiga que fez naquele país estrangeiro:

Cinco minutos mais tarde estava sentado numa sala, na presença da professora. Passara pela frente da casa e, vendo duas janelas iluminadas, batera à porta, levado por um impulso. Sua amiga não parecera surpreendida por vê-lo àquela hora e naquele estado. Convidara-o logo a entrar. (VERISSIMO, 1995, p. 177).

Como foi dito anteriormente, a professora é a voz da razão nesse romance. Ela não fica surpresa em vê-lo pois tinha consciência de que esse homem estava atormentado por diversas questões. Ele a via como amiga, mas no restaurante, horas antes desse encontro, ele a enxergara de modo diferente pela primeira vez, pois naquela ocasião já não estava uniformizada, repleta de traços masculinos. Agora em sua casa, ele a vê vestida confortavelmente e se questiona: “A professora vestia um *ao-dai* de gaze azul por cima do pijama branco. Seus pés estavam metidos em chinelos. Que direito tinha ele de violar a intimidade daquela mulher?” (Ibid., p. 177).

Esse questionamento evidencia o sentimento de que está agindo em desacordo com suas crenças. Acredita que um homem jamais deve visitar uma mulher solteira tarde da noite, pois está invadindo a privacidade dela. Ou seja, seu entendimento de mundo lhe diz que isso que está fazendo está errado, e sua visão de estar fazendo algo proibido o faz se perguntar: que direito o tem de violar a intimidade da casa daquela mulher? Não aceita suas atitudes, questiona seus atos a cada passo que dá.

A professora não altera seu comportamento diante daquele homem, independentemente das roupas que está vestindo ou do horário em que ele está chegando, para ela não foi uma violação de intimidade essa visita. Percebe que ele é um homem precisando de ajuda, de uma conversa, de um colo... e ela está ali para suprimir essa carência de bom grado, como amiga e como ser humano ao ver

uma pessoa agoniada e prestes a surtar.

Eles retomam as conversas iniciadas no restaurante, ele lhe conta sobre a sua despedida de K., sobre a bomba que explodiu na sua frente, sobre como ficou sem rumo após ver a parceira morta no chão, sobre o chamado para um último serviço antes de retornar para os EUA, sobre a compaixão que sentiu pelo prisioneiro, sobre a autorização do emprego de tortura e a morte do jovem vietnamita. Foram dois nativos que morreram na sua frente naquela noite, além da jovem budista, que havia cometido suicídio na manhã do dia que ainda não tinha acabado. Ela pondera tudo o que ouviu e cita uma Engrenagem que esmaga as pessoas, da qual não se pode fugir. De acordo com Chaves:

Quando a personagem de *O prisioneiro* conclui pela necessidade de “desmanchar a Engrenagem”, está enunciando a radicalização do pensamento social de Erico Verissimo que já se anunciara num romance publicado em 1964: *O Senhor Embaixador*. O liberalismo político encontra-se aí em artigo de morte, o que deve ter certamente uma importância decisiva no ideário do romancista, se considerarmos que, desde 1940 (ano de *Saga*) uma das questões obsessivamente tratadas é justamente a da possibilidade de sobrevivência do liberal num contexto político que se estratificou nos extremismos ideológicos esquerda/direita, comunismo/fascismo. (CHAVES, 1976, p. 129).

É possível verificar que desde a década de 40 Verissimo escreveu romances que abordam a liberdade e temas políticos. Demonstra que pensar sobre esses temas era fundamental para aquele período conturbado no Brasil e no mundo. *senhor embaixador* (1964) e *Saga* (1940) são os dois romances que, além de *O prisioneiro* (1967), se passam fora do Brasil. Em ambos temos críticas acerca da sociedade, como o comentador afirma acima, e há indícios de uma busca pela liberdade. No romance aqui analisado, Verissimo utiliza a voz da professora para levar o leitor à reflexão.

Retomando o desencadeamento da narrativa, em sua casa, a professora diz para o tenente mais uma vez que as palavras são fundamentais para o entendimento da vida, mas que não se deve dar mais valor às palavras do que às coisas que elas representam, pois se trata apenas de nomes inventados. Quando o tenente usa termos como “culpado” e “criminoso” para se referir a si mesmo, ela lhe afirma:

Estamos outra vez tropeçando em palavras. Mas a verdade é que jamais nos livraremos da sua tirania. Nem da nossa teologia ou da nossa mitologia particular. Eu prefiro dizer, sinceramente, que você é, antes de mais nada, uma vítima da Engrenagem. E que é preciso desmanchar essa Engrenagem

e recomeçar tudo sobre bases novas. É um trabalho para séculos, mas alguém em alguma parte um dia tem de começar... (VERISSIMO, 1995, p. 178).

O que a professora está inferindo é que o tenente é o seu próprio tirano. Ele tem seu dogmatismo particular que não aceita suas ações, que se julga e se condena antes mesmo de poder se defender. E nesse sentido afirma que ele não passa de um produto da Engrenagem criada para que as pessoas se autorregulem, se autocontrolem, ou seja, é alguém que apanhou por diversas vezes da sociedade racista em que vive e que tem medo de cada decisão que toma ao longo de sua vida, devido aos reflexos condicionados aos quais foi submetido. Ele sente-se aprisionado e pressionado a se sentir um criminoso: culpado, apenas por ter a cor de pele diferente da qual a sociedade o fez acreditar ser a cor padrão. Já a professora, vendo toda essa pressão dentro da personagem principal, afirma que para desmanchar essa engrenagem seriam necessários séculos, mas que ele deveria primeiramente sair da posição de carrasco e se aceitar mais como ser humano que é repleto de angústia, falhas, mas que tem uma boa índole.

Acredito que o movimento de começar uma mudança de ressignificação das palavras tenha sido iniciado quando grandes personalidades afrodescendentes conseguiram ser ouvidas, com muita luta, com muita resiliência, mas que conseguiram ser reconhecidas por sua arte, seu trabalho e sua competência. As sociedades já podem ter dado o primeiro passo para uma mudança futura, porém o caminho é longo para se atingir uma igualdade justa e estamos apenas no início. Mas ao olharmos para trás, na época de Verissimo, e observarmos como as pessoas eram tratadas nos EUA segregacionista, com grupos deliberadamente atacando pessoas pretas, com uma impunidade gigantesca, podemos ver que houve uma pequena mudança, ainda que existam casos como o de George Floyd (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020) nos EUA, ou diversos outros aqui no Brasil, nos quais pessoas pretas são covardemente agredidas, atacadas ou mortas. Com movimentos e protestos populares crescendo, pessoas racistas têm sido responsabilizadas e sofrido as consequências de seus atos cada vez mais e, desse modo, acredito que sejam exemplos a não serem seguidos, para que outras pessoas não se sintam livres para cometer atos de racismo e sair impunes.

Segundo Chaves (1976), Verissimo possui uma atitude ideológica presente em sua escrita e, desse modo, podemos afirmar que sua escrita engajada é

importante para que a sociedade perceba críticas em suas obras, não apenas romances com histórias interessantes:

Daí porque considere importante, na definição da atitude ideológica de Erico Verissimo, a trágica certeza da falência do liberalismo enquanto possibilidade de ação política enquanto “solução” para a problemática das personagens de *O Senhor Embaixador* e *O prisioneiro* ou, ainda, enquanto linha mestra do pensamento social do próprio escritor. Queimando etapas – das perplexidades e dúvidas de Floriano Cambará ao melancólico fracasso de Pablo Ortega – a lúcida consciência da condição de *prisioneiro*, determina a firme rejeição dos extremismos ideológicos em que se estratificou a ação humana e, ao fazê-lo, atinge a impugnação de todo o código dos antivalores que rege a Engrenagem. (CHAVES, 1976, p. 138).

A partir desse dado, podemos inferir que a presença da Engrenagem e a problemática da liberdade são temas recorrentes nas obras de Verissimo, não apenas no romance analisado. Dessa forma, o autor já era engajado com sua literatura e sua sociedade muito antes desse romance se tornar realidade. Obras como *Noite* (1954) e *O senhor embaixador* (1965) podem ser consideradas muito parecidas com a obra estudada nesta pesquisa, por tratarem o indivíduo como um prisioneiro de um sistema complexo e opressor. Desse modo, ao colocar temas complexos e interessantes do ponto de vista filosófico presentes no romance, Verissimo pretende levar seu leitor à reflexão sobre assuntos considerados tabus na época.

De acordo com o médico e filósofo Frantz Fanon, ao discorrer sobre as problemáticas daquele período, sobre como uma mulher branca não poderia se relacionar livremente com um homem preto sem ser julgada pela sociedade por isso, ao passo que o homem preto jamais poderia sequer pensar em se relacionar com uma mulher branca, pois seria repreendido, era como se fosse proibido. Fanon nos explica que:

Na compreensão dos fenômenos dessa ordem, o trabalho do analista e do fenomenólogo se revela bastante árduo. E, se houvesse um Sartre para realizar uma descrição do amor fracassado, não sendo *O ser e o nada* outra coisa senão a análise da má-fé e da inautenticidade, o amor verdadeiro, real — desejar para os outros aquilo que se postula para si, quando essa postulação integra os valores permanentes da realidade humana —, continua a exigir a mobilização de instâncias psíquicas fundamentalmente livres de conflitos inconscientes. (FANON, 2020, p. 57).

Desse modo, Fanon diz que o sentimento do tenente de se culpar por suas ações, por se sentir invadindo a intimidade daquela mulher, são resultados de seus conflitos inconscientes. Retornando para os eventos narrados no romance, temos a

incidência de mais um dado sobre luz e sombras. Agora é a claridade que ofusca os sentidos do tenente, devido ao cansaço físico e mental, ele prefere ambientes mais escuros: “Ele ergueu a cabeça e ficou de olhos piscos, como se a claridade o ofuscasse. A professora ergueu-se e apagou a luz do lustre, deixando só a da lâmpada que caía direta sobre a sua poltrona.” (VERISSIMO, 1995, p. 178).

A professora enquanto amiga, ajuda-o a dissolver todo aquele estresse: “Trate de relaxar esse corpo. Tente não pensar mais no seu problema. Pelo menos esta noite.” (Ibid., p. 179). É isso que o tenente tenta fazer, se desligar completamente daquela realidade e esquecer os sentimentos que lhe oprimem. Entretanto, isso é muito difícil para ele, que questiona toda aquela situação. Devido aos sofrimentos que sentiu ao longo de toda uma vida, não conseguia aceitar todo aquele sentimento de bondade, empatia e afeto vindo gratuitamente da professora. Ele se questiona novamente:

Era a única amiga que tinha no mundo. A imagem da própria esposa passou-lhe pela mente como a fotografia de uma pessoa vagamente conhecida que vimos um dia numa revista, num relance... O perfume que vinha do corpo daquela mulher era como uma aura do paraíso. Mas que direito tinha ele à bondade dela? (Ibid., p. 180).

Mesmo assim, parece que está testando se aquela mulher lhe colocaria limites em algum momento, se aceitaria quaisquer pedidos dele, se colocando na posição de coitado. “Ele já se sentia melhor, embora persistisse o peso na cabeça. Pediu à professora que apagasse a luz, e ela lhe fez a vontade.” (Ibid., p. 182). E assim, passa a refletir sobre aquele dia e como tudo o que havia planejado acabou acontecendo de maneira diferente. Começa a relatar à sua amiga que sente que falhou diversas vezes como homem naquelas últimas vinte e quatro horas.

– E o que me desespera é que hoje falhei mais de uma vez como homem. Com K. no quarto, por cima do Café... Na cela, diante do prisioneiro, deixando-me dominar pelo sargento... Mais uma vez me encolhi, medroso, e fugi diante do homem branco... Lembra-se da história da minha infância, quando meu pai foi atacado na rua por três brutamontes? Por favor, diga-me o que pensa de tudo isso! (Ibid., p. 182-183).

Temos aqui o tenente se demonizando para a professora, pedindo para que ela concorde que ele foi um covarde, assassino, criminoso... pois precisa da validação dela. Mesmo que o sentimento seja o de que todos esses adjetivos estejam corretos, ele quer ouvir da amiga que essa é a realidade. Ela, no entanto, não concorda e continua a tratá-lo de maneira amigável. “Como única resposta a

professora teve um gesto que ele não esperava: fê-lo pousar a cabeça no seu regaço. Nos primeiros instantes ele ficou contrafeito e tenso. Ela continuou a falar com a maior naturalidade.” (Ibid., p. 184). Ela compreende a complexidade da situação: não acredita que esse homem seja inocente, mas não quer julgá-lo. Sabe que sua função naquele momento é de trazer um pouco de paz para a cabeça já atormentada desse homem.

Esse ato de compaixão e de colo vindo dela o fez começar a sentir-se homem de novo. Como descrito no livro, o tenente acredita que para ser um homem é preciso demonstrar a sua virilidade ou de maneira sexual ou de modo a se comportar como um brutamontes. E de acordo com o romance:

Ele teve então consciência de que sua cabeça estava aninhada sobre o vale do sexo daquela *mulher*. Seu corpo ressuscitou para uma sensibilidade que não era a dor. Um calor, que não vinha da atmosfera ambiente, lhe acendeu a carne, e a sua virilidade despertada enrijou-se, agressiva, com tanta força que ele dobrou automaticamente as pernas para esconder aquela vergonha. (VERISSIMO, 1995, p. 185).

Com o aval silencioso dela, ele recupera a virilidade que lhe era importante como uma forma de despedida, pois ambos sabiam que jamais voltariam a se encontrar novamente, e então eles iniciam uma relação sexual:

[...] – num silêncio ofegante estava em cima dela no sofá, a mexer-lhe açodadamente nas roupas e depois a procurar com seu sexo o sexo dela. E quando o achou, foi como se descobrisse a porta de sua salvação, da sua libertação, da vida eterna... (Ibid., p.185).

Segundo Fanon (2020), o homem afrodescendente que tem relações com uma mulher branca sente-se como um homem branco. Na sociedade racista da época não eram permitidos casais inter-raciais e muitos homens negros eram acusados de estupro quando tentavam ter relacionamentos com mulheres brancas.

No terceiro capítulo do livro *Pele negra, máscaras brancas* (2020), Fanon fala sobre a complexidade da época com relação ao homem de cor ter intimidade com uma mulher branca. Para Fanon, existia nos homens negros de sua época um súbito desejo de serem brancos: “Não quero ser reconhecido como *negro*, mas como *branco*.” (FANON, 2020, p. 79). Desse modo, o autor continua seu raciocínio afirmando que a mulher branca teria o poder de torná-los brancos: “Quem pode propiciar isso, se não a branca? Ao me amar, ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. (Ibid., p. 79). Assim, a validação da professora ao consentir o ato sexual com o tenente é de extrema

importância para ele. Sua liberdade chega da maneira mais inesperada e sente-se finalmente um homem branco. Além disso, a sua virilidade estava restabelecida. Voltava a se sentir homem novamente.

Mas esse sentimento não dura muito tempo. Ao final da relação, a professora se desvencilha dele rapidamente: “Ela espalmou ambas as mãos no peito dele e empurrou-o. Ele se deixou cair pesadamente no chão e ali ficou a respirar com dificuldade, as mãos cobrindo as faces.” (VERISSIMO, 1995, p. 186). Desse modo, o tenente volta a sentir vergonha de ter feito tudo o que fez naquela noite: Ter ido até a casa da amiga, invadido a intimidade daquela mulher, ter se relacionado sexualmente com ela, sentir-se livre como um homem branco.

Ao refletir acerca de tudo isso, lembra que no restaurante mais cedo a professora lhe confidenciou que havia sido estuprada no período da Grande Guerra e pensa no horror da cena. Quando rememora rapidamente esse trauma dela, faz analogia ao que havia acabado de acontecer entre eles e se enoja: “Vieram-lhe à mente os repugnantes soldadinhos amarelos que se haviam revezado sobre o corpo da menina, chupando os dentes de prazer.” (Ibid., p. 186). Sente-se culpado de imediato, como se houvesse estuprado aquela mulher, invadido a sua privacidade, sua casa, seu corpo. Como se ela não tivesse consentido, ou como se tivesse se arrependido. Dessa maneira, coloca-se no lugar a que acreditava pertencer: o lugar de um homem “negro”.

Ele espera alguns minutos e se recompõe para se desculpar com a amiga:

- Perdão... – murmurou ele. – Não... não sei como foi... que isso aconteceu. A voz da amiga soou tranquila às suas costas.
- Não fale, por favor. Não se explique.
- Mas eu... – insistiu ele, sem coragem de voltar-se.
- Agora pode ir embora – disse ela com uma firmeza sem rancor. – Não há mais nada, nada mesmo, que eu possa fazer por você. (Ibid., p. 186).

Ela não o trata mal, porém, não havendo mais nada a fazer para que ele pudesse se sentir melhor, pede calmamente que ele vá embora. Ao dizer isso ele sai, ainda com a sensação de ter cometido um estupro. Ele não se permite deixar acreditar que uma mulher branca o aceitaria daquela maneira. Ele mantinha uma relação com K., uma oriental e prostituta. Gostava de pensar que ela o amava, mas no fundo acreditava que era apenas por causa do dinheiro que esse relacionamento era possível. Agora a amiga não tinha nenhuma obrigação de ser gentil com ele. Naquele dia eles discordaram de diversas maneiras sobre diversos assuntos. Ele

não podia acreditar que ela pudesse sentir compaixão por ele daquele jeito, talvez pensasse até que não merecesse tamanha empatia.

De acordo ainda com Fanon (2020):

[...] historicamente sabemos que o negro acusado de ter dormido com uma branca era castrado. O negro que possuiu uma branca se torna tabu para os seus semelhantes. É fácil para a mente definir os contornos desse drama em torno de uma preocupação sexual. (FANON, 2020, p. 86).

Dessa maneira conseguimos entender em partes o tamanho do conflito interno com o qual o tenente estava se deparando naquele momento: ele estava numa terra estrangeira, defendendo um país segregado e que o fazia sentir-se odiado; acabara de perder a mulher com quem se relacionava, uma prostituta vietnamita, ou seja, uma inimiga com quem traía a esposa, que por sua vez enfrentava sozinha as dificuldades de criar seu filho naquele período de medos e violências contra seu povo. Ainda é designado a uma última missão que o responsabiliza pelo emprego de tortura a um jovem vietnamita, que em decorrência de tamanha violência acaba morrendo, e, para concluir, a única amiga que fizera naquela guerra lhe mostra como se sentir querido, desejado, viril e branco... e depois o manda seguir em frente, sem ser rude, mas de modo ríspido.

Todos esses sentimentos só fazem aumentar a angústia que o tenente sente. A pressão psicológica na qual está inserido, o tamanho dos medos e da agonia que sente, a vontade de fugir daquele lugar sem saber qual lugar seria melhor para si: é tudo isso vem à tona, encaminhando-se para o fim do romance.

Fanon (2020) afirma que “É preciso que este mito sexual – a busca pela carne branca – transmitido por consciências alienadas, não venha mais a prejudicar uma compreensão ativa”. (FANON, 2020, p. 95). Acredito que o peso de ter tido relações com uma mulher branca fez mais mal para o tenente do que o bem que ela acreditava estar fazendo a ele. Isso porque ele é um exemplo do que Fanon (2020) chama de consciência alienada. Ele acredita que esse mito sexual era a única maneira de ser livre. E, de fato, é assim que se sente por poucos minutos. Entretanto, esse sentimento some quando se dá conta de que não estava sendo amado por uma mulher branca. Ela estava apenas fazendo-o sentir-se melhor consigo mesmo depois de um dia terrível, repleto de traumas e mortes dentro de uma guerra. Fanon (2020) encerra seu terceiro capítulo dizendo que:

De modo algum deve a minha cor ser experimentada como uma tara. A

partir do momento em que o negro aceita a clivagem imposta pelo europeu, ele não tem mais trégua, e, “em vista disso não é compreensível que tente acender até o branco? ascender na gama das cores aos quais o branco atribui uma espécie de hierarquia?” (Claude Nordey, em S. E. Jean Verdier et al., *L'Homme de colour*. Paris: Plon, 1939.) (FANON, 2020, p. 95).

Assim, demonstra-se como era complexo naquele período relacionar-se com alguém de etnia diferente. O racismo que as sociedades da época reproduziam fazia com que o homem afrodescendente se sentisse demonizado, como um monstro do qual nenhuma mulher branca poderia chegar perto. As mulheres que fossem afrodescendentes e se relacionassem com homens brancos eram tidas como prostitutas. Os homens brancos não se casariam com essas mulheres, mas se divertiriam com elas até o momento em que quisessem.

A realidade daquela época infelizmente se faz ainda muito atual. Apesar de termos caminhado para um lugar onde a igualdade já se faça presente em diversos contextos, ainda estamos muito longe de alcançar esse ideal de uma forma generalizada. E assim, pudemos verificar o quão intensificados estão os sentimentos do tenente e o quão complexo era ser um homem como ele naquela época. Sua angústia, ansiedade, medo e neurose vão crescendo na medida em que as horas passam, pois dentro de poucas horas ele embarcará para sua terra natal e os conflitos de guerra terão ficado no passado, mas sua realidade será enfrentar outro conflito.

## 8 O ENGAJAMENTO DO TENENTE

No contexto analisado, pode-se ver o abismo entre essas duas sociedades, que são colocadas para guerrear de maneira desigual e desumana, numa guerra na qual os dois lados cometeram atrocidades, onde as perdas foram enormes para a humanidade como um todo. Os extremismos da guerra possuem algo em comum: a violência contra aquele povo. Verissimo, por ser um escritor cosmopolita engajado, aponta o racismo evidente na época, o mesmo racismo sofrido tanto pelos negros quanto pelos vietnamitas. A ambiguidade presente em *O prisioneiro* (1995) se exprime por humanizar os personagens e questionar o certo e o errado, o bem e o mal. O que pode ser bom dentro de uma guerra? Como uma pessoa consegue fugir dos seus problemas se inserindo em problemas maiores?

No livro de entrevistas, Verissimo (1997) explica que é contra guerras, antirracista e contra a aceitação fácil dos motivos que foram usados para justificar aquele conflito. Ele afirma que sua intenção ao escrever a obra era de evidenciar que:

*O Prisioneiro não é só o vietcong que plantou a bomba e que está sendo interrogado e torturado. Prisioneiros são também todos os demais personagens e de certo modo o próprio autor do livro é igualmente um prisioneiro. Ao escolher para o papel de inquisidor um tenente negro, eu também pude incluir na minha história o problema do homem de cor norte-americano. Existem trinta por cento de soldados negros lutando no Vietnã. Eles defendem uma civilização que os repudia e esse é um dos absurdos de toda essa situação. (VERISSIMO, 1999, p. 35-36, grifo do autor).*

Assim, a falta de liberdade presente na obra encontra-se nos trechos analisados, que evidenciam um racismo estrutural que o tenente sofre e posteriormente reproduz. O ato de renegar suas origens é considerado um absurdo, a tentativa da personagem de fugir da própria cor é uma tentativa triste e dolorosa. E ao ser oprimido pela guerra e por sua cor, o tenente se deixa manipular pelo sargento, não toma a decisão de acordo com o que sente e quer. Em um diálogo com a professora, após todos os acontecimentos, ela explica que é necessário se engajar:

— Seja para onde for. Mais tarde ou mais cedo você terá que tomar uma posição. Nestes nossos tempos, a neutralidade não é possível. Não existem mais esconderijos físicos ou psicológicos no mundo. É a hora do compromisso. (VERISSIMO, 1995, p. 184).

Considero esse trecho da narrativa fundamental para vincular o romance de

Verissimo à filosofia sartreana. O que a professora — personagem que representa o ponto de vista de Verissimo — quer dizer, como já visto, é que nos tempos de conflito o homem deve se engajar. Um exemplo do engajamento no sentido sartreano seria o do próprio Verissimo ao escrever o romance *O prisioneiro* (1995), evidenciando suas críticas e opiniões sobre aquele período, Verissimo apresenta uma literatura engajada e a partir desse romance acredita-se que passa a ser um autor engajado, mesmo querendo se abster de uma opinião política. Segundo Bordini (2012, p. 272): “Em *O prisioneiro*, a mulher representa perspicácia, repouso e consolação”. Já vimos que a professora exprime de alguma maneira a opinião do autor. Temos a prostituta como uma mulher que o tenente confia e vê o repouso em meio daquele ambiente hostil. E mais para o fim da narrativa temos a professora novamente como a amiga que consola o tenente.

Mesmo nos momentos finais, o romance apresenta ainda descrições de sentimentos de sufocamento do personagem principal ao entrar no elevador e sair num corredor mal iluminado:

O tenente apanhou a sua chave, entrou no elevador e levou algum tempo para discernir e apertar o botão sob o número cinco. A gaiola começou a subir, lenta. No quinto andar a perspectiva do corredor evocou-lhe a “catacumba” com tamanha intensidade, que, estonteado, ele perdeu o equilíbrio e teve que recostar-se numa das paredes, sentindo a iminência duma dor entre as pernas. (VERISSIMO, 1995, p. 187).

No trecho analisado, vemos a comparação do elevador a uma gaiola e do corredor a uma catacumba, ambos os lugares permitem que surja a sensação de se estar preso. O tenente está aprisionado a cada passo que dá, isto é, em nenhum ambiente daquela cidade, naquela guerra, se sente completamente livre. A opressão é gigantesca e, por conta dessa aflição, suas tomadas de decisões não estão de acordo com suas vontades. Como podemos, porém, na perspectiva sartreana, tomar decisões que não queremos?

O ponto de convergência entre os temas suicídio e racismo está na ideia de que o tenente, assim como seu pai, comete suicídio. Ao final do romance ele tem um surto, pega uma metralhadora e ameaça atirar em seus compatriotas. De certo modo, ao agir assim, cometeu suicídio, pois não queria voltar para casa. Sabia que, ao apontar uma arma para um soldado no meio da guerra, seria atingido e neutralizado imediatamente. Ele resolve deixar de ser um covarde dentro da guerra, e num momento de alucinação, decide se posicionar e não mais fugir de um

enfrentamento de seus traumas. Essa decisão o leva à morte, que lhe impede de retornar para sua família nos EUA, como queria. Pode-se classificar este como sendo um último ato de desespero vindo do tenente. Utilizando a filosofia existencialista de Albert Camus (1942), um autor contemporâneo de Sartre, percebe-se que o sentimento que impera no tenente é o de que a vida não vale mais a pena ser vivida:

As pessoas se matam porque a vida não vale a pena ser vivida, eis uma verdade incontestável – infecunda, entretanto, porque é um truísmo. Mas será que esse insulto à existência, esse questionamento em que a mergulhamos, provém do fato de ela não ter sentido?” (CAMUS, 2019, p. 23).

O questionamento de Camus pode ser interpretado como um debate direto ao pensamento de Sartre, como verifica-se em um trecho no qual há uma citação indireta ao filósofo: “Esse mal-estar diante da desumanidade do próprio homem, essa incalculável queda diante da imagem daquilo que somos, essa “náusea”, como diz um autor dos nossos dias, é também o absurdo” (CAMUS, 2019, p. 29). Para Camus, o existencialismo gera uma angústia tamanha que leva ao absurdo do suicídio ou ao absurdo da esperança, enquanto a filosofia sartreana afirma que a angústia não leva à inação, nem ao suicídio, pois a liberdade se dá no percurso da vida. É relevante trazer Camus para o debate, uma vez que a pergunta mais importante da filosofia para o autor é trazida por Verissimo no romance: Vale a pena viver?

De acordo com a teoria sartreana, o homem pode escolher o suicídio:

Posso rebelar-me subitamente [...], decidir me suicidar: essas medidas extremas são tomadas por causa do passado que é meu; se visam destruí-lo, é porque existe, e minhas decisões mais radicais não conseguem mais do que adotar uma posição negativa a respeito do meu passado, mas no fundo isso significa reconhecer a imensa importância do passado como plataforma e ponto de vista. (SARTRE, 2009, p. 610).

O passado está ligado às escolhas futuras, o escolher é o que nos define como seres livres e a vida é o que nos permite escolher, o que legitima nossa liberdade. O que se verifica no fim da obra de Verissimo é um tenente que escolhe não mais escolher. Apenas não quer mais ter responsabilidades gigantescas sobre assuntos polêmicos dentro de uma época complexa. O momento em que mais se sentiu livre foi dentro daquele país, naquela guerra. Livre para se envolver com uma mulher asiática e ninguém ver problema nisso por ele ser um homem negro. Livre

para não precisar se posicionar em relação à guerra racial que ocorria em sua pátria. Livre para tentar ser feliz apesar de sua cor, talvez até aceitá-la melhor.

Após uma leitura mais aprofundada do romance, percebe-se que a personagem principal tem um desejo secreto de se matar por não querer se engajar na guerra racial dos EUA, um período que estava em ebulição naquele momento. Muhammad Ali foi chamado para servir no exército e lutar na Guerra do Vietnã em 1967, e se recusou num ato de resistência negra. Apresentou uma justificativa religiosa que não foi aceita e o governo norte-americano deixou duas opções para o atleta: “— prisão ou serviço militar naquela que era considerada uma ‘guerra do homem branco’ contra outra raça oprimida” (WIEST-MCNAB, 2016, p. 209). Ali não foi preso, no entanto, perdeu oportunidades de participar de campeonatos, de sair do país, entre outras represálias. Com certeza, um homem engajado com a causa, corajoso e à frente de seu tempo. Martin Luther King Jr (WIEST-MCNAB, 2016) foi outro grande ícone da época, com seu discurso popularmente chamado “eu tenho um sonho”, em 1963, liderou protestos pacíficos pela igualdade entre brancos e negros e lutou pelo fim da segregação racial nos EUA (BRASIL DE FATO, 2018).

Esses eventos e personalidades surgiram naquela época, enquanto o personagem descrito no romance se encontrava no Vietnã. O que precisamos ter em mente é que o tenente não era uma personagem engajada. Ao contrário, não queria se comprometer com a luta pela igualdade racial, isso porque tinha sofrido demais ao longo de sua história.

Desse modo, pode-se verificar que a liberdade, ou a falta dela, está presente nas descrições do lugar, no título, na escolha de tema, na ambientação do romance, no clima da cidade etc. E desse modo, analisamos que um conflito entre duas nações é um lugar que propicia a privação de liberdade, mas que a Guerra do Vietnã é uma guerra ainda mais complexa por se tratar de um conflito interno, dividindo uma nação em dois polos que contavam com apoio de duas potências imperialistas. Isso porque a Guerra Fria era um evento ainda em andamento naquele momento, e a nação vietnamita havia passado mais de três décadas lutando pela sua liberdade, enquanto os EUA estavam divididos por conta da segregação racial que ocorria em seus territórios. Ambos os lados lutavam pela liberdade em seu sentido mais amplo: o Vietnam estava procurando resolver conflitos internos, buscava a independência de sua nação, sua identidade, ao passo que os EUA queriam apenas combater a ameaça comunista que crescia no mundo.

Se o homem deve fazer aquilo que quiser com a sua vida, logo, o tenente opta por ser um homem que despreza suas origens e renega sua própria cor. Entretanto, como podemos ver na seguinte afirmação: “O homem é responsável pelo que é. Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência” (SARTRE, 2012, p. 26), ou seja, carregamos a responsabilidade das nossas escolhas justamente por sermos livres para escolhê-las. De acordo com o comentador sartreano Perdigão (1995) explica:

O que se quer dizer aqui é que o indivíduo, inventando sua vida, sempre traça uma imagem do que o homem deve ser, segundo os seus juízos e valores – mesmo que não faça a menor reflexão sobre isso e mantenha, digamos, uma total indiferença para com os outros. [...] Age, em suma, como se fosse o legislador universal. [...] Nossa responsabilidade individual envolve toda a humanidade. [...] Somos livres. Resta-nos descobrir o que devemos fazer com essa assombrosa liberdade. (PERDIGÃO, 1995, p. 115).

Assim o é com o tenente: precisa conviver em paz com o que decidiu fazer de si mesmo, entretanto, o que aparece no livro é o seu desassossego. Os fantasmas do passado ainda o assombram e ele sente remorso, culpa e ressentimento por suas ações que julga como traições. Esses fantasmas são o racismo sofrido na infância, a vergonha que sentia da mãe, a negação ao pai, a motivação do suicídio do pai, a traição à esposa e ao filho, além do constrangimento de ter sido um covarde em relação a todas essas situações, nas quais decidiu fugir ao invés de se comprometer.

Mais para o fim do romance, temos um personagem judeu: o médico-capitão, que relata em detalhes como o antissemitismo fez parte de sua história e como os horrores dessas memórias se fazem presentes nas suas tomadas de decisões:

Formei-me em Medicina, escolhi uma profissão que é a negação mesma do assassinio. Adotei a nacionalidade do país que me acolheu. Evitei o casamento. Tive medo de ter filhos, porque eles seriam judeus como eu, e jamais pude esquecer aquelas crianças que vi no campo, esqueléticas de fome, roxas de frio ou mortas, deformadas, vítimas das “experiências” de um médico louco. (VERISSIMO, 1995, p. 195).

De acordo com o filósofo Franklin Leopoldo e Silva (2019), a teoria sartreana sustenta que “*humanismo* é algo inseparável de *compromisso*, porque estamos todos engajados na mesma aventura” (SILVA, 2019, p. 116). Essa aventura é a realidade humana histórica. Desse modo, o homem, livre, deve engajar-se consigo

mesmo, e ao decidir pelo compromisso, está escolhendo por toda a sociedade na qual está inserido. Ou seja, o homem, ao se engajar na sociedade, exerce sua liberdade da melhor forma possível. No caso do médico, cuja vida está marcada por atrocidades, coube-lhe fazer o melhor de si, para modificar sua história. Ele perdeu toda a sua família no campo de concentração, o que fez com que sentisse ódio até da língua dos alemães. O trauma envolvendo a morte de milhares de pessoas gerou angústia e dor, entretanto, o médico escolheu passar o resto de sua existência salvando vidas, o que é o oposto do que fizeram à sua família. Ele engajou-se em uma causa para dar sentido ao seu propósito existencial. Seu propósito foi o de mudar a realidade de prisioneiro de um campo de concentração para um médico livre que salva vidas em uma outra guerra. Diferentemente do médico, o tenente não soube elaborar seus traumas e, por isso, as escolhas que ele toma não condizem com quem ele de fato quer ser: não ser um covarde.

Na parte final do romance, o tenente, angustiado e consciente de sua covardia, tem uma alucinação e acredita que está novamente fugindo dos homens brancos que perseguiram ele e seu pai. Ele já tinha procurado e conversado com a professora, com um padre e com o médico-capitão para buscar alguma forma de conforto pela decisão que havia tomado, a qual havia culminado na morte do prisioneiro. Ao dialogar com o médico judeu, ele o segue e vai parar em um hospital cuja cena que encontra é mais terrível que a do suicídio da jovem budista: “As luzes do corredor lhe revelaram o horror... O soldado queimado por *napalm*<sup>15</sup> havia quase perdido a forma humana, mais parecia um animal escorchado, dum vermelho vivo de lagosta”. (VERISSIMO, 1995, p. 200). Mais uma vez, o tenente relata sentir náusea e um calor excessivo: “O calor continuava pesado, opressivo, implacável” (Ibid., p. 200).

Após esse encontro frente a frente com o horror de se estar numa guerra, o tenente foge do hospital e anda pela cidade, sem rumo e sem saber direito quem era, onde estava. Ao ser parado por uma viatura militar, outro soldado negro lhe pede os documentos de identificação, mas o que acontece é que escuta a mesma frase que ouviu quando tinha dezessete anos e seu pai foi agredido: “O que chegou à consciência do tenente foi uma frase que a memória enferma lhe enviou, uma frase antiga, temível e carregada de injustiças e ameaças. ‘Agarra o negro!’ [...] Uma

---

<sup>15</sup> Líquidos inflamáveis, uma arma química usada por militares.

fúria reventou-lhe o peito. Ah não! Desta vez não!” (Ibid., p. 201).

Desse modo, o tenente se compromete com o projeto que quer seguir de não ser um covarde. Escolhe pela primeira vez se redimir de toda a culpa que sente, se desvencilhar do remorso, da opressão, da angústia e do sentimento de covardia que lhe perseguiu ao longo de sua vida, pega a metralhadora do soldado e grita: “Foge papai, foge!” (Ibid., p. 201). Atira, assim, contra o veículo dos militares e tenta proteger um pai que existia apenas em sua cabeça. Ele decide agir, finalmente, se posicionar e deixar de ser um covarde que sempre foi. Isso o leva à sua morte, o que de certo modo também era o que desejava naquele momento: que toda a pressão de se sentir prisioneiro cessasse.

O final do romance de 1967 lembra de certa maneira o fim de outro romance de Verissimo: *Incidente em Antares* (1971). Verissimo também problematiza a liberdade nesse romance, mas voltando seus olhos para o que acontecia no Brasil naquele período da história. Nas páginas finais da narrativa, os cidadãos de Antares não mencionam o incidente e procuram viver sua vida sem relembrar do acontecido, os que lembram são desacreditados pelos outros. Entretanto, o narrador afirma que de vez em quando alguns estudantes acabavam pichando nos muros do cemitério palavras ditas como politicamente subversivas. O jovem estudante que começou a escrever o palavrão foi morto a tiros pelos guardas municipais, ditos na narrativa como “dedicados”. Por lá passam um pai levando seu filho para a escola e ambos param para ver o que havia ocorrido naquela madrugada. Ao ver que seu pai não lhe diria o que estava escrito no muro, o filho inicia sua leitura de criança que está sendo alfabetizada. Esse palavrão que surge na cena final do romance nos possibilita relacionar a obra de 1971 com a presente pesquisa sobre *O prisioneiro*:

O pequeno, entretanto, para mostrar aos circunstantes que já sabia ler, olhou a palavra de piche e começou a soletrá-la em voz muito alta: “Li-ber...”.

– Cala a boca, bobalhão! – exclamou o pai, quase em pânico. E, puxando com força a mão do filho, levou-o, quase de arrasto, rua abaixo. (VERISSIMO, 1978, p. 485).

Nesse romance, o fato de o pichador ter sido morto e ficado uma mancha de sangue no lugar não causa impacto algum nos cidadãos. Agora uma criança tentar ler a palavra “Liberdade” é um escândalo e o pai precisa remover seu filho daquele ambiente antes que lhe cause problemas com as autoridades. A liberdade sempre foi um tema tido como importante de ser debatido por Verissimo, e ao mesmo tempo,

um problema para sociedades ditas livres. Como o livre debate acerca de questões tabus pode ser censurado e a sociedade continuar afirmando que é livre? Como compactuar com o racismo é uma maneira de lidar com os problemas que dele provém? Não há liberdade alguma numa sociedade racista. Muito menos numa sociedade desigual que joga tudo o que é diferente à margem.

No romance analisado, o tenente busca acabar com as dores e as pressões advindas do racismo e das responsabilidades que carrega em si. Ao decidir se engajar em não ser mais um covarde e enfrentar seus medos e problemas de frente, ele age de maneira alucinada e acaba com o projeto de sua vida.

Logo, podemos inferir que o tenente, por não suportar lidar com as responsabilidades de suas decisões, decide acabar com a sua vida, mesmo que esteja sofrendo um surto. Ao escolher pegar a arma, estava enfrentando seus fantasmas e, ao mesmo tempo, decidindo acabar com seu sofrimento. Assim temos mais um suicídio descrito no romance. Após esses eventos, a professora vai ao necrotério reconhecer o corpo do amigo e quando outros militares presentes afirmam ser uma pena ter morrido horas antes de ser enviado para casa, ela responde: “Ele já está em casa” (VERISSIMO, 1995, p. 204). Dessa forma, fica evidente que, para o tenente, acabar com o sofrimento de uma vida repleta de conflitos era algo melhor do que se posicionar e continuar lutando ao longo do resto de sua vida. Ele não queria voltar para casa, só queria que aquele sofrimento todo cessasse.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise temos diversos tipos de liberdades debatidas ao longo da narrativa. Existe a liberdade de escrever e se engajar presente no romancista. Vimos a liberdade sartreana paradoxal, que permite que aprofundemos a análise do personagem do tenente. Há a privação da liberdade imposta em pensamentos racistas e preconceituosos de diversas personagens, incluindo o tenente. E existe também a liberdade ontológica, ou seja, em seu sentido mais amplo, que nos permite afirmar que todas as personagens no romance eram livres, ainda que nenhuma delas se sentisse de tal modo, por estarem primeiramente inseridas em uma situação de guerra.

Percebemos a importância das palavras ao longo de toda a narrativa. Palavras que o autor do romance deixa de usar, como os nomes das personagens, ou dos eventos narrados, ou ainda dos lugares descritos, e vimos também que as palavras aprisionam, que as palavras podem ser as sombras das coisas em si e que as sombras são uma maneira de privação de liberdade.

Vimos que a cor da pele do tenente é uma espécie de cárcere para ele, e que a cidade é aprisionante devido ao calor excessivo. Finalmente, a guerra é um ambiente que por si só já demonstra falta de liberdade. Mas aquela guerra em específico tratava de um momento que a opressão estava ligada ao extermínio, uma vez que os soldados estadunidenses estavam interessados em acabar com os vietnamitas, e nos EUA, os grupos segregacionistas estavam interessados em dizimar as pessoas afrodescendentes. Ainda pudemos observar a liberdade presente nas tomadas de decisões das personagens. Desse modo, abordamos vários aspectos da liberdade e os relacionamos, em sua maioria, com a teoria existencialista sartreana.

Analisamos a importância das palavras e como elas podem se tornar as sombras das coisas. Temos na narrativa o uso do fogo como uma espécie de libertação e vimos que o suicídio é algo impactante, mas que é necessário discutir sobre ele. As pessoas tendem a fugir dos eventos traumáticos em suas vidas, como o tenente fugiu da morte de seu pai. Entretanto, esses traumas retornam para nossa vida, pois fazem parte da nossa história.

Verificamos que Verissimo se engaja com a sua escrita, uma vez que escreve esse romance para evidenciar uma sociedade que não era livre, e em como

as pessoas poderiam relacionar aqueles tempos de guerras longínquas com a situação de ditadura militar no Brasil da década de 1960. Verifica-se ainda que o papel das mulheres nesse romance é o de contemplação e compaixão, mas que Verissimo utiliza uma professora para ser a porta-voz de suas opiniões. Verificamos também a denúncia de como uma sociedade racista tolhe a sensação de liberdade das pessoas e temos a crítica às pessoas racistas, tanto pela perspectiva de Verissimo, quanto nas filosofias de Sartre e Fanon. A liberdade em seu sentido mais amplo é dita como parte interligada ao homem, desse modo, o homem é a liberdade, e está condenado a ela.

O trabalho analisa filosoficamente como a má-fé, a angústia e a liberdade sartreana se exprimem nas personagens, principalmente na personagem do tenente. Procuramos, ainda, explicitar cada termo filosófico com citações do comentador sartreano Perdigão, para que o entendimento da teoria existencialista fosse possível. A abordagem sobre as questões mais complexas do romance só foi possível graças aos livros indicados pela banca de qualificação, que auxiliaram na ampliação da fortuna crítica do trabalho, bem como no aprofundamento das teorias filosóficas.

De acordo com a presente pesquisa, podemos inferir que Verissimo era um autor engajado com a sua escrita e seus leitores, que provavelmente conhecia a filosofia existencialista de Sartre e que procurou escrever um romance político em que essa teoria complexa estivesse presente em suas personagens. Ao afirmar que procurou fixar suas personagens em uma grande Engrenagem, mesmo no sentido sartreano, o autor nos apresenta um dado que nos é possível afirmar seu conhecimento sobre o filósofo e sua teoria. E sabe-se também que, enquanto um humanista cosmopolita, Verissimo estudava temas que eram importantes para todo o mundo naquele período. Mas mesmo depois de ter vivido muitos anos fora do Brasil, seus romances falavam sobre as desigualdades e interesses de sua terra natal. Estava sempre preocupado com que rumo o Brasil tomaria e buscava criticar aquilo que não concordava dentro de seu próprio país.

O romance analisado romance é uma crítica que — mesmo que de maneira sutil, pois viviam-se em uma ditadura — busca evidenciar horrores de privações de liberdade para levar o leitor à reflexão de temas atuais. Não se pode negar o brilhantismo de Verissimo e a inteligência do autor ao escrever um romance político sem se nomear personagem algum, ou os eventos narrados, nem mesmo os lugares onde a narrativa se passa.

## REFERÊNCIAS

ALT, Fernanda Fróes Garcia. **Sartre e seus heróis bastardos**: a produção de sentido na literatura como engajamento no tempo presente. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

BONATTI, Diego. **Quando a ideologia é instrumento de dominação: o aprisionamento do sujeito em O prisioneiro, de Erico Verissimo**. Navegações, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-12, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2020.1.35327>. Acesso em: 21 abr. 2022.

BORDINI, Maria da Glória. **A poética da cidade em Erico Verissimo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

BRASIL DE FATO. "Eu tenho um sonho": há 55 anos, Martin Luther King proferia discurso histórico. **Política**, Luta por igualdade, São Paulo, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/08/28/eu-tenho-um-sonho-ha-55-anos-martin-luther-king-proferia-discurso-historico/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: realismo e sociedade**. Porto Alegre: Globo, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: o escritor e seu tempo**. Porto Alegre: Escola Técnica Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996

CNN BRASIL. **Número de mortes por Covid-19 no Brasil em 2021 já supera todo ano de 2020**. São Paulo, abril, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/numero-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-em-2021-ja-supera-todo-ano-de-2020/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

DUTRA, Nícollas Cayan Teixeira; OLIVEIRA, Juliana Prestes de; ALÓS, Anselmo Peres. A poética da Guerra: a literatura engajada em Le Mur e em O Prisioneiro. **Muitas vozes**, Ponta Grossa: v. 8, n.2, p. 312-324, 2019. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/13554>. Acesso em: 07 nov. 2020.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Bolsonaro insufla manifestantes com discurso golpista em atos pró-voto impresso pelo país. **Política**, ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/em-ato-por-voto-impresso-bolsonaro->

novamente-coloca-eleicao-de-2022-em-duvida.shtml. Acesso em: 05 jul. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. George Floyd. **Crítica**, 10 ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/george-floyd/>. Acesso em: 09 jul 2022.

GALLIMARD. 2022. Disponível em: <http://www.gallimard.fr/web/gallimard/catalog/Html/revue/temp.htm>. Acesso em: 04 jul. 2022.

LEVENSON, Claude B. **Budismo**. Tradução de Rejane Janowitz. Porto Alegre: L&PM, 2013.

LOBSTEIN, Dominique. **Impressionismo**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MARTINS JUNIOR, Leandro Augusto. Mundo bipolar e a guerra fria. **Globo.com**, Educação. história, jul. 2022. Disponível em: <http://educacao.globo.com/historia/assunto/guerra-fria/mundo-bipolar-e-guerra-fria.html>. Acesso em: 05 jul. 2022.

NUNES, Romecarlos Costa. **A encenação de A Engrenagem de Jean-Paul Sartre: dimensões estéticas e políticas no Brasil dos anos 1960**. 2009. 153f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16366>. Acesso em: 05 mar. 2022.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PHAT GIÁO. **Thánh tử đạo, nữ Huỳnh trường Nguyễn Thường Đào Thị Yến Phi**. Setembro, 2022. Disponível em: <https://phatgiao.org.vn/thanh-tu-dao-nu-huynh-truong-nguyen-thuong-dao-thi-yen-phi-d13615.html>. Acesso em: 02 jul. 2022.

PLATÃO. *A Alegoria da Caverna*. **A república**, 514a-517c tradução de Lucy Magalhães. In: MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

PYKE, Douglas. **Viet cong: Organização e técnica da frente de libertação nacional do Vietnã do sul**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Edições G.R.D., 1967.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

SARTRE, Jean-Paul. **A prostituta respeitosa: peça em um ato e dois quadros**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1992.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: João Batista

Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução: Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. A concepção de liberdade em Sartre. **Filogenese**, v. 6, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Sartre e o humanismo**. São Paulo: Convite à reflexão. Edições 70: Almedina, 2019.

SOUZA, Thana Mara de. **A liberdade em Sartre**: São Paulo: Edições 70, 2019. (Convite à reflexão, Discurso editorial).

TIME. **South viet nam**: the light that failed. June, 1966. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,942006,00.html>. Acesso em: 02 jul. 2022.

VERISSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. Rio de Janeiro: Editora Globo S. A., 1978.

VERISSIMO, Erico. **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Organizado por Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Sulina, Secretaria Municipal da Cultura, Acervo Literário de Erico Verissimo, CPL, PUCRS, 1990.

VERISSIMO, Erico. **O prisioneiro**. São Paulo: Globo, 1995.

VERISSIMO, Erico. **A liberdade de escrever**. Organizado por Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1999.

WIEST, Andrew; MCNAB, Chris. **A história da Guerra do Vietnã**. Tradução de Christiane S. Caetano. São Paulo: M. Books do Brasil, 2016.